



GRUPO EDITORIAL

Five

O DIABO DO BROOKLYN

L. K. SHAW

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

L. K. SHAW

O DIABO DO BROOKLYN

Tradução: Thayna Valentim

1ª Edição



GRUPO EDITORIAL

Five

2024

Porto Alegre

O Diabo do Brooklyn

Copyright © 2021 LK Shaw

Copyright da Tradução © 2024 Editora Five

Todos os direitos reservados.

Produção Editorial: Grupo Editorial Five

Arte de Capa: LK Shaw

Adaptação de Capa: Bia Santana Design

Tradução: Thayna Valentim

Revisão: EN Serviços Editoriais

Preparação: Thátia Gonçalves

Diagramação: Carol Dias

Imagens de diagramação: mariia_fr e Freepik

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma — impresso, digital, áudio ou visual — sem a expressa autorização sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L789 Shaw, L. K. O Diabo do Brooklyn [livro eletrônico] / L. K. Shaw ; tradução Thayna Valentin. -- 1. ed. -- Porto Alegre, RS : Grupo Editorial Five, 2024. --(Série Os Reis do Brooklyn ; 1) ePub Título original: The Devil I Don' t Know ISBN 978-65-85185-93-6 1. Ficção norte-americana I. Título. II. Série. CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Sumário

[Início](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

[Sobre a autora](#)

[Sobre a Five](#)

Aviso:

*Este livro contém assuntos e cenas sensíveis,
que podem ser gatilhos para alguns leitores.*

Leia com cautela.



PRÓLOGO

— Pelo poder que me foi conferido pelo estado de Nova York, eu agora vos declaro marido e mulher. Você pode beijar sua noiva.

Me preparo para o ataque. Em vez disso, seus lábios secos mal se aproximam dos meus e então ele nos vira de frente para a pequena multidão composta por minha família e dois homens que presumo serem dele. Posso ouvir o padre falando atrás de mim, mas bloqueio as palavras novamente. Minha mãe está chorando enquanto meu pai está sentado estoicamente ao lado dela. Não consigo olhar para meus irmãos e irmãs. Meu olhar, em vez disso, se concentra em vovô. Sua expressão é de satisfação. Por que não seria? Ele conseguiu o que queria.

Ele se levanta de seu assento.

— Venham ao meu escritório. — Ele se vira, esperando que todos o sigamos.

Meu — engulo em seco — *marido* coloca a mão na parte inferior das minhas costas e me encolho ao seu toque. Ouço um suspiro pesado ao meu lado. Como uma ovelha sendo levada ao matadouro, saio da sala de música e entro na toca de meu avô. Paro perto da mesa, fora do caminho. Fico surpresa ao descobrir que as únicas pessoas que chegam atrás de mim são meu novo marido e o enorme e intimidador homem.

Meu avô franze a testa para a sua presença.

— Você pode sair.

O homem ignora o comando e se posiciona contra a parede,

braços cruzados, com uma expressão entediada no rosto. Meu queixo quase cai com o desrespeito.

— Receio que Pierce não receba ordens de ninguém além de mim — meu marido diz secamente, sua voz profunda e baixa.

Uma veia lateja perto da têmpora de meu avô e seu rosto fica da cor de um tomate maduro. Ninguém o desobedece. Pelo menos não sem sofrer as consequências. Com uma calma enganosa, ele vai até sua mesa e pega uma caneta em cima de uma folha de papel. Meus olhos pousam nele. *Certidão de casamento.*

— Assine. — Segura a caneta na minha frente.

Fico paralisada, incapaz de me mover. Com minha assinatura, tudo se torna definitivo. Não há como desfazer nada disso.

Não posso fazer isso.

Há um lampejo de movimento e, em seguida, uma dor ofuscante. Lágrimas brotam do impacto da mão de meu avô em meu rosto. Um rugido de raiva vem logo em seguida. Viro minha cabeça a tempo de ver meu avô preso contra a parede, agarrando a mão do meu marido em volta de seu pescoço.

— Não dou a mínima para quão poderoso você pensa que é. Se tocar em minha esposa de novo, vou cortar sua garganta e enterrar seu corpo onde ninguém jamais o encontrará. Você entendeu? — ele rosna.

O rosto de vovô está ficando roxo escuro. Ele consegue dar um aceno curto... e meu marido o solta. Tosse e engasga, tentando desesperadamente sugar o ar. Ignorando totalmente o homem ofegante, meu marido se vira e, em um piscar de olhos, está de pé diante de mim. Ele se eleva sobre mim, e tenho que esticar meu pescoço para olhar para ele. Uma sombra de brutalidade perdura em seus olhos. Estende a mão e, apesar de tudo, me encolho... de novo. Ele apenas pega a caneta que meu avô deixou cair e a estende para mim.

— Nosso casamento é um acordo comercial, então entendo que se opõe a ele. Nenhum de nós quer isso, mas uma coisa que posso prometer é que nunca colocarei as mãos em você em um ato de raiva.

Estremeço com seu tom áspero. *Espere.* Se ele também não quer se casar comigo, então por que fez isso? Meus olhos viajam por cima de seu ombro para encontrar meu avô, que ainda está esfregando o pescoço e olhando para mim. Em seguida, eles se movem para o homem enorme que permanece à espreita no canto. Ele está olhando para o

meu avô. Seu silêncio contínuo e seu olhar de aço me enervam. Há uma prontidão de alerta em seu corpo, como se estivesse esperando para entrar em ação e defender seu chefe. Por fim, volto meu olhar para meu marido, que ainda está com a caneta na mão.

Eu o observo de novo. Seu cabelo escuro está penteado para trás, suas sobrancelhas são uma linha afiada sobre os olhos que se fixam em mim. Um calafrio me percorre com sua intensidade, e quase posso me perder olhando para eles. São da cor do conhaque preferido do meu pai. Apesar da ferocidade que exibiu momentos atrás, eles parecem quase gentis agora.

Em um movimento que me surpreende, estendo a mão e pego a caneta. Nossas mãos se encostam. Antes de mudar de ideia, rabisco minha assinatura na linha acima onde meu nome foi impresso. Posso sentir os olhos de meu marido em mim. Ele pega a caneta dos meus dedos, sua pele deslizando na minha. Arrepios sobem pelo meu braço. Confusa com minha reação, rapidamente dou um passo para trás enquanto meu marido, Emilio, assina seu nome ao lado do meu.

Ele enrola a certidão e a enfia no bolso interno do terno. Está feito. Entreguei minha vida a um estranho. Um homem que, momentos atrás, me mostrou quão brutal ele é. Apesar de sua promessa, não sei se posso confiar nele.

Santo Deus, o que foi que eu fiz?



CAPÍTULO 1

Jacob

O mais leve aroma do oceano flutua com o vento. Isso me lembra minha mãe. Das viagens que costumávamos fazer para Coney Island durante o verão quando eu era criança. Onde, por breves horas, pude ignorar meu destino. O mesmo destino que tenho fugido nos últimos sete anos. Meu exílio auto imposto não vai durar para sempre. Mais cedo ou mais tarde, as responsabilidades da *famiglia* me chamarão para casa. Muito antes de eu estar pronto.

Descanso meus antebraços na grade do segundo andar da minha propriedade e olho para a vasta extensão, para o vale onde fica a pequena cidade de Pinegrove, na Carolina do Norte. A forte brisa da primavera penetra nas camadas do meu terno e respiro o ar tingido de sal. É quieto aqui. Sem buzinas. Sem sirenes de polícia. Apenas natureza.

Alguém pigarreia atrás de mim. Fecho brevemente os olhos, inspiro uma última baforada de ar fresco e salgado e depois libero. Apenas uma pessoa se intrometeria em minha solidão. Me viro para enfrentar um metro e noventa e oito de músculos sólidos. Os olhos vermelhos do fogo infernal da tatuagem de caveira cobrindo todo o seu pescoço me encaram por entre o colarinho da camisa aberta. Pierce é um filho da puta intimidador em um dia normal. Hoje, sua expressão é

mais sombria do que o normal.

— Você tem um telefonema.

— Anote o recado.

Ele balança a cabeça.

— É Sal.

Parece que “mais cedo” acabou de chegar.

Calmamente, entro e me sento em minha mesa de cerejeira sólida. Pierce se posiciona contra a parede, braços cruzados, esperando. Incapaz de evitar meu destino por mais tempo, solto um suspiro antes de atender o telefone.

— Olá, pai.

— *Chegou a hora de você voltar para casa.*

Isso é cansaço e dor em sua voz?

— Acho que você e tio Paulie estão lidando bem com as coisas sem mim.

— *Emilio... Jacob, estou morrendo.*

O ar em meus pulmões congela com sua declaração. Meu nome. Nenhuma vez, em trinta e seis anos, meu pai me chamou de Jacob, embora fosse como minha mãe me chamava, para sua grande consternação. Ouvir isso de seus lábios agora? É um apelo. E Salvatore Ricci não se tornou chefe do sindicato do Brooklyn implorando por algo.

— Quanto tempo?

— *Os médicos dizem de três a seis meses, dependendo do tratamento.*

— Alguém mais sabe? — Se a notícia de que meu pai está doente se espalhar, não há como dizer o que nossos inimigos tentariam.

— *Apenas Paulie.* — Há uma pausa. — *Por agora.*

Paulie Lasco. Meu tio adotivo e *consigliere* de meu pai nos últimos trinta anos. Fecho os olhos e conto até dez antes de abri-los novamente.

— Pierce e eu estaremos no próximo voo para Nova York.

O homem contra a parede se endireita ao ouvir seu nome.

— *Paulie irá encontrá-lo no aeroporto. Ele vai te informar sobre as coisas antes de você chegar aqui.*

— Sim, senhor.

— *E Emilio... ficarei feliz em vê-lo.*

Abro a boca e depois a fecho. Faço uma pausa antes de abri-la novamente.

— É melhor eu ir fazer as malas. — Desligo o telefone. Um rugido irrompe do fundo do meu peito. Em um único movimento, me levanto e jogo tudo da minha mesa no chão com um estrondo. Caio de volta na minha cadeira, minha respiração áspera no silêncio da sala.

— Vou pedir à Agnes vir limpar. — Pierce caminha em direção à porta para chamar minha governanta.

— Não — ordeno. — Eu cuidarei disso.

Ele gira de volta para mim.

— O que está acontecendo, Jacob? Além do fato de que estamos voltando para Nova York.

Não há uma alma neste planeta em quem eu confie mais do que o homem do outro lado desta sala. Ele escolheu se exilar comigo há sete anos. Logo depois de massacrarmos o inimigo que feriu Francesca. Tem sido meu melhor amigo durante toda a nossa vida.

— Meu pai está morrendo.

Pierce se move para a cadeira à minha frente.

— O quê?

— É hora de eu voltar e assumir meu lugar como chefe do sindicato.

Ele solta um suspiro irregular e passa a mão pelo rosto.

— Meu Deus. Não consigo acreditar. Achei que Sal sobreviveria a todos nós. Quanto tempo ele tem?

— Não mais do que seis meses.

As implicações que vêm com a morte do meu pai são generalizadas. Guerra civil entre as famílias. Um contrato na minha vida. Nossos inimigos se unindo para destruir tudo o que meu avô construiu.

Pierce manteve contato constante com Paulie ao longo dos anos. Com exceção da doença de meu pai, ele sem dúvida sabe mais sobre o estado atual de nossa organização no Brooklyn do que eu. Ele está muito mais preparado para assumir do que eu. No entanto, ele não tem nenhum desejo de estar no comando. Fui preparado para isso desde o momento em que respirei pela primeira vez.

— Você sabe que haverá aqueles que desafiarão seu direito de tomar o lugar de seu pai.

Não há dúvida em minha mente. Alguns gostariam de nada mais do que usurpar minha posição. Especialmente devido à minha longa ausência.

— Eles podem tentar, mas falharão.

Posso não querer que o papel confiado a mim ao nascer, mas com a morte de meu pai no horizonte, ainda assim é meu, e matarei qualquer um que tentar tirá-lo de mim.

— Eles vão querer que você prove sua lealdade. Não só ao seu pai, mas a todo o sindicato. Você está longe há muito tempo. As coisas mudaram. As alianças mudaram. Nossos inimigos não são quem eram antes.

— É para isso que eu tenho você. Confio em você para compartilhar comigo tudo o que sabe em nosso voo de volta à cidade. Tio Paulie vai nos encontrar no aeroporto.

Pierce se levanta da cadeira.

— Vou ligar para o piloto e avisar quando nos esperar. Terei o carro pronto em uma hora.

Aceno distraidamente. Descanso meus antebraços em minha mesa e os viro para olhar para as palmas das minhas mãos.

Mãos que estão cobertas de sangue. Sangue *dela*. Ainda vejo seu corpo deitado no meio da cama. Pálido. Frio.

Os lençóis vermelhos que, apenas algumas horas antes, brilhavam com um branco brilhante. Cerro os punhos como se pudesse espremer o sangue deles. Como de costume, não funciona. Ainda está lá. Tirando sarro de mim. Me lembrando.

Levanto da cadeira e, peça por peça, pego itens do chão e os devolvo à minha mesa. Então ando pela casa e entro em meu quarto. Meu domínio privado. Jogo a mala sobre a cama e coloco vários ternos dentro. Metodicamente, guardo meus produtos de higiene pessoal. Abro a gaveta de cima da cômoda e empurro para o lado as camisetas perfeitamente dobradas. Nos recessos mais escuros, meus dedos se agarram a uma pequena bolsa de veludo.

Com movimentos cuidadosos, puxo a corda e viro a bolsa de lado. De lá desliza um frasco quase vazio de perfume feminino. Levo-o ao nariz e inalo, sentindo o aroma dos lilases. Comprei este vidro no seu aniversário, oito anos atrás. É a única coisa dela que me resta. Eu o coloco de volta dentro do saco de veludo e o guardo dentro de minha

bagagem.

Com as malas na mão, desço a escada para onde Pierce está. Ele as pega de mim sem dizer uma palavra e sai pela porta da frente para o carro que está esperando. Minhas emoções são voláteis, e ele percebe isso. Fico lá por um momento, e então o sigo para fora. Tenho responsabilidades e uma dinastia que não posso mais ignorar.



Menos de duas horas depois, o jato particular derrapa na pista. Ele rasteja em direção à fileira de hangares que alinham seu perímetro e o sedan preto que espera lá. Duas figuras estão do lado de fora do veículo. A aeronave para bruscamente. Um dos homens dá um passo à frente para nos cumprimentar enquanto descemos as escadas.

— Emilio, que bom ver você. — Paulie me abraça com vários tapinhas nas costas.

— Você também.

— Venha, vamos conversar no carro. Seu pai está ansioso para vê-lo.

Assim que estamos todos acomodados no veículo, Paulie enfia a mão no minibar. Ele serve uma bebida para cada um de nós antes de se recostar no assento.

— Suponho que Pierce colocou você em dia sobre o estado atual das coisas.

— Sim. Nunca pensei que veria o dia em que Salvatore Ricci formaria uma tentativa de aliança com os irlandeses. Especialmente Colm Donnelly. — O chefe da máfia irlandesa sempre foi um bastardo implacável. Há rumores de que matou um de seus próprios filhos.

— Os russos se tornaram um incômodo. Eles parecem ter esquecido seu lugar, e cabe a nós lembrá-los disso. Ao nos alinharmos com Donnelly, estamos enviando uma mensagem para aqueles que pensam que podem entrar e pegar o que não é deles.

Ainda assim, é uma jogada arriscada. O irlandês é frio, calculista e imprevisível. Não acho que muita coisa mudou desde que saí de Nova York. Mesmo a menor traição percebida poderia desfazer uma aliança.

— O que acontece se Donnelly decidir que uma aliança não é mais uma vantagem para ele?

Paulie e Pierce trocam um olhar compreensivo. Um que não gosto. Meus olhos se movem entre os dois.

— O que nenhum de vocês está me dizendo?



CAPÍTULO 2

Brenna

— Vovô está te esperando no escritório dele.

Levanto minha cabeça do livro apoiado contra meus joelhos e estreito os olhos para meu irmão gêmeo, Paddy, parado na porta da biblioteca. Ele sabe que não deve me interromper enquanto estou lendo. Então me ocorre o que disse. Vovô nunca quer me ver. Caramba, mesmo se ele olhasse diretamente para mim, ele não me veria. Eu sou invisível.

— Estarei lá em um minuto.

— Ele disse agora. Também está de mau humor.

Com um suspiro irritado, pego o marcador de livros que minha irmã mais nova, Caitlín, fez para mim e o coloco entre as páginas. Então, levanto do assento acolchoado da janela com vista para o pequeno jardim que minha mãe gosta de manter.

— Por que você está me seguindo? — pergunto a Paddy, que está quase pisando em meus calcanhares.

— Me disseram especificamente para acompanhá-la até lá.

Levo tudo o que tenho para não revirar os olhos. Tenho certeza de que as instruções não foram tão específicas. Chegamos à porta do santuário de nosso avô e paro em frente a ela, hesitante agora que estou aqui. O que ele quer comigo?

— Continue — Paddy cutuca meu ombro.

Bato em sua mão com irritação e mostro meus dentes para ele. Respirando fundo, estendo a mão, giro a maçaneta e entro. Sentado atrás da gigantesca mesa de carvalho está meu avô, Colm Donnelly, patriarca de uma das famílias mais poderosas da máfia irlandesa. Ele é um homem de aparência assustadora, apesar de sua cabeça cheia de cabelos brancos. Sua presença enche a sala mesmo ele estando sentado.

— Você queria me ver, senhor?

Ele olha para cima e me avalia com um olhar de pedra. Fico ereta sob seu olhar crítico. Ele pisca e então apenas olha através de mim, me descartando como sem importância, assim como todo mundo. Uma dor familiar que nunca diminui segue em seu rastro.

— Sente-se.

Tento não me encolher com o comando afiado. Cautelosamente, me sento na ponta da poltrona bordada em ouro em frente a sua mesa, minhas mãos apertadas firmemente em meu colo. Meu avô junta os dedos sob o queixo.

— Emilio Ricci está voltando para o Brooklyn. — Faz uma pausa como se isso devesse significar algo para mim. — Em duas semanas, você vai se casar com ele.

Pisco, meu cérebro lento para processar o que acabou de dizer.

— Como?

— O pai dele e eu chegamos a um acordo. No intuito de intensificar nossas forças contra os russos, sentimos que é de nosso interesse formar uma aliança familiar.

Tem que haver um engano. Já estou balançando a cabeça.

— Não.

Com uma calma plácida, meu avô se levanta de sua cadeira e dá a volta para ficar na minha frente. Minha cabeça vira para a esquerda, e uma dor aguda estilhaça o lado do meu rosto. Lágrimas queimam meus olhos e sinto gosto de sangue em minha língua. Cubro minha bochecha e olho para ele em estado de choque e medo. *Ele realmente me bateu.* Seu rosto é impassível enquanto olha para mim sem se importar.

— Você cumprirá seu dever para com esta família. O contrato já está assinado. — Ele volta ao seu lugar e seus olhos pousam em mim, uma sobrelanceira arqueada como se questionasse por que ainda estou aqui.

Apesar da dor, cerro os dentes e, com toda a dignidade que possuo, fico de pé e o encaro, mas sua atenção já está voltada para os papéis em sua mesa. Uma rejeição óbvia. Minha bochecha queima como fogo. Sei que meu avô é implacável, mas nunca experimentei isso em primeira mão antes. Minha mãe sempre tentou proteger Caitlín e eu da vida que nossa família leva.

Com a coluna rígida, saio de seu escritório em busca de minha mãe, esperando que Paddy não esteja no corredor esperando por mim. Respiro aliviada ao encontrá-lo vazio.

Mamãe sabe o que estou sendo forçada a fazer? Papai? Eles concordam com essa loucura?

Nunca conheci esse Emilio Ricci, nunca ouvi falar de seu nome. Não sei nada sobre ele. É tão brutal quanto meu avô? É jovem? Velho? *Ah, Deus, e se ele tiver a idade do meu pai, ou mais?* Um arrepio percorre meu corpo e meus passos aceleram. Corro pelo corredor e aperto rapidamente o botão do elevador, desejando que as portas se abram.

Conto na minha cabeça para combinar com o ritmo do meu dedo ainda batendo. Aos quarenta, a fuga chega. Aperto o botão e meus olhos se fixam na tela que pisca a cada andar que passo. *Dois. Um.*

— Mãe? — grito, voando por nossos aposentos. — Mãe?

Ela sai da cozinha enxugando as mãos no meio avental amarelo amarrado na cintura, com uma expressão cheia de preocupação.

— Brenna, o que há de errado?

Paro na frente dela, meus punhos cerrados com força em meus quadris.

— Você sabia?

Seus olhos examinam meu rosto, parando em minha bochecha.

— O que aconteceu?

— Você sabia? — desta vez, a pergunta é alta e exigente.

— Não fale com sua mãe nesse tom.

Me viro para ver meu pai parado atrás de mim, braços cruzados, com uma expressão feroz. Ele nunca dirigiu aquele olhar para mim antes. Eu sou a filha quieta. A obediente. Mas isso?

— Eu não posso fazer isso — digo em voz alta.

— Fazer *o quê?* — minha mãe pergunta, sua voz aumentando em exasperação na última palavra.

— Me casar com Emilio Ricci.

Atrás de mim há um suspiro, e meu pai abaixa os braços com um suspiro pesado.

— Eu sabia que ele estava falando com Salvatore Ricci. Deveria ter percebido que algo assim aconteceria.

— Não vou fazer isso — repito.

A expressão de meu pai se transforma em raiva, e dou um passo apressado para trás, colidindo com minha mãe, meu coração galopando de medo em meu peito. Nunca tive medo do meu pai antes, mas ele também nunca agiu como vovô.

— Cormac, por favor — minha mãe implora atrás de mim. — Deixe-me falar com ela.

Ele aponta o dedo na minha direção.

— Você *cumprirá* seu dever para com esta família. — Meu pai olha uma última vez para mim e então sai furioso pelo corredor, deixando-me sozinha com mamãe.

Meu corpo cede quando um pouco da tensão flui para fora dele. Meus olhos queimam. Essa única palavra bate como um tambor na minha cabeça.

Dever. Dever. Dever.

— Venha. — Minha mãe me guia até o sofá. Ela se senta e dá um tapinha na almofada ao seu lado.

Lentamente, me abaixo, e ela se vira para mim. Suas mãos estão quentes em volta das minhas geladas. Ela aperta meus dedos em um gesto tranquilizador que não faz nada para aliviar o medo dentro de mim.

— Você me lembra muito de mim mesma na sua idade. Lutando para encontrar meu lugar neste mundo. Especialmente sendo um membro de uma família como a nossa.

— Mãe...

— Shh. Me deixe terminar. Esta vida que vivemos, não é fácil. É brutal. Violenta. E muitas vezes injusta. Você sabia que seu pai e eu tivemos um casamento arranjado?

Recuo em estado de choque.

— Mas... mas você e papai parecem tão felizes.

— Agora, mas nem sempre fomos.

— Odeio isso. Tudo é sempre sobre *dever* — zombo a última palavra.

Minha mãe assente com naturalidade.

— É sim. O dever para com a família, a organização, é a única coisa que importa para seu avô. É o que importa, ou deveria importar, para todos nós. Isso não significa que seja uma coisa ruim.

— Eu nem sei nada sobre esse Emilio Ricci. Ainda assim, espere-se que eu me case com ele porque vovô assinou um contrato?

— Sim. O que acontece depois disso é o que você faz. Seja uma boa esposa. Uma boa mãe. O afeto pode crescer entre você e seu marido. Só vai levar trabalho e tempo.

— E se eu não puder ser nenhuma dessas coisas?

Minha mãe olha fixamente para mim.

— Você deve.



CAPÍTULO 3

Jacob

Nosso motorista, Giovanni, estaciona em frente à casa na Rua 83. Desço do carro e olho para a casa de concreto branco de três andares que meu pai construiu há quase quinze anos. O lugar não mudou enquanto estive fora. A mesma guarnição marrom opaca contorna cada uma das janelas que ainda brilham e refletem o verde das folhas da árvore em um gramado coberto de grama que muitas vezes é difícil de encontrar no Brooklyn. O sol está se pondo atrás da casa e seu halo de luz dança ao longo do telhado.

Giovanni tira cada uma de nossas malas do porta-malas e as passa para Pierce enquanto eu paro um momento para inalar o ar fresco do final da tarde. Em vez do cheiro fresco e limpo de Pinegrove, quase engasgo com o odor acre dos escapamentos dos veículos, do mercado de alimentos próximo e do sempre presente lixo de Nova York. Não senti falta de nada disso. Porém, é hora de me acostumar com eles novamente.

Tio Paulie e Pierce me cercam. A inquietação do primeiro é palpável. Nenhum deles respondeu à minha pergunta no carro. Ambos adiaram e disseram que é uma discussão que precisa da presença do meu pai. O homem que atualmente espera lá dentro. O homem que não vejo há sete anos.

O homem que está morrendo.

Pierce me entrega minha bagagem. Subo dois degraus de cada vez e paro na porta de vidro. Eu bato? Entro, embora seja quase um estranho agora? A porta se abre como num passe de mágica, tirando de mim a escolha.

— Você deve ser Emilio — uma mulher desconhecida com cabelo prateado curto me cumprimenta com um sorriso agradável. — Eu sou Marta. Por favor, entre.

Ela dá um passo para trás e abre a porta totalmente. A mulher não está vestida como uma empregada. Na verdade, ela está vestindo um terninho de linho de grife extremamente caro. Quem diabos é ela? Passo por ela, e fecha a porta atrás de Paulie e Pierce.

— Eu sei que você provavelmente está cansado depois da viagem, mas seu pai gostaria de falar com você primeiro. Ele está em seu escritório. Farei com que Franco leve suas malas para seus quartos.

Claro que sim. Tudo com meu pai é dever. Em breve, será para mim também.

Coloco minhas malas perto de Pierce. As solas de couro dos meus sapatos batem no chão de mármore da entrada enquanto subo as escadas para o segundo andar, onde fica o escritório. Meus passos ficam mais lentos quanto mais perto chego. A responsabilidade pesa muito sobre mim. Parando diante da porta de madeira, fecho os olhos por um breve segundo e bato.

— Entre.

A hora chegou.

De pé ao lado de sua mesa não é o mesmo homem que vi pela última vez. O Salvatore Ricci que conheço é alto e tem ombros largos, cabelos grossos penteados para trás e olhos negros agudos e penetrantes. Este homem é magro. Seu terno sob medida quase pende de seu corpo. E seus olhos ficaram opacos e parecem quase sem vida.

— Olá, pai.

— Emilio. — Este não é o rei grandioso da minha infância. Aquele que governa um sindicato inteiro.

Fico parado sem jeito, sem saber como cumprimentar esse novo homem. Nunca fomos próximos, mas vendo o que ele se tornou, um aperto de mão parece impessoal, um abraço íntimo demais.

Assim como minha decisão na porta da frente, a escolha é tirada

de mim. Meu pai avança, fechando a distância entre nós, e me envolve em seus braços. O cheiro familiar de charuto e sua loção pós-barba cara me envolvem. Ele parece tão frágil. Desconfortável com o gesto, dou um passo para trás e pigarreio, incapaz de olhá-lo nos olhos.

— Por favor, sente-se. Não vou te segurar por muito tempo. Tenho certeza que gostaria de descansar.

Estar de volta nesta casa, nesta sala, é surreal. É diferente. Talvez porque eu esteja diferente. Encaro meu pai. Ele é o que mais mudou.

— Acredito que Paulie e Pierce colocaram você em dia com nosso estado atual de coisas?

— Sim. — Tento relaxar na cadeira de couro, mas meus músculos estão muito rígidos. Em vez disso, sento-me rigidamente. — Embora eles tenham deixado de fora um detalhe sobre sua aliança com os irlandeses que ainda não descobri. Disseram que era melhor você me falar.

— *Nossa aliança* — me corrige bruscamente. — Apesar de sua ausência prolongada, você logo controlará este sindicato e tudo o que ele envolve. Não se esqueça disso.

Aceno em reconhecimento.

— Como você vai garantir a Donnelly que uma aliança contínua entre nós continuará a ser uma vantagem para ele?

Meu pai não responde imediatamente. Em vez disso, enfia a mão na gaveta da escrivaninha e tira uma única folha de papel. Meu estômago aperta e meu coração começa a bater forte dentro do meu peito.

— Eu sei os motivos pelos quais você partiu há sete anos. Assim como você sabe que ela nunca faria parte desta vida.

Meu corpo já tenso aperta ainda mais. Minha mandíbula aperta e minhas unhas ficam brancas com o aperto mortal que tenho nos apoios de braço. O gosto de sangue enche minha boca depois de eu morder minha língua.

Maldito seja meu pai por mencioná-la.

— Como meu filho e futuro líder deste sindicato, é imperativo que você prove sua lealdade. Não só para mim, mas para todas as famílias dentro de nossa organização.

— Não tenho sido nada além de leal — digo com os dentes

cerrados.

Meu pai acena com a cabeça, mas com um lampejo de incerteza permanece em seus olhos. Ele desliza a folha de papel pela mesa e encontra meu olhar, desafiando-me a desviar o olhar.

— Colm Donnelly e eu chegamos a um acordo. O contrato está assinado. Para solidificar uma aliança entre nossas famílias, você se casará com a neta dele em dez dias.

Se apertar minha mandíbula com mais força, vou quebrá-la. Uma raiva amarga sobe pelas minhas entranhas. Então, este será o primeiro teste à minha lealdade.

— Como ela se sente sobre esse casamento?

— Isso importa? — Ele ergue as sobrancelhas. — Ela conhece seu dever.

Como se eu não. Levanto-me da cadeira, precisando sair daqui antes que diga ou faça algo de que me arrependa.

— Se não houver mais nada que precise da minha atenção, vou me instalar. — Não espero por uma resposta enquanto fujo.

— Emilio — a voz de meu pai me faz parar na porta, ainda de costas para ele. — É bom ter você em casa.

Tudo o que posso responder é um aceno apertado antes de fechar a porta atrás de mim e sair em busca de Pierce. Ele e eu temos muito a discutir.

Enquanto caminho pela casa, não posso deixar de olhar em volta. Tudo é familiar, mas ao mesmo tempo não é. Já estou prestes a pular fora da minha pele, e só estou neste lugar há uma hora. Minha gola está apertada em volta do pescoço, e faço de tudo para não puxá-la. Ficar aqui é temporário. A primeira coisa que farei amanhã é encontrar uma casa, já que parece que estou *adquirindo* uma *esposa*.

Chego ao topo da escada ao mesmo tempo em que Pierce sai de uma porta aberta. Sem dizer uma palavra, ele me segue por um conjunto de portas duplas no final do corredor.

Posso contar nos dedos de uma mão quantas vezes já me hospedei nesses quartos. Antes de partir, tantos anos atrás, eu morava na suíte da cobertura de um arranha-céu à beira-mar. Meu primo negociou sua venda logo após nossa chegada à Carolina do Norte. Nunca poderia viver lá novamente. Não com todas as lembranças dela.

— Existe mais alguma coisa que você não compartilhou comigo?

— Inclino meus antebraços contra a janela, olhando para a cidade, as luzes brilhando mais forte com o desaparecimento do sol.

— Não era meu papel dizer a você.

Meus punhos se fecham contra o vidro gelado, e controlo a vontade de socá-lo.

— Você é mais do que apenas meu primo, Pierce. Você é meu melhor amigo. Meu irmão. A *única* pessoa em quem confio para não esconder coisas de mim. Eu mataria por você. Sangraria por você. — Lentamente, giro para encará-lo. — Nunca mais guarde segredos de mim de novo.

Ele me reconhece com um aceno curto. Nada mais precisa ser dito.

— O que você sabe sobre ela?

Ele pega o telefone e me entrega.

— O nome dela é Brenna. É a neta mais velha de Donnelly. Três irmãos, incluindo um gêmeo, e uma irmã mais nova. Formou-se na Columbia há dois anos.

Estudo a imagem na tela antes de devolver o aparelho para ele.

— Algum homem na vida dela?

Pierce balança a cabeça.

— Nenhum, a menos que ele esteja extremamente bem escondido.

Me viro para a janela, meu olhar cego.

— Ela não é o que você está acostumado, mas certamente é bonita o suficiente.

Não importa como ela é. Isso nada mais é do que um acordo comercial.

— Amanhã, planejo encontrar uma nova moradia. Pergunte por aí. Veja se alguém conhece qualquer coisa à venda na região. Algo adequado para uma esposa — eu o instruo, sinalizando o fim da nossa conversa.

Pierce assente.

— Eu aviso você. — Com isso, ele desaparece porta afora, deixando-me apenas com meus pensamentos.

Tenho pena dessa pobre garota, Brenna. Minha única esperança é que ela não tenha sonhos de romance e amor. Sem ilusões sobre o que será esse casamento. Nada mais é do que uma aliança entre nossas

famílias.

Não posso — *não vou* — amá-la. Nunca. Eu não tenho isso em mim.



CAPÍTULO 4

Brenna

Sem dúvidas é infantilidade da minha parte, mas me tranco em meu quarto por dois dias. Caitlín me traz o jantar na primeira noite, mas a mando embora com o prato intocado. Não consigo nem pensar em comida; meu estômago já está bastante enjoado. Minha mãe bate em minha porta várias vezes ao longo do dia, mas a ignoro. Na segunda noite, desço sorrateiramente depois que todos vão para a cama e vasculho a geladeira, porque estou morrendo de fome. Então volto para o quarto e fico de mau humor. Tento ler o livro que comecei, mas não consigo me concentrar. Tudo o que consigo fazer é pensar em meu futuro. Eu mal tenho vinte e quatro anos. Nunca tive um namorado, e agora espera-se que me case com esse... estranho, porque vovô decretou isso.

Talvez eu seja ingênua em relação ao nosso mundo, mas, se for, culpo meus pais. Eles nunca me disseram que eu poderia ter que me casar com alguém contra minha vontade. São eles que nos resguardaram, Caitlín e eu. Que se recusaram a responder minhas perguntas nas noites em que meu pai e meus irmãos voltavam para casa cobertos de sangue.

As palavras de minha mãe voltam para mim. Como posso ser uma boa esposa para um homem que não conheço? Não sou totalmente

ignorante sobre nossa família e os crimes em que estão envolvidos. O que não entendo é como tudo funciona. Não tenho certeza se quero. Meus pensamentos mudam para meu futuro marido. É o medo do desconhecido que mais me incomoda.

A batida em minha porta me assusta. Com um suspiro pesado, respondo. Caitlín entra saltitando. Ela se vira para mim, seu cabelo louro-avermelhado balançando sobre o ombro. Ela não é nada como eu era aos quinze anos. Quase invejo a ousada confiança que ela já demonstra. Com as mãos nos quadris e os olhos semicerrados, ela me encara.

— E eu que achava que eu era a dramática da família. Já é hora de você abrir a maldita porta.

— Não xingue — advirto enquanto arrumo minha cama, endireitando os cantos e alisando o tecido.

— Quantos anos você tem? Dez? “Maldita” não é palavrão. — Ela cai com um gemido na cadeira azul-petróleo e pega o livro que estava lendo para examinar a capa antes de jogá-lo de volta na almofada. — Agora, se eu dissesse: “Já era hora de você abrir a porra da porta”, *aí* sim estaria xingando.

Jogo um travesseiro nela, que o pega com um sorriso atrevido.

— Você é impossível.

— Sim, eu sei. — Ela joga o travesseiro de volta para mim, e o coloco na cabeceira da minha cama.

— Então, mamãe mandou você me arrastar para fora do quarto?

— Ela disse que vamos comprar um vestido hoje.

Congelo por um segundo. Caitlín não pode querer dizer o que acho que quer dizer.

— Comprar que tipo de vestido? — pergunto, virando-me lentamente para encará-la.

A empolgação da minha irmã é palpável daqui.

— Seu vestido de casamento. Mal posso esperar para ver como você vai ficar linda. Embora ainda não consiga entender por que você se trancou em seu quarto. Se fosse eu casando, estaria nas nuvens. Você não está feliz com o casamento?

Há uma sensação de agitação em minha barriga, e dou a ela um sorriso fraco, não querendo estragar seu humor.

— Por que não estaria?

Ela pula e puxa a perna para debaixo de si, quase quicando de tanta energia. Claro que ela está entusiasmada. Não é ela que está sendo vendida para alguém que nem conhece. Sufoco a amargura. Não é culpa de Caitlín.

Então sua expressão se torna blasé e ela se acomoda para me encarar.

— Espere um minuto. Você respondeu minha pergunta com uma pergunta. Você só faz isso quando está fugindo da verdade. Isso significa que você não está feliz?

Não há como dizer a ela porque estou chateada. Não tenho certeza se ela entenderia de qualquer maneira. Em vez disso, colo meu sorriso mais sincero.

— Não é nada. Só estou sendo boba. Nervosa, você sabe. Não é todo dia que uma garota se casa. Tenho certeza de que vamos nos divertir muito fazendo compras.

Caitlín revira os olhos.

— Tenho quinze anos, não cinco. Posso sentir o cheiro de merda a um quilômetro de distância. Você *ainda* não respondeu minha pergunta. Você não está feliz? — a estudo. Esta jovem diante de mim é quase alguém que nunca vi antes. *Para onde foi minha irmãzinha?* É como se ela tivesse crescido e de alguma forma não percebi que aconteceu. Afundo no canto da minha cama.

— Em primeiro lugar, pare de xingar. Em segundo, o que mamãe lhe contou sobre meu casamento?

Ela parece intrigada.

— O que você quer dizer com o que ela me disse? Ela disse que... ah, qual é o nome dele? — Seu nariz torce e ela acena com o braço para mim.

— Emilio?

— Isso! — ela exclama, triunfante. — Que Emilio te pediu em casamento e você disse sim. Embora, devo dizer, estou um pouco chateada com você por não me contar sobre ele. Eu nem sabia que você tinha namorado.

Rio sem humor. É claro que nossa mãe não contaria a ela a crua e feia verdade. Com esse conhecimento, também não posso. Apesar da aura de maturidade de Caitlín, o fato é que ela *tem* apenas quinze anos. Quero que ela goste de ser uma adolescente sem se preocupar com

deveres e o que pode significar ser um membro de nossa família. Quem sou eu para destruir qualquer inocência que ela tenha deixado?

Não sou melhor que minha mãe.

— Sinto muito por não ter falado sobre ele. — Me junto a ela na cadeira e puxo sua mão na minha. — *Estou feliz.* E também estou muito nervosa. Típico nervosismo nupcial. Serei uma boa esposa? E se a família dele não gostar de mim?

— Como podem não gostar? Você é imensamente simpática — ela diz com toda a seriedade.

Ao meu olhar lateral, ela cai na gargalhada e me junto a ela.

— Não tenho certeza se todos concordam com você, mas obrigada.

Caitlín reprime o sorriso e fica séria de verdade.

— Você jura que é apenas nervosismo e não há outra coisa acontecendo?

Então faço a única coisa que posso. Olho diretamente em seus olhos... e minto.

— Juro.

A necessidade ardente de encher meus pulmões aumenta, mas prendo a respiração, rezando para que minha irmã acredite em mim.

— Ta bem. — Felizmente, ela começa a tagarelar novamente, sua preocupação anterior parecendo ter desaparecido. — Você já pensou em que tipo de vestido você vai comprar? Não compre um com todos aquelas camadas e babados. Eles não vão servir. Você precisa de algo elegante. Sofisticado. Mal posso esperar para ver a cara de Emilio quando você caminhar até o altar. Ele não vai saber o que o atingiu.

Enquanto olho para minha irmã, não há nada que deseje mais do que que ela permaneça tão inocente. Ficando alheia a alianças e deveres e se concentrando apenas em vestidos bonitos e meninos. Não consigo imaginar isso acontecendo, no entanto. Apesar da minha insistência de que estou feliz com este casamento, a verdade acabará sendo revelada. Meu coração racha com o pensamento.

Um barulho na porta faz Caitlín e eu virarmos a cabeça naquela direção. Minha mãe está parada na porta e me levanto. Meu coração dói um pouco mais com o sorriso hesitante que ela me envia. Há uma nova tensão entre nós que nunca existiu antes. E não vai embora. Não agora. Não depois de tudo isso.

— Vejo que sua irmã conseguiu invadir seu quarto. Imagino que ela tenha lhe contado nossos planos para o dia?

Para benefício de Caitlín, mantenho o sorriso no rosto.

— Parece que vamos comprar vestidos.

Caitlín pula e dança animadamente pela sala.

— Eu, por exemplo, mal posso esperar. Ah, você acha que eles servem champanhe enquanto você os experimenta? Eu vi isso em um desses reality shows. Você ganha uma taça de espumante e bombons.

Não consigo conter o riso ao ver minha irmã fazendo planos.

— Mesmo se eles fizerem, pirralha, você é muito jovem para beber.

Empurro ela com o quadril e ela finge tropeçar alguns passos. O sorriso atrevido que sempre consegue tirá-la de problemas cruza seu rosto. Ela dá de ombros.

— Você não pode culpar uma garota por tentar.

Minha mãe revira os olhos.

— Vá pegar sua jaqueta e nos encontre na porta da frente. Preciso falar com sua irmã por um momento.

Caitlín sai correndo pela porta com a mesma energia com que chegou. Me faz desejar poder voltar no tempo para antes de vovô assinar qualquer contrato. Encontrar uma maneira de tentar alterar o futuro. No final, não tenho dúvidas de que ainda chegaríamos a este mesmo momento, em que ainda estou noiva de um estranho.

Me viro e encaro minha mãe.

— Fico feliz que você não tenha contado a verdade a Caitlín — suspira. — Tenho certeza de que prestei um péssimo serviço a vocês, meninas, mantendo-as no escuro sobre os costumes de nossa família. Achei que estava protegendo vocês. Queria que vocês duas levassem uma vida normal, longe de tudo. Longe da violência. Longe de ser usada como garantia.

Tive dois dias para chegar a um acordo com a minha situação. Não é culpa da minha mãe. Nunca foi segredo que fazemos parte da máfia irlandesa. Até agora, esse fato nunca me tocou, no entanto.

— Minha vida *tem* sido normal, mãe. Quero dizer, tão normal quanto alguém do nosso tipo de família poderia ser. Não pense que não sou grata pelas oportunidades que me foram dadas. — Passo meus braços em volta de mim, mas isso não remove o frio que percorre

minha pele. — Mas também acho que ao nos proteger, você nos deixou despreparadas para a realidade. Por vinte e quatro anos vivi nesta bolha segura. Uma bolha que vocês acabaram de estourar. O que você esperava que fosse acontecer?

A mão de minha mãe está quente contra minha bochecha enquanto ela me encara com seriedade.

— Eu sei que você está infeliz e sinto muito por isso. Sempre quis o melhor para os meus filhos. — Me afasto e sua mão cai para o lado. — Nós provavelmente deveríamos ir. Você sabe como Caitlín fica quando é deixada sozinha por muito tempo.

Uma pontada de culpa me atinge com a tristeza que cruza o rosto de minha mãe. Não é justo puni-la, mas estou me sentindo mesquinha. Vou pedir desculpas outra hora.

Inspiro profundamente, seguro por três segundos e solto o ar lentamente. Coloco minha máscara de confiança e caminho até a porta da frente, onde minha irmã espera.

Em busca de um vestido de casamento, aqui vou eu.



CAPÍTULO 5

Jacob

Passo uma noite inquieta, cheia de visões de sangue e com o cheiro persistente de lilases. Ouço sua voz, sua risada. As mechas sedosas de seu cabelo loiro dourado deslizam por entre meus dedos. Acordo coberto por uma camada de suor. Nu, atravesso o quarto e ligo o chuveiro, sabendo que nunca poderei apagar as memórias. Estar de volta a esta cidade não faz nada além de servir como um lembrete de tudo o que perdi.

A água fria cai sobre mim. Em poucas horas, vou me encontrar com as outras famílias. Paulie mencionou isso no caminho para cá ontem. Já fiz um teste de lealdade. Sem dúvida, muitos mais virão. Em algum momento, antes do casamento, também precisarei me encontrar com nosso novo aliado, Donnelly.

Saio do chuveiro, me seco e visto meu terno preto sob medida com gravata listrada vermelha. Quando criança, meu pai sempre me dizia que homens que vestem um terno perfeitamente ajustado demonstram poder. Ele nunca vestiu outra coisa. Adotei seu traje quando tinha vinte e poucos anos. Hoje, é importante mostrar aos outros quanto poder eu tenho.

Ajusto minhas abotoaduras de platina, abaixo as mangas e dou uma última olhada no espelho de corpo inteiro. Não é por vaidade, mas

sim uma visão final do futuro novo governante de um reino inteiro. A coisa que evitei por sete anos.

Pierce está esperando do lado de fora do meu quarto.

— Falei com Gregory Rossi ontem à noite. Ele me mandou uma mensagem com uma lista de alguns lugares que achou que você poderia estar interessado. — Viver nesta casa nunca foi uma opção para mim. Mas não posso ficar na casa de Pierce. Não com Francesca morando lá. Mas certamente não planejei que uma excursão imobiliária fosse uma das primeiras coisas que faria ao retornar.

— Que horas?

— Em trinta minutos. Já avisei ao Giovanni. Ele está lá fora com o carro.

— Vamos acabar logo com isso.

Descemos as escadas para o primeiro andar. A casa está silenciosa. Marta entra no vestíbulo como se esperasse nossa chegada.

— Bom dia, senhores.

Aceno para ela antes de Pierce e eu sairmos e descermos os degraus da frente para chegar ao carro que está esperando. Giovanni abre a porta de trás.

— Bom dia, sr. Ricci. Sr. De Luca. — Quase tropeço ao ouvir o nome do meu pai, e agora o meu.

O motorista me lança um olhar de incerteza.

— Senhor, está tudo bem?

É melhor eu me acostumar com a formalidade.

— Tudo certo.

Pierce e eu sentamos na parte de trás do carro. Se não fosse nove da manhã, eu me serviria de um drinque do minibar à minha esquerda.

Dirijo-me ao meu primo.

— Marta. Quem exatamente é ela? Certamente não é a amante de meu pai?

Ele balança a cabeça.

— Ela é a assistente dele, para quem está de fora. Ela responde a qualquer visitante ou telefonema se seu pai estiver muito doente para ver alguém. Dá suas desculpas. Acredito que ela também faz o papel de enfermeira. Certifica-se de que Sal esteja tomando seus remédios. Que ele se alimente de forma saudável. — É difícil imaginar a mulher bem

vestida que atendeu a porta ontem sendo babá.

— E Franco?

— Um dos nossos soldados. Também é filho da Marta.

— Meu pai confia neles com seu segredo? — Acho isso difícil de acreditar. Ter alguém além de Paulie, Pierce e eu saber é perigoso.

— Que eu saiba, só ela sabe. Aparentemente, o marido dela era um dos capitães de seu pai há vinte e poucos anos. Ele foi morto pelos russos, mas primeiro eles o fizeram assistir ao estupro dela. Franco estava escondido. Depois que acabou, seu pai rastreou os responsáveis. Ele enviou a ela uma retribuição mensal, pagou a escola de seu filho e garantiu que ela fosse cuidada desde então. Embora não seja impossível, não acredito que ela o trairia.

Isso é uma coisa sobre o sindicato. Cuidamos de todas as famílias. Se nossos inimigos conseguirem matar um dos nossos, ofereceremos retribuição. Ainda assim, pretendo observar os dois de perto. A lealdade pode ser comprada, pelo preço certo.

O carro reduz a velocidade antes de parar. Giovanni abre a porta e descemos na frente de um prédio de seis andares em um terreno de esquina. O tijolo marrom-sujo desaparece no fundo das janelas gigantes que se estendem de todos os andares ao teto e refletem não apenas os edifícios ao redor, mas também os raios de sol que brilham sobre eles.

Olho ao redor e observo a vizinhança. Os carros se alinham ao longo do meio-fio e percorrem toda a extensão da rua. Uma pilha de sacos de lixo pretos está espalhada na beira da calçada perto do caminho que conduz sob o prédio. Um edifício contemporâneo de vidro preto fica em frente de onde estamos. Edifícios recém-construídos ou reformados me cercam. Estou fora há tanto tempo que não tenho certeza se reconheço a área. Não tenho dúvidas de que o corretor lá dentro falará sobre como é uma propriedade fantástica e expor todas as conveniências maravilhosas que ela tem a oferecer.

Belisco a ponte do meu nariz para tentar aliviar a dor de cabeça que começa a se desenvolver.

— Vamos dar uma olhada para que possamos acabar com isso. Temos coisas mais importantes para cuidar hoje. — Sem dúvidas, deveria me interessar mais por onde moro, mas serve apenas como um lembrete do *motivo* pelo qual estou comprando uma nova casa. E para quem.

Pierce lidera o caminho para dentro. O interior do edifício cheira a uma combinação de flores frescas e novas construções. O leve zumbido de uma furadeira e a *batida* de um martelo à distância me alcançam.

O corretor de imóveis nos cumprimenta e nos apresenta ao segurança que cuida da mesa.

Primeiro, visitamos todas as comodidades da propriedade, incluindo a academia totalmente equipada, a área de recreação infantil e a piscina na cobertura com vista para a Williamsburg Bridge e o East River. Não me importo com nenhuma dessas coisas, embora talvez Brenna se importe. Meu cérebro soluça com o nome. *Melhor se acostumar a dizer isso, já que ela será sua esposa em breve.*

Finalmente, o corretor de imóveis nos mostra a residência de quatro quartos e três banheiros nos dois últimos andares. É uma unidade de canto, então a sala tem duas paredes de janelas. Eu mal ouço enquanto ele fala sobre o piso plano aberto, os aparelhos de última geração, os tetos de mais de três metros e o piso de madeira por toda parte.

O segundo andar é composto por quatro quartos. Há dois armários — “dele e dela”, no quarto principal — e o banheiro da suíte tem pia dupla e ducha. Pierce responde a perguntas sobre qualquer necessidade de design de interiores. Tenho que admitir que é um lugar legal e tenho certeza de que ficarei satisfeito morando nele. Não estou particularmente empolgado em fazer isso com nenhuma outra propriedade, além disso, esta não fica longe da casa de meu pai e um dos negócios da família está quase virando a esquina.

Olho para Pierce e dou-lhe um aceno de cabeça. Ele e o corretor discutem a venda enquanto olho pela janela. A dor de cabeça que começou como um latejar surdo mais cedo, começou a bater como um tambor, e o cenário sai de foco conforme as memórias vêm. Tem sido difícil não comparar este lugar com minha antiga cobertura e ver como eles são diferentes. Aqui, tudo é brilhante, ao contrário dos tons mais escuros e suaves que prefiro. Minha cobertura foi projetada para funcionalidade em oposição à moda.

Em breve, os itens de uma nova mulher estarão espalhados. Não vou encontrar uma escova com fios de cabelo loiro comprido. Eles serão vermelhos. Como a cor dos lençóis manchados de sangue em que a

encontrei deitada.

Afasto o pensamento e volto ao presente. Tantas coisas estão mudando rapidamente, e é muito para se ajustar.

Os dois homens se aproximam e me viro para encará-los. O corretor de imóveis estende a mão.

— Foi um prazer, sr. Ricci. Avisarei aos vendedores que você concordou com o preço total pedido e que está interessado em prosseguir com a venda. Como você vai pagar em dinheiro, não vou demorar muito para ter toda a papelada pronta — talvez amanhã. Você deve ser capaz de se mudar rapidamente.

— Obrigado. — Deixamos o corretor de imóveis e vamos até Giovanni e o carro que nos espera.

— É legal — Pierce comenta enquanto deslizamos para o banco de trás. Não me importa mais que horas são; preciso de uma bebida. A pulsação atrás do meu olho direito piorou.

Sirvo-me de um uísque do minibar. Minha mente já se mudou para a próxima reunião para a qual estamos indo.

O caminho até a oficina é tranquilo. Me preparo mentalmente para entrar na sala dos fundos cheia dos capitães das famílias.

Giovanni estaciona na garagem e buzina. Em um minuto, a porta se abre e ele puxa o carro para dentro da caverna escura. Uma vez lá dentro, a porta abaixa, nos fechando no interior escuro iluminado apenas por lâmpadas fluorescentes que piscam e zunem antes de aumentarem de intensidade e depois escurecerem novamente. A garagem está cheia; alguns carros são elevados em plataformas elevatórias, enquanto outros permanecem no solo em vários estágios de reparo. Pierce e eu saímos do carro.

Um rosto familiar sai de debaixo do capô de um veículo enxugando as mãos engorduradas em uma toalha. Ele sorri a me ver.

— Emilio, meu amigo, bem-vindo ao lar. É bom ver você novamente.

— Você também, Roberto. — Aperto sua mão. Nós fomos para a escola juntos. Seu pai é um dos soldados do sindicato.

— Eles estão esperando por você lá dentro.

Aceno em agradecimento e caminho pelo cimento, contornando várias poças de óleo e outros líquidos encharcando o chão. Pierce bate e a fechadura é desativada antes que a porta se abra para dentro. Ele

entra primeiro e dá um passo para a esquerda, eu sigo logo atrás dele.

Localizo meu pai. Ele está confiante atrás da mesa, seu rosto mais pálido do que o normal, exceto pelas olheiras. Ignorando isso, ele parece bem. Meus olhos percorrem o resto da sala, e a porta se fecha com um clique alto atrás de mim.

— Emilio, seja bem-vindo. Você conhece quase todo mundo aqui.

— Sim, estou familiarizado. — Deixo meu olhar se demorar em todos os homens, mostrando a eles que não me sinto intimidado por sua presença. Também estou atento a qualquer sinal de descontentamento. Alguns dos homens me encaram, mas guardam seus comentários para si mesmos.

— Como vocês sabem, Emilio logo se casará com a neta de Colm Donnelly. É uma aliança entre italianos e irlandeses que traz consigo não só dinheiro, mas também poder. — Meu pai faz uma pausa, seus olhos se movendo ao redor da sala. — Por muito tempo, os russos invadiram nosso território. Eles invadiram nossas unidades de armazenamento e roubaram armas. Eles interceptaram drogas e dinheiro. Ao nos aliarmos com os irlandeses, fortalecemos nossos números. Mostraremos aos nossos inimigos que eles não podem vencer.

— Ele se foi há muito tempo. Como sabemos que os interesses dele são os mesmos que os nossos?

Fixo um olhar de pedra no homem que fez a pergunta. Embora a pergunta seja feita a meu pai, eu respondo, o que sem dúvida é o que meu pai espera. Ele certamente não falará por mim. Cabe a mim mostrar a esses homens que agora sou o homem a quem eles respondem.

— Onde você estava, Angelo, quando os russos levaram Francesca? Quando eles estupraram repetidamente uma garota de dezoito anos? Onde você estava quando Pierce e eu os localizamos e os fizemos pagar pelo que fizeram? — Meus olhos rapidamente se voltam para o homem parado ao lado de Pierce. — E Marco...

Em uma fração de segundo, meu primo tem o homem preso contra a parede, uma arma enfiada em sua boca, enquanto o resto dos homens se move e mais armas são sacadas junto com gritos de confusão. Eu ando pela sala como se quinze armas não estivessem apontadas para mim, enquanto encaro cada homem. Meu pai se senta,

não porque estou no controle, mas por cansaço. Está em seu rosto e na maneira como ele se curva na cadeira.

— Algum de vocês sabia que Marco aqui está vendendo informações para os russos? — Murmúrios de negação correm pela sala, e me viro para olhar para o homem segurado por Pierce. Seus olhos se estreitam em desafio. — Tenho vídeos dele se encontrando com Mikhail Popov dois dias antes de o último carregamento de drogas ser interceptado. Não é, Marco?

Algo que soa como “foda-se” emerge de sua boca. Pierce enfia o cano ainda mais em sua garganta e ele engasga, com os olhos lacrimejando. Eu me viro e encaro a sala.

— Meus interesses são os mesmos deste sindicato. A minha *lealdade* é para com este sindicato. Só porque não estive no Brooklyn não significa que não saiba o que está acontecendo aqui. Enquanto questionam meu retorno, deixaram um maldito rato escapar impune de nos roubar. — Bato meu punho no peito. — Um maldito rato que permitiu que nossos irmãos morressem. Nunca questione onde está minha lealdade novamente. Pierce, você e Paulie levem Marco ao armazém. Descubram o que mais ele está falando.

Os dois homens levam embora o traidor enquanto me aproximo de meu pai, que se levantou. Ele é alto e, por um momento, é o Salvatore Ricci que conhecia.

— Chegou a hora de Emilio assumir meu lugar como chefe do sindicato do Brooklyn. Cada um de vocês prometerá sua lealdade a ele, assim como prometeram a mim. Sua palavra é seu pacto — sua voz é forte e confiante.

Meus olhos percorrem a sala enquanto todos os quatorze homens colocam suas armas no coldre e colocam os punhos no peito, diretamente sobre onde todos nós temos uma coroa tatuada. É o brasão que pertence aos homens que juram lealdade aos Reis do Brooklyn. Desonrar essa promessa é punível com a morte. Algo que Marco logo descobrirá.

Assim como qualquer outro homem que tentar tirar o que é meu.



CAPÍTULO 6

Brenna

Me encaro no espelho. Não reconheço a mulher olhando para mim. Seu cabelo está habilmente enrolado e preso para trás para mostrar as maçãs do rosto contornadas, a pele pálida que nenhuma quantidade de base pode cobrir e o batom rosa que destaca seus lábios carnudos. Tudo junto, apenas enfatiza o vazio em seus olhos. Há um suspiro atrás de mim. Eu me viro e perco a estranha de vista.

— Você está tão bonita. — Os dedos de minha mãe cobrem sua boca e lágrimas brotam de seus olhos. Eu invejo sua capacidade de chorar. Parece que perdi a minha. As emoções desapareceram para serem substituídas por dormência. Ela se preocupa com meu vestido e véu, passando os dedos sobre cada prega e dobra enquanto permaneço imóvel.

É o dia do meu casamento. Um dia que deveria ser cheio de alegria e amor. Em vez disso, está cheio de solidão e medo. Mãos quentes embalam minhas bochechas; lábios secos pressionam contra minha testa.

— Está na hora. Lembre-se do que lhe disse. O amor pode crescer até mesmo de uma pequena semente.

Concordo com a cabeça, porque ela espera isso de mim. Ela abotoa minha cauda na parte de trás do vestido e pegamos o elevador

de nossa residência para a de meu avô. A sala de música do apartamento foi transformada. As notas de uma música desconhecida saem silenciosamente dos alto-falantes. Lírios e tulipas multicoloridos do jardim de minha mãe foram usados para realçar as cadeiras forradas de tecido branco, separadas uniformemente no meio para fornecer um corredor natural. No final dela estão o padre e outro homem, mas meu olhar rapidamente se desvia.

Meu avô, meu pai e irmãos sentam-se à esquerda enquanto dois homens sentam-se à direita. Um é enorme, de aparência assustadora e ofusca o outro. Seus ombros estão tensos, sua mandíbula apertada e seus olhos parecem grudados em meu avô. Meu olhar está desfocado enquanto minha mãe me conduz pelo corredor antes de se sentar ao lado de meu pai. Sozinha, dou os últimos passos, os sapatos do meu futuro marido aparecendo. Finalmente me concentro na palma da mão estendida e paro para estudá-la.

É uma mão de aparência forte e poderosa, calejada. *Será que é capaz de gentileza?* Apesar da idade do meu avô, ele possui grande força. Minha bochecha esquenta com a lembrança de seu tapa. Para ele, gentileza equivale a fraqueza.

Alguém pigarreia atrás de mim, e afasto meus pensamentos fantasiosos. Coloco minha mão na de Emilio; um arrepio sobe pelo meu braço. Ele me leva para ficar bem na frente do padre e aperta minha outra mão para que fiquemos um de frente para o outro.

Meus olhos se fixam em seu queixo, e estudo a sombra escura de crescimento ao longo da mandíbula angulosa. Não consigo me forçar a olhar para cima. Ainda não. Tenho medo do que verei em seus olhos. Triunfo? Crueldade? Fome?

A cerimônia é um borrão. O padre está falando, mas não ouço o que está dizendo. Alguém tosse alto e pisco. Por fim, inclino minha cabeça para trás para encontrar os olhos do homem parado diante de mim segurando minhas mãos trêmulas nas dele. Sua expressão é impassível. O ar congela em meus pulmões. *Ele é lindo.* Ele olha para mim com um olhar misterioso. Não consigo dizer o que está pensando. Ao meu lado, o padre pigarreia. *Perdi algo?* Dou uma olhada rápida em sua direção.

— Aqui é onde você diz “eu aceito”.

Há uma mortalha pesada sobre a sala. Olho de volta para o

homem a quem eu deveria estar jurando minha vida. Ele não aperta minhas mãos em encorajamento ou sorri para mim em segurança. Ele apenas olha para mim. Esperando.

Uma hora atrás eu estava entorpecida. Incapaz de derramar uma única lágrima. Aparentemente ainda tenho uma guardada. Ela escolhe esse momento para transbordar, deslizar pela minha bochecha e pingar do meu queixo para espirrar em meu peito. É absorvida pelo tecido e desaparece como meus sonhos. Não há mais nada a fazer a não ser aceitar meu destino.

— Eu aceito — as palavras são sussurradas tão suavemente que não tenho certeza se alguém pode ouvi-las. O padre continua.

— E você, Emilio Jacob Ricci, aceita Brenna Erin Donnelly como sua legítima esposa? Para protegê-la e honrá-la deste dia em diante até que a morte os separe?

— Eu aceito. — Não há ternura, nem amor em seu tom. Não espero que haja, mas a pequena parte de mim que espera por alguma emoção desmorona com a realidade de que, para ele, este é um acordo comercial.

— Pelo poder que me foi conferido pelo estado de Nova York, eu agora vos declaro marido e mulher. Você pode beijar sua noiva.

Me preparo para o ataque. Em vez disso, seus lábios secos mal se aproximam dos meus e então ele nos vira de frente para a pequena multidão composta por minha família e dois homens que presumo serem dele. Posso ouvir o padre falando atrás de mim, mas bloqueio as palavras novamente. Minha mãe está chorando enquanto meu pai está sentado estoicamente ao lado dela. Não consigo olhar para meus irmãos e irmãs. Meu olhar, em vez disso, se concentra em vovô. Sua expressão é de satisfação. Por que não seria? Ele conseguiu o que queria.

Ele se levanta de seu assento.

— Venham ao meu escritório. — Ele se vira, esperando que todos o sigamos.

Meu — engulo em seco — *marido* coloca a mão na parte inferior das minhas costas e me encolho ao seu toque. Ouço um suspiro pesado ao meu lado. Como uma ovelha sendo levada ao matadouro, saio da sala de música e entro na toca de meu avô. Paro perto da mesa, fora do caminho. Fico surpresa ao descobrir que as únicas pessoas que chegam

atrás de mim são meu novo marido e o enorme e intimidador homem.

Meu avô franze a testa para a sua presença.

— Você pode sair.

O homem ignora o comando e se posiciona contra a parede, braços cruzados, com uma expressão entediada no rosto. Meu queixo quase cai com o desrespeito.

— Receio que Pierce não receba ordens de ninguém além de mim — meu marido diz secamente, sua voz profunda e baixa.

Uma veia lateja perto da têmpora de meu avô e seu rosto fica da cor de um tomate maduro. Ninguém o desobedece. Pelo menos não sem sofrer as consequências. Com uma calma enganosa, ele vai até sua mesa e pega uma caneta em cima de uma folha de papel. Meus olhos pousam nele. *Certidão de casamento.*

— Assine. — Segura a caneta na minha frente.

Fico paralisada, incapaz de me mover. Com minha assinatura, tudo se torna definitivo. Não há como desfazer nada disso.

Não posso fazer isso.

Há um lampejo de movimento e, em seguida, uma dor ofuscante. Lágrimas brotam do impacto da mão de meu avô em meu rosto. Um rugido de raiva vem logo em seguida. Viro minha cabeça a tempo de ver meu avô preso contra a parede, agarrando a mão do meu marido em volta de seu pescoço.

— Não dou a mínima para quão poderoso você pensa que é. Se tocar em minha esposa de novo, vou cortar sua garganta e enterrar seu corpo onde ninguém jamais o encontrará. Você entendeu? — ele rosna.

O rosto de vovô está ficando roxo escuro. Ele consegue dar um aceno curto... e meu marido o solta. Tosse e engasga, tentando desesperadamente sugar o ar. Ignorando totalmente o homem ofegante, meu marido se vira e, em um piscar de olhos, está de pé diante de mim. Ele se eleva sobre mim, e tenho que esticar meu pescoço para olhar para ele. Uma sombra de brutalidade perdura em seus olhos. Estende a mão e, apesar de tudo, me encolho... de novo. Ele apenas pega a caneta que meu avô deixou cair e a estende para mim.

— Nosso casamento é um acordo comercial, então entendo que se opõe a ele. Nenhum de nós quer isso, mas uma coisa que posso prometer é que nunca colocarei as mãos em você em um ato de raiva.

Estremeço com seu tom áspero. *Espere.* Se ele também não quer

se casar comigo, então por que fez isso? Meus olhos viajam por cima de seu ombro para encontrar meu avô, que ainda está esfregando o pescoço e olhando para mim. Em seguida, eles se movem para o homem enorme que permanece à espreita no canto. Ele está olhando para o meu avô. Seu silêncio contínuo e seu olhar de aço me enervam. Há uma prontidão de alerta em seu corpo, como se estivesse esperando para entrar em ação e defender seu chefe. Por fim, volto meu olhar para meu marido, que ainda está com a caneta na mão.

Eu o observo de novo. Seu cabelo escuro está penteado para trás, suas sobrancelhas são uma linha afiada sobre os olhos que se fixam em mim. Um calafrio me percorre com sua intensidade, e quase posso me perder olhando para eles. São da cor do conhaque preferido do meu pai. Apesar da ferocidade que exibiu momentos atrás, eles parecem quase gentis agora.

Em um movimento que me surpreende, estendo a mão e pego a caneta. Nossas mãos se encostam. Antes de mudar de ideia, rabisco minha assinatura na linha acima onde meu nome foi impresso. Posso sentir os olhos de meu marido em mim. Ele pega a caneta dos meus dedos, sua pele deslizando na minha. Arrepios sobem pelo meu braço. Confusa com minha reação, rapidamente dou um passo para trás enquanto meu marido, Emilio, assina seu nome ao lado do meu.

Ele enrola a certidão e a enfia no bolso interno do terno. Está feito. Entreguei minha vida a um estranho. Um homem que, momentos atrás, me mostrou quão brutal ele é. Apesar de sua promessa, não sei se posso confiar nele.

Santo Deus, o que foi que eu fiz?



CAPÍTULO 7

Jacob

Meu sangue continua a ferver pelo fato de Donnelly ter batido em minha esposa. Acordo comercial ou não, em nossa família, as esposas são tratadas com respeito e o casamento é um voto sagrado. Um que você não quebra. Ninguém toca na esposa de um Rei do Brooklyn. Aquele pedaço de papel que acabamos de assinar torna Brenna minha. De acordo com a nossa lei, tenho todo o direito de matar um homem que colocar a mão nela. Preciso tirar o avô dela de vista antes de enterrá-lo.

— Venha, é hora de ir embora.

Minha esposa se encolhe.

— O que você quer dizer com ir embora? Preciso arrumar minhas coisas. Me despedir da minha família.

Um latejar começa atrás do meu olho direito. Reprimo minha irritação.

— Está bem. Faça o que precisa fazer. Meu motorista, Giovanni, estará de volta em uma hora para buscá-la. Presumo que estará pronta.

— Não é uma pergunta, mas ela trata como tal.

— Sim. — Ignoro o tremor em sua voz. Também não tenho intenção de deixá-la nesta sala sozinha com o avô.

— Vou acompanhá-la até lá embaixo.

Ela lança um rápido olhar para o velho que está olhando para nós com puro ódio antes de voltar sua atenção para mim e assentir com a cabeça.

— Ok.

Enquanto ela pega suas coisas, Pierce e eu precisamos investigar um boato sobre os russos. Apesar de ser o dia do meu casamento, este é um assunto que não pode esperar. Aponto para a porta e, em seguida, sigo atrás dela, Pierce ocupando a retaguarda, seu foco, sem dúvida, em cada movimento do avô de Brenna. Para sua sorte, ele permanece em seu escritório enquanto percorremos o corredor e a porta do elevador nos fecha lá dentro.

A descida é rápida e cheia de um silêncio denso. Paramos e saímos perto da porta da frente do apartamento. A mãe de Brenna está parada ali, com as mãos cruzadas na frente, um leve sorriso no rosto, e Brenna vai ficar ao lado dela. Posso ver de onde ela herdou sua beleza.

— Bem-vindo à família, Emilio — a mãe de Brenna diz.

— Obrigado.

Antes de entrar no elevador no início da tarde, tive um breve vislumbre dos aposentos de sua família. Desta vez, dou mais do que uma olhada superficial ao redor do lugar. Posso dizer que este é um verdadeiro lar. Fotos de família revestem as paredes. Há uma aparência vívida nisso. É caloroso e convidativo. Minha mãe teria adorado. Pigarreio e volto meu olhar para minha esposa.

— Uma hora. — Com esse lembrete final, rapidamente giro e passo por Pierce, indo para fora como se demônios estivessem me perseguindo.

Antes de meu pé atingir o último degrau, Giovanni já está abrindo a porta traseira do carro.

— Leve-nos para o Império — ordeno.

Meus olhos estão desfocados na paisagem que passa, e ignoro o olhar aguçado de Pierce até não aguentar mais.

— Diga logo o que quer que você vá dizer.

O fedor de desaprovação é denso no ar e se funde com o cheiro de couro exalando dos assentos.

— Você está fugindo de novo.

Nunca fui bom em esconder minhas emoções dele. Pierce sempre foi capaz de ler as pessoas, mas principalmente eu. Não adianta

mentir.

— O quê você espera que eu faça?

— Ela é sua esposa, Jacob. Alguém que é tão peão nessa aliança quanto você.

Suspiro de frustração, porque ele está certo.

— Já se passaram sete anos — ele acrescenta.

Mergulho no assento e soco a janela, meu punho voando ao lado de sua cabeça. Olho diretamente para ele.

— Você acha que não sei quanto tempo faz? Como se não contasse os meses. As semanas. Os dias — minha voz está tensa. — Eu ainda a vejo em meus sonhos. Sinto o cheiro dela. Também vejo o sangue. Sempre que fecho os olhos, vejo o sangue. Então não me diga quanto tempo faz.

Um homem normal estaria tremendo de medo. Pierce apenas me encara. Há um lampejo de pena em seus olhos. Me afasto com um solavanco e caio para trás contra o assento. Minha respiração está irregular.

— Não consigo entender o que você está sentindo. Mas Brenna agora é sua esposa. É o dia do seu casamento e você a deixou sem dizer uma palavra.

— Você sabe que precisamos falar com Enzo. Haverá um acordo em breve, e os russos já nos enganaram muitas vezes. — O peso de seu olhar é pesado, e mesmo para meus próprios ouvidos ouço como essa desculpa é lamentável.

— A reunião com Enzo poderia ter esperado até amanhã.

Poderia. Não consigo explicar a necessidade urgente que tive de fugir. Na verdade, isso é mentira. *Ela* é a razão. Brenna. A foto que eu tinha visto antes do casamento não fazia justiça a ela. A chama de consciência que surgiu com seu toque quando ela pegou minhas mãos durante a cerimônia e depois, a caneta, ainda faz meus dedos formigarem. Eu não deveria estar atraído por ela. Isso só levará a complicações.

— Não é apenas a reunião — Pierce continua. — Como você espera que as famílias reajam a este casamento privado? Eles deveriam ter feito parte da celebração. Uma forma de apresentá-la a eles. Para mostrar respeito a ela e ao seu casamento.

Porra. Concordei com a sugestão de Paulie de simplificar e

facilitar a entrada de todos nessa aliança. Embora os capitães tivessem sido informados, ele achou melhor não lembrá-los de que precisávamos de ajuda contra os russos. É por isso que ele recomendou manter a cerimônia privada. Meu pai tentou me fazer mudar de ideia, mas permaneci firme. Peguei o que pensei ser a saída mais fácil.

Pierce está certo.

— Talvez Francesca possa ajudar a organizar uma recepção. Convidaremos as famílias principais e também os irlandeses. Uma forma de todos mostrarem seu apoio. — É a melhor solução que posso encontrar.

— Certamente não vai doer. Mas, Jacob, você precisa ir com cuidado. Ainda há desconforto dentro da organização sobre sua nova função. Assim como um traidor que ainda não descobrimos. Essa aliança é importante. — Entendo a preocupação de Pierce. O carro para em frente ao enorme edifício com suas luzes brilhantes lançando rajadas de cores no concreto branco. As letras pretas, com mais de três metros de altura, soletram “Império” na frente do cassino de propriedade do sindicato.

Saímos do veículo parado. Abotoo o paletó e puxo as mangas da camisa para baixo enquanto observo o ambiente. Homens de terno e mulheres vestidas com trajes formais desaparecem lá dentro. O barulho estridente das máquinas caça-níqueis chega até nós, embora mal passe das três da tarde.

Dirijo-me a Giovanni.

— Volte para pegar a sra. Ricci. Pegue as coisas dela e leve-a até o nosso condomínio. Permaneça lá.

— Sim, senhor — diz com um aceno de cabeça e retorna ao seu lugar ao volante.

Mais uma coisa precisa ser cuidada.

— Você pode fazer com que Francesca encontre minha esposa em nossa casa? Assim ela não estará sozinha quando chegar lá.

Pierce pega seu telefone enquanto olho para longe de seu olhar astuto. Mal ouço enquanto ele fala com sua irmã. Tudo o que posso pensar é como Brenna parecia perdida ao lado de sua mãe. Quero confortá-la. Acalmá-la

— Ela está a caminho — ele anuncia, chamando minha atenção de volta. — Eu dei a ela seus agradecimentos.

Concordo com a cabeça em apreciação, ignorando seu sarcasmo. É hora de afastar os pensamentos sobre minha esposa e focar nos negócios. Um traidor dentro da nossa organização está trabalhando com os russos. Marco havia aludido ao fato durante seu interrogatório, mas antes que Pierce pudesse obter mais informações, alguém havia entrado sorrateiramente no depósito e o silenciado.

Minha esperança é que o homem lá dentro possa nos dar alguma informação, porque até agora chegamos a um beco sem saída. Temos um carregamento de armas chegando em breve e precisamos garantir que nossos inimigos não cheguem até ele primeiro.

— Vamos falar com Enzo.



CAPÍTULO 8

Brenna

— Você gostaria de ajuda?

Olho para cima para encontrar minha mãe parada na minha porta. Sem esperar por uma resposta, ela entra e pega um dos livros empilhados na minha cadeira. Estou arrumando minhas coisas às pressas antes que Giovanni volte.

— Quantas vezes você já leu este? — Seus dedos acariciam a capa da minha história favorita, um pequeno sorriso no seu rosto.

— Perdi a noção. O suficiente para saber quase de cor. É a história de uma mulher que deixa para trás sua vida de privilégios para viver no campo com o amor de sua vida. Ela desiste de tudo, mas no final recebe a maior recompensa.

Ela o coloca delicadamente, junto com o restante da pilha, em uma caixa antes de lacrá-la. Meu olhar dispara ao redor do meu quarto, pegando as poucas caixas e malas que tenho. É difícil imaginar que toda minha vida possa ocupar tão pouco espaço. Nunca gostei de moda, ao contrário de outras jovens da minha idade, por isso não tenho um armário cheio de roupas ou sapatos. Apesar de todo o nosso dinheiro, acho que nunca esbanjei em nada. Não há nada que eu precise, realmente, além dos meus livros.

— Posso te fazer uma pergunta? — Meu olhar pousa em minhas

mãos no colo e no modesto diamante enfeitando meu terceiro dedo, antes de virar meus olhos para encontrar os de minha mãe.

— Claro. — Ela empurra para o lado a caixa que acabou de embalar e se acomoda na chaise.

— O que você sabe sobre ele? — Talvez meus medos possam ser um pouco aliviados se souber de alguma coisa. Preciso de um pouco de paz de espírito.

— Venha. — Ela dá um tapinha no lugar ao lado dela, e me levanto da minha posição no chão e me sento. — Ele é um pouco mais velho que você, tem trinta e poucos anos, acredito. Filho único, embora pelo que ouvi dizer seja próximo dos primos. Sua mãe faleceu. Ela morreu quando ele era mais jovem, pouco antes de ele fazer o juramento à família.

— Mas e *ele*? Como *ele é*? — Nenhuma das informações que ela compartilhou realmente me disse nada.

Ela suspira.

— Eu realmente não sei muito. Existem rumores, é claro... histórias. Sei que há sete anos sua prima mais nova foi sequestrada pelos russos. Ela ficou presa por quase uma semana antes que ele pudesse rastreá-los e resgatá-la. Ele matou cada um deles, mas não antes de incendiar vários de seus edifícios. Ele deixou a cidade logo depois disso. Foi dito que seu pai o enviou para supervisionar uma de suas equipes em outra cidade, mas é pura especulação.

A violência é um lado da nossa família ao qual nunca fui exposta. Eu vi meu pai e meus irmãos voltarem para casa cobertos de sangue, mas ninguém falou sobre o que eles fizeram para adquiri-lo. Sempre tive medo de perguntar. Não consigo imaginar como sua prima deve ter ficado apavorada. Ouvir que ele assassinou os responsáveis me dá um arrepio. Ele parece brutal, algo que testemunhei há pouco tempo. Claro, como filho do chefe, ele provavelmente deveria ser.

— Brenna. — Caitlín corre sem fôlego. — Gio está aqui.

Gio?

— Você quer dizer Giovanni?

Ela apenas dá de ombros.

— Ele disse que Emilio o enviou para pegar você e suas coisas. Devo mandá-lo subir? — Olho para o relógio para ver que ele chegou na hora exata. Considerando para quem ele trabalha, não me surpreende.

— Não — minha mãe responde. — Caitlín, amor, por favor, vá buscar seus irmãos. Eles podem levar as coisas da sua irmã para o carro. Dessa forma, podemos nos despedir.

Ela desaparece tão rápido quanto chegou. Dentro de alguns minutos, Jack, Paddy e Nathan estão enchendo o quarto, pegando dois itens cada um e caminhando pela casa. Minha mãe, minha irmã e eu seguimos atrás. Papai nos encontra na sala de estar. Nós nos encaramos até eu não aguentar mais. Corro e me jogo contra seu peito, envolvendo meus braços firmemente em volta de sua cintura. Ele me envolve em um de seus abraços de urso da minha infância. Eu senti tanto a falta deles.

— Se ele não te tratar bem, me avise. Vou endireitá-lo — sussurra asperamente em meu ouvido.

Minha risada sai sufocada.

— Eu te amo, papai.

— Eu também te amo, *ceann beag*.

Faz muito tempo que meu pai não me chama de pequena. Dou um sorriso.

Meus irmãos voltam para dentro de mãos vazias. Giovanni — *Gio* — fica na entrada atrás deles. Esperando.

Abraço a todos, deixando minha mãe por último.

— Emilio disse que posso ir nadar assim que vocês estiverem acomodados — Caitlín fala depois de me liberar.

Não deveria me surpreender que ela saiba se minha nova casa tem piscina ou não. Acho que ela enganou meu marido. Minha irmã tem um jeito de fazer qualquer um falar com ela e dizer praticamente tudo o que ela quer. Sem dúvida encurralou Emilio no minuto em que ele entrou para o casamento. Ela possui um charme natural que eu nunca tive.

— Tenho certeza de que mamãe ficaria feliz em levá-la para uma visita algum dia.

— Eu disse a ele que era melhor ele manter você feliz, caso contrário ele teria que responder a mim. — Ela aponta o peito com o polegar.

— Caitlín — minha mãe adverte com pura exasperação enquanto meus irmãos riem, orgulho evidente em seus rostos.

Bufo porque não tenho dúvidas de que ela de fato ameaçou

Emilio com algum tipo de dano corporal. Imagino que tenha ficado tudo bem.

— E o que ele disse sobre isso?

— Ele disse que você teve sorte de ter uma guerreira tão feroz defendendo-a.

Gio pigarreia.

— Sinto muito, sra. Ricci, mas precisamos ir.

O pavor é pesado dentro da minha barriga. Finalmente, viro para minha mãe. Há lágrimas em seus olhos, mas ela está fazendo o possível para contê-las. Sinto um nó em minha garganta. Não posso quebrar. Ainda não. O perfume de gardênia da minha mãe, o açúcar e o cheiro especial dela me envolvem no segundo em que ela envolve os braços em volta de mim.

— Sinto muito, mãe — sufoco.

Ela não pergunta o porquê. Ela não precisa.

— Você é mais forte do que pensa, meu amor. Você ainda é uma Donnelly e nós nunca desistimos.

Seu aperto afrouxa e ela se aproxima de meu pai, que a puxa contra ele. Com um último olhar para minha família, viro-me e sigo Gio até o carro, com a coluna ereta e a cabeça erguida. Me acomodo no banco de trás do carro, meus olhos voltados para frente. O vidro de privacidade que separa a parte da frente do veículo está aberto. A qualquer segundo, vou desmoronar e não quero uma testemunha de minha miséria. Vai ser confuso e feio, e prefiro me poupar do constrangimento.

Meu olhar se move freneticamente antes de finalmente pousar no botão. Me apresso para apertá-lo ao mesmo tempo em que Gio se senta ao volante. O primeiro soluço escapa antes que o vidro feche totalmente, mas então a rachadura desaparece e estou sozinha com meu coração machucado.



Não tenho certeza do que esperar quando chego na casa de Emilio. Certamente não é ser recebida por uma linda mulher de cabelos escuros que parece ter a minha idade. Uma emoção desconhecida borbulha dentro de mim. Giovanni pigarreia antes que eu possa

perguntar o nome dela. Pulo e saio do caminho enquanto ele traz minhas malas.

— Para onde vão estas? — Ele levanta os braços.

O pânico aumenta. Fico sem jeito, sem saber o que dizer, meu olhar indo de um lado para o outro entre ele e a mulher.

— Vire à direita no topo da escada, segunda porta à esquerda — sua voz é suave.

Giovanni passa por ela, que recua vários passos colocando distância entre eles. Pisco com seu comportamento arisco. Na viagem de volta, ele a olha, mas ela mantém o olhar abatido. Ele encontra meu olhar.

— Voltarei com o resto de suas coisas.

Ele fecha bruscamente a porta atrás de si, deixando-me sozinha com a mulher que ainda não conheço. Posso sentir as lágrimas se acumulando atrás dos meus olhos, mas pisco para afastá-las. Não vou deixá-la ver como estou afetada.

— Você deve ser Brenna. Eu sou Francesca — ela diz o nome como se eu devesse saber quem ela é.

— É um prazer conhecer você. — Internamente, me encolho com o tom que desmente essa afirmação.

Ela sorri com compreensão.

— Você não sabe quem eu sou, não é?

Balanço minha cabeça.

— Desculpe. Achei que Emilio viria me encontrar aqui. Ele não disse nada sobre uma mulher. — Estou orgulhosa de quão forte minha voz soava.

Francesca ergue os olhos para o céu por vários segundos, como se estivesse se dirigindo a alguém acima, antes de olhar para mim.

— Sou prima de Jacob... Emilio. Pierce é meu irmão. Não consigo imaginar o que você pensou ao me ver assim que entrou pela porta, especialmente logo após o seu casamento. Vou me certificar de dar uma bronca no meu primo por ser tão rude. Lamento que você não tenha sido informada.

Mais uma coisa que ninguém se preocupou em me dizer. Mas suas palavras só pioram minha ansiedade, apesar de meu alívio ao saber quem ela é.

— Por favor, não diga nada. Tenho certeza de que não passou de

um descuido. É realmente um prazer conhecê-la. — Pigarreio e olho ao redor. — Você vai morar aqui também?

Francesca ri.

— Meu Deus, não. Eu moro com Pierce, mas Jacob me pediu para estar aqui para recebê-la, para que você não estivesse sozinha em seu primeiro dia em sua nova casa. Ele tinha alguns negócios para resolver e não voltará até mais tarde esta noite. Claro, pensei que ele a tivesse informado disso.

— Isso foi generoso da parte dele.

Emoções confusas passam por mim. O fato de que ele foi atencioso o suficiente de se certificar de ter alguém aqui para que eu não fique sozinha, a apreensão de saber que este é... o lugar onde vou morar. Engulo de volta a incerteza. *Seja uma boa esposa.* O que quer que isso signifique. Outra coisa que ela disse flutua de volta para mim.

— Jacob? É assim que todos o chamam? — Ter que fazer uma pergunta tão estúpida me enche de vergonha. Como esposa dele, isso é algo que eu deveria saber, não é?

Francesca balança a cabeça.

— Só Pierce e eu. Bem, a tia Rosalie também costumava, antes de morrer. Nunca ouvi ninguém além de nós dois chamá-lo assim. Nem mesmo seu pai. Então, de novo, eles nunca foram tão próximos quanto Jacob e sua mãe.

Giovanni empurra a porta e entra carregando uma das minhas caixas de coisas, interrompendo o silêncio incômodo. Francesca se encolhe ligeiramente e dá um pequeno passo para trás.

— Posso ajudar? — ofereço, principalmente porque sou péssima com conversa fiada e não sei o que devo dizer a ela.

Ele olha para mim como se eu tivesse acabado de pedir para ele se despir.

— Não, sra. Ricci, eu cuido disso. Isso fica no mesmo cômodo?

Pisco ao ouvir o nome.

— Sim, por favor — respondo, embora não tenha ideia. Vou descobrir onde minhas coisas estão mais tarde.

Depois que ele desaparece no andar de cima novamente, não tenho escolha a não ser voltar para Francesca. Aliso minhas mãos em minhas calças e estico meus dedos. Se ela é prima de Emil-Jacob, então isso a torna minha família também. Minha cabeça gira para ver minha

nova casa. É uma sensação adorável, mas também quase estéril. Não há cor. As bancadas e armários em granito são brancos. O sofá e a cadeira combinando — brancos. Lâmpadas — brancas. Nenhum detalhe de cor. Sem fotos de família. Só posso imaginar que é o mesmo lá em cima.

— Peço desculpas por não ter sido uma anfitriã muito boa. Você gostaria de se sentar? Não tenho certeza se há algo para oferecer, mas posso pegar algo para você beber? — Aponto para o sofá.

— Não, estou bem, obrigada — ela se senta e eu me abaixo na cadeira. — Há algumas coisas na geladeira que eu trouxe, porque se Jacob for como Pierce, ele não teria pensado em abastecê-la. Claro, e eu estava certa. — Ela revira os olhos.

Ignoro Giovanni descendo as escadas, mas o olhar de Francesca pisca para ele quando passa por nós e sai pela porta novamente. Ela rapidamente desvia o olhar.

— Muito obrigada. Você não precisava fazer isso.

Ela sorri genuinamente.

— Somos uma família agora, o que significa que cuidamos uns dos outros. Não consigo imaginar quão nervosa você provavelmente está. Eu também estaria se estivesse na sua posição. Casada com um estranho em algum tipo de jogo de poder. Se serve de consolo, Jacob protege o que é dele.

Dele. Como se eu fosse uma propriedade.

Estudo minhas mãos no meu colo. Seria bom ter alguém com quem conversar e, se meu marido vai viajar com frequência, tenho a sensação de que ficarei sozinha. Embora ame Caitlín, nunca tive outra amiga da minha idade que soubesse como é a nossa vida. Espero que ela e eu possamos nos tornar amigas. Eu também gostaria de fazer perguntas sobre meu — Jacob. Giovanni entra e sai mais duas vezes trazendo as últimas caixas para dentro e levando para o andar de cima.

Reunindo minha coragem, deixo escapar uma pergunta.

— O que você pode me dizer sobre... Jacob? — Seu nome em meus lábios parece estranho. — Minha mãe disse que ele voltou recentemente para o Brooklyn depois de sete anos fora. Onde ele estava?

Nunca ouvi falar do filho do chefe de toda a organização poder sair. Em nossa família, isso equivale a traição. Ouvi histórias de alguns dos homens do vovô sendo mortos depois que tentaram sair.

Um lampejo de dor e medo surge nos olhos de Francesca.

— Ele e Pierce estavam morando na Carolina do Norte.

— Você sabe por que ele foi embora?

Ela se encolhe e a culpa me inunda. Estou agindo pelas costas do meu marido fazendo perguntas sobre ele. Algo me diz que ele não apreciaria minhas perguntas. É tarde demais para voltar atrás.

— Francesca.

Ofego e nós duas viramos para a voz que vem do outro lado da sala. Parado na porta, está meu marido, Pierce atrás dele. Ambos estão com expressões ferozes, mas só tenho olhos para o homem na frente. Ela pigarreja e se levanta.

— Eu deveria ir. Foi muito bom conhecê-la.

— Igualmente. Obrigada por me receber. — Fico de frente para meu marido, enquanto Francesca se move ao meu redor e se dirige para a porta. Ele lhe dá um pequeno sorriso e minha respiração falha. *Ele tem covinhas*. Ela e Pierce fecham a porta atrás de si, deixando-me sozinha pela primeira vez com meu marido. Com Jacob.

Ficamos ali, em silêncio, olhando um para o outro. Eu tento não me mexer sob seu olhar pesado. Sua expressão está em branco. O silêncio é sufocante.

— Pensei que você tinha negócios para resolver.

Ele atravessa a sala e se dirige para a área de jantar, onde um pequeno bar foi construído contra a parede dos fundos. Ele pega um copo e se serve de uma bebida. Jacob olha para mim. Ainda estou de pé onde ele me deixou.

— Você gostaria de um?

Engulo e aceno. Nunca bebi uísque puro antes. Algumas bebidas mistas ou uma cerveja aqui e ali, mas nada como isso. Ele serve outro e, em seguida, caminha até mim, segurando o copo. Pego dele e nossos dedos se roçam. Um pequeno solavanco me faz tremer, quase deixando cair o copo no processo. Ele levanta uma sobrancelha e sorri, como se soubesse o efeito que tem.

Ele gesticula em direção a cadeira que desocupeei recentemente. Ele se senta na outra cadeira e cruza o tornozelo sobre o joelho, inclinando-se para trás, antes de tomar um pequeno gole de sua bebida. Sigo o exemplo. Fogo queima minha garganta e lágrimas brotam em meus olhos enquanto tusso e engasgo. Finalmente, engulo tudo, lutando

contra o constrangimento.

— Essa coisa é positivamente nojenta.

Meu marido dá uma risada.

— É um gosto adquirido.

Seguro o tremor.

— Sim, bem. — Cheguei até aqui. Prendendo a respiração, tomo um gole ainda menor do que o primeiro e, embora a queimação ainda esteja presente, consigo conter as lágrimas desta vez. Estou determinada a beber tudo, mesmo que isso me mate. É como se estivesse tentando provar alguma coisa. Talvez para me convencer de como sou corajosa.

— Você e Francesca tiveram um encontro agradável? — há um tom curioso em sua pergunta.

— Sim. Ela parece ser muito legal.

— Estou feliz que vocês parecem ter se dado bem. — Ele toma outro gole.

Aperto o copo entre minhas mãos e olho para ele. Meu marido tem um ar de relaxamento ao seu redor, enquanto estou tensa e ansiosa. *Será sempre assim entre nós?* Olho para cima para vê-lo me estudando. Há um brilho de diversão em seus olhos.

— Você não deixou Francesca responder a minha pergunta. — Ele esperava que eu esquecesse?

Sua expressão fica vazia e o copo paira em seus lábios antes que ele o abaixe.

— Você está se referindo ao motivo que eu fui embora?

— Sim. — Endireito-me na cadeira e espero.

— O motivo não é importante. Estou de volta, e isso é tudo que você precisa saber.

Franzo a testa. Casados há apenas algumas horas e já existem segredos entre nós. Não sei por que continuo esperando mais deste casamento. Como Francesca disse, é um jogo de poder para nossas famílias. Mostrar aos nossos inimigos quem controla o Brooklyn. É hora de me lembrar disso. Não passo de um peão.



CAPÍTULO 9

Jacob

Esta minha esposa é uma contradição. Durante o casamento, Brenna estava com medo. Estava com os dedos trêmulos sob os meus. No entanto, a coragem que ela demonstrou ao me encarar enquanto pegava a caneta da minha mão para assinar seu nome fez com que partes de mim sentassem e prestassem atenção. Ao vê-la aqui, ombros retos e altos, a bravura continua.

Brenna toma outro gole de seu uísque e mal consegue controlar seu estremecimento de desgosto. Reprimo um sorriso e a estudo. O cabelo que tinha sido puxado para cima em algum desenho extravagante agora está em ondas ao redor de seus ombros. A luz do sol entra pela janela, dançando e dando-lhe a cor do fogo com vários tons de vermelho e laranja. Estou curioso para saber se o temperamento dela combina.

Pierce está errado. Ela não é apenas bonita.

Afastando o pensamento, me levanto do meu assento e arranco o copo de suas mãos. Eu a quero sóbria esta noite.

— Eu estava bebendo isso — rosna.

— Ambos sabemos que você só estava bebendo para provar alguma coisa.

Brenna faz beicinho e, de repente, quero beijar aqueles lábios

carnudos e rosados. Ela deve ver algo em meu rosto, porque suas bochechas coram e rapidamente desvia o olhar. Quebrando o feitiço, pigarreio.

— Giovanni trouxe suas coisas?

Ela engole em seco.

— Sim. Francesca disse a ele para levar para cima, mas ainda não subi lá, então não tenho certeza de onde exatamente ele colocou tudo. Eu provavelmente deveria começar a desfazer as malas.

— Primeiro, por que não fazemos um tour? Você pode se preocupar com suas coisas depois.

— Tudo bem. — Brenna levanta da cadeira e passa as mãos nas coxas.

Depois de levá-la ao redor do prédio, voltamos para o apartamento e conduzo o caminho escada acima.

— Este é o nosso quarto.

Brenna entra e olha ao redor nervosamente. Parece que a incerteza voltou.

— É adorável.

— Não posso levar o crédito pela decoração. Todos os móveis foram escolhidos por Francesca. — Ela também escolheu a arte de flores de cores vivas que está centralizada na parede atrás da cama. Há uma cobertura de cama azul brilhante que ela diz complementar as cores do quarto. Uma cama que minha esposa sempre evita olhar.

Sua atenção é direcionada para o pequeno vaso de flores recém-cortadas na cômoda até a cintura.

— As flores são lindas.

— Você pode agradecer a Francesca por isso também. Foi ela quem as sugeriu à empregada que vem três vezes por semana para fazer a limpeza.

O olhar de Brenna muda para o meu antes que ela desvie o olhar novamente.

— Isso foi muito atencioso da parte dela.

Ela continua parada ali, não inquieta, mas hesitante. Nunca tive problemas com uma conversa antes, mas pela primeira vez as palavras me escapam. Fico olhando para esta mulher que agora estou ligada para o resto de nossas vidas. A mulher que dará à luz meus filhos. A mulher que nem consegue olhar para mim. Onde está sua bravura agora?

— Você vai se encolher assim o tempo todo que estivermos juntos no mesmo cômodo? — falo, de repente, com raiva.

A cabeça de Brenna se ergue bruscamente e sua coluna se endireita. Seu olhar se estreita.

— Não estou me encolhendo.

Arqueio uma sobrancelha.

— Ah, sério? Porque agora você me lembra um cordeirinho assustado.

Ela gagueja e qualquer raiva que eu sinta desaparece, porque os olhos de minha esposa estão cheios de fogo. Estou quase animado para sentir a queimadura.

— Não estou intimidada e nem com medo. A menos que você planeje voltar atrás em sua palavra.

— Minha palavra?

— Se bem me lembro, acredito que você prometeu nunca colocar a mão em mim, com raiva.

Concordo.

— Verdade.

— A menos que você seja um mentiroso, então não devo ter motivos para temê-lo.

Avanço até que me eleve sobre ela. Brenna engole, mas mantém os olhos fixos nos meus.

— E se eu colocar minhas mãos em você de outras maneiras? — Arrasto a ponta do meu dedo na sua pele, deixando um rastro de arrepios. — Você vai me temer então?

Brenna ergue o queixo com orgulho, mas há uma centelha de pânico em seus olhos.

— Você é meu marido. Tenho o dever de ser uma boa esposa.

Dever. Passei a odiar essa porra de palavra.

— Então isso significa que eu poderia lentamente tirar sua roupa e tocar cada centímetro do seu corpo? Seus seios? — Sem desviar o olhar, traço o caminho de volta para cima, em seu braço, através de sua clavícula antes de roçá-lo sobre a parte superior de seu monte macio. Sua respiração fica presa no peito e ela congela. — E a sua barriga? Talvez ainda mais baixo? — Meu dedo desliza por seu esterno e juro que quase posso sentir seu coração batendo a mil por hora. A respiração de Brenna fica superficial e seus lábios se abrem um

pouquinho. Há um toque de excitação em seu olhar, mas não é o suficiente para superar o medo.

Com um suspiro, me afasto.

— Cuide das suas coisas. Há muitos cabides em seu armário e metade das gavetas são suas. Fique à vontade. Voltarei mais tarde — digo por cima do ombro.

Desço as escadas correndo, meus ouvidos treinados para qualquer som atrás de mim. Mas só há silêncio. *Pelo menos não há lágrimas.* Nenhuma que eu possa ouvir, de qualquer maneira. Saio pela porta, desço o elevador e vou para rua. Pierce vai ficar chateado se descobrir que saí sozinho. Também não posso culpá-lo. Embora nunca o tenha considerado assim, ele se autodenominou meu guarda-costas desde o momento em que foi iniciado na família, aos quinze anos.

Giovanni corre pela frente do carro, surpresa evidente em seu rosto. Tenho certeza de que ele não esperava que eu fosse a lugar nenhum tão cedo depois de chegar em casa. Especialmente no dia do meu casamento.

Você está fugindo de novo. Afasto as palavras anteriores de Pierce.

— Sr. Ricci, está tudo bem?

Dispenso sua preocupação.

— Leve-me ao Divino.

— Sim, senhor. — Ele rapidamente abre a porta de trás e me fecha lá dentro. Gio assume seu lugar ao volante, e o carro desce um pouco antes de ele se afastar do meio-fio. Ainda é início da noite com luz suficiente para eu observar a cidade.

Lentamente, nas últimas duas semanas, estar no Brooklyn trouxe consigo uma saudade que eu não esperava. Apesar dos sete anos que passei em Pinegrove, nunca me senti em casa.

Estou de volta à cidade há tempo suficiente para que nossos inimigos saibam que vou substituir meu pai e que meu casamento hoje alinhou duas famílias poderosas. De acordo com Enzo, Mikhail Popov e o resto dos russos estão reunindo seus soldados e se preparando para interceptar o carregamento de armas programado para chegar em dois dias. Precisamos estar prontos. Não posso deixar que nada me distraia e isso inclui minha nova esposa.

Especialmente ela.



CAPÍTULO 10

Brenna

Cinco horas. Esse é o tempo que Jacob está fora. Nas duas primeiras, me mantive ocupada ao desempacotar meus poucos pertences. Pendurei minhas roupas, organizei as gavetas da cômoda e guardei todos os meus produtos de higiene em nosso banheiro compartilhado. Isso manteve minha mente ocupada e focada em algo, qualquer coisa, além da lembrança de seu toque.

Depois, vasculhei a cozinha e encontrei uma pequena tábua de frios e alguns legumes na gaveta, cortesia de Francesca. Eu teria matado por um molho ranch ou algo para mergulhá-los, mas em vez disso os roí crus como um coelho.

Meu estômago ronca de fome. Não consegui comer antes do casamento, estava muito nervosa. E as poucas coisas que comi mais cedo já se foram há muito tempo. Preciso falar com Jacob sobre comprar mantimentos ou mesmo pedir delivery assim que ele chegar em casa, embora se for mais tarde será hora de dormir.

Tentei evitar que meus olhos se voltassem para o relógio, mas tem sido difícil. As tentativas de assistir televisão foram inúteis. Tudo o que fiz foi mudar continuamente de canal, sem conseguir me concentrar em nada. Nem mesmo meu livro prendeu minha atenção. Li a mesma página pelo menos quinze vezes. Não há mais distrações. Nada

mais impedia meus pensamentos de voltar ao que aconteceu antes de Jacob partir. A maneira como ele me tocou. Minha pele ainda formiga onde ele arrastou seu dedo. Não importa que tenha apenas tocado a carne nua do meu braço. Cada centímetro do meu corpo continua a queimar. Eu estava com medo. E também estava excitada. Não tenho certeza de qual emoção me assusta mais. Nunca senti esse nível de atração por alguém antes.

Uma chave bate na fechadura e atrai meus olhos para a porta. Meu pulso dispara. Estou esperando a chegada de Jacob, mas não tenho certeza se estou pronta.

Não importa se estou preparada ou não, porque ele entra pela porta. Ele faz uma pausa, como se tivesse esquecido que eu estaria aqui, mas se recupera rapidamente. Fecha a porta atrás de si e vira a chave antes de entrar na sala. Sua aparência é desgrenhada, o paletó amassado e a gravata frouxa.

— Você cuidou de sei lá qual negócio que tinha para fazer? — Estremeço com meu tom acusatório.

— Sim — ele responde, passando por mim e indo para a cozinha.

É isso. Apenas uma única palavra. Uma raiva inesperada surge de dentro de mim. Durante toda a minha vida me senti invisível. Ignorada. Às vezes mesmo por minha própria família, apesar de seu amor.

— Isso é tudo que você vai dizer? — digo, levantando-me do sofá.

Ele se vira e se inclina contra o balcão da cozinha, os braços cruzados, sua expressão insípida.

— O que mais você gostaria que eu dissesse?

Não posso responder, porque não sei. Não faço ideia do que estou fazendo. Eu me casei com um estranho. Deixei a única casa que já conheci. Passei quase todo o meu curto casamento sozinha. A raiva que queimou intensamente momentos atrás pisca antes de escurecer e desaparecer em um único segundo. Em seu lugar floresce a tristeza. Meu corpo cede em derrota, e dou um rápido aceno de cabeça.

— Não importa.

Com isso, deixo meu livro onde o coloquei no braço do sofá e subo as escadas. Eu tinha deixado meu pijama na cama enquanto

desfazia as malas mais cedo. Pego e vou para o banheiro para me trocar. Escovo os dentes, evitando meu reflexo no espelho. Com a facilidade de um hábito antigo, faço uma trança no cabelo para que não fique um emaranhado pela manhã. Depois de apagar a luz, volto para o quarto.

Meus passos vacilam ao ver Jacob. Ele tirou o paletó e a gravata e está tirando a camisa social. Músculo após músculo ondulam a cada movimento que faz. Minha boca seca com a visão. Ele apenas lança um rápido olhar por cima do ombro antes de continuar a se despir. Um arrepio percorre minha pele, e não é por causa do frio. Afasto as cobertas e deito na cama.

Não consigo tirar os olhos de meu marido. Há poder em cada movimento seu. A cada peça de roupa que ele tira, mais consciente fico do latejar na parte inferior da barriga. Logo Jacob está de pé em nada além de cueca boxer preta. Suas costas são uma tela larga e em branco que imagino acariciar com meus dedos, seguindo as linhas sutis que definem cada músculo individual. Meu olhar se concentra nas duas covinhas na base de sua coluna, e minha mão se contrai com a necessidade de tocá-lo. Ele se vira para mim, e meus olhos se fecham. Ele ri baixinho e apaga a luz.

A escuridão me dá um pouco de coragem e abro os olhos novamente. Até que as cobertas são levantadas e o ar frio corre sobre mim. A cama afunda e Jacob se acomoda ao meu lado. O calor que irradia dele aquece meu corpo. Espero que se aproxime, para começar a me tocar novamente, mas permanece onde está. Abro a boca para dizer alguma coisa, embora não tenha certeza do quê. Um pedido de desculpas talvez.

— Sinto muito por ter deixado você sozinha mais cedo. Especialmente no dia do seu casamento — suas palavras são silenciosas e inesperadas. — Não era assim que queria que nosso casamento começasse.

— Como você *queria* que começasse? — pergunto bem baixinho.

— Eu realmente não sei. Nunca estive em um casamento arranjado antes. E você?

— Nunca estive em um casamento arranjado antes também.

Jacob solta uma risada curta e sorrio, embora ele não possa me ver.

— Corajosa e com senso de humor — reflete.

Minhas bochechas esquentam com o elogio. Ignoro o comentário “*corajosa*”, porque não tenho certeza de que seja uma afirmação precisa e, em vez disso, concentro-me na última parte da frase. Minha mãe e Caitlín me dizem que posso ser muito engraçada, mesmo que não seja intencional, mas elas são tendenciosas. Ouvir o mesmo de meu marido, que não precisa dizer coisas boas como essa, me dá um pouco de confiança de que talvez haja um pouco de verdade em suas palavras.

— Acho que é assim que eu queria que nosso casamento começasse — digo, finalmente.

— Como?

— Conversando. Nos conhecendo. Embora não ache que saiba mais sobre você agora do que sabia antes de nosso casamento, exceto que seus primos o chamam de Jacob. Tudo bem se eu te chamar assim também? Ou prefere que eu use Emilio? — Prendo a respiração esperando por seu veredicto.

— Jacob está bom — sua voz é grave e cheia de uma nota de... aprovação?

Dentro da minha barriga uma brasa se acende, me aquecendo. Esse é o nome que prefiro, pois fala de um nível de proximidade. *Intimidade*. Eu gosto disso.

— Acho que temos toda a nossa vida para nos conhecermos — digo baixinho. — Embora, a preocupação mais imediata que tenho é que não sei o que espera de mim.

Ele fica quieto por tanto tempo que me preocupo que tenha adormecido. Ou talvez ele simplesmente não vá me responder.

— Acho que o que qualquer homem espera de sua esposa. Alguém que cuide da casa e dos filhos.

Há uma dor perto do meu coração. É estúpido. Não é isso que minha mãe faz? Cuida da casa e dos filhos do meu pai. Por que minha vida deveria ser diferente? *Por que continuo esperando mais?* Tento esconder minha decepção.

— Farei o meu melhor.

Não parece haver mais nada a dizer, então viro de lado. Longe dele.

— O que você espera de mim? — a voz de Jacob vem do escuro.

Olho por cima do ombro, embora só consiga distinguir a silhueta do homem deitado ao meu lado. Eu rolo de costas.

— Não tenho certeza do que você quer dizer.

Estranhamente, essa conversa entre nós parece quase mais íntima do que se ele comesse a me tocar novamente.

— Você perguntou o que eu esperava de você, como se isso fosse a única coisa que importasse. Não é. O que você espera de mim também é importante. Este casamento é para sempre, Brenna. Não pretendo desperdiçá-lo com nós dois miseráveis e infelizes.

Espere aí. O quê? Fico ali em estado de choque, porque não sei o que dizer. É como se a escuridão tivesse dado a nós dois a coragem, a segurança, para falar sobre coisas que de outra forma não falaríamos. Ou talvez seja só eu.

Jacob não é nada do que eu imaginava. Eu esperava raiva. Talvez até crueldade. Indiferença. Mas isso? Uma conversa de verdade sobre nosso casamento? Como se meus desejos fossem importantes?

Ninguém nunca me perguntou o que eu quero. Fui para Columbia, em vez da minha escolha de Barnard, para um diploma que nunca usarei, porque meu pai insistiu. Grande parte da minha vida foi guiada pelo que todo mundo deseja, incluindo este casamento. E este homem, um estranho — não, meu marido — está me perguntando o que *eu* quero.

Extraio mais coragem do escuro.

— Respeito. Honestidade. Comunicação. — Tomo uma respiração instável. — Eu não espero amor, mas...

Ao meu lado, o corpo de Jacob fica rígido. Não posso nem dizer se ele está respirando.

— Mas?

Ouçõ o medo em sua voz. A cautela rude. Ele pode ouvir a mentira na minha? Sou estúpida por esperar amor em meu casamento, especialmente porque ainda somos estranhos que não sabem nada um do outro? Tenho que dar algo a ele, no entanto.

— Mas espero por carinho. Algum dia, talvez.

Um fio de energia nervosa dança em minha pele enquanto espero por uma resposta. Pedi demais? Em vez de me dar coragem, a escuridão começa a me sufocar. Meu peito dói. Não consigo ler nada de Jacob.

Por fim, há uma expiração. Não tenho certeza se é de alívio ou outra coisa. Então sua voz vem do escuro:

— Farei o meu melhor.



CAPÍTULO 11

Jacob

Acordo com o lindo corpo de Brenna pressionado contra mim. Braço jogado sobre meu peito. Perna presa entre as minhas. Sua respiração é quente contra meu ombro. A princípio, tenho certeza de que estou sonhando. Abro os olhos e avalio nossa posição. Ainda estou do meu lado da cama. É ela que apossou de mim.

Fiquei acordado por horas noite passada — muito depois de ela ter adormecido, sua respiração calma e uniforme, com um leve ronco ocasional. Brenna não é nada do que eu imaginava. Sua menção ao amor me deixou desconfortável. Mas é a esperança dela de carinho que não consigo esquecer. O tom de voz que ela usou quando disse isso. Como se fosse apenas uma ilusão da parte dela.

Carinho.

Uma coisa tão pequena. No entanto, para minha esposa, parece muito.

A luz do sol é filtrada pelas janelas coloridas, fazendo com que seu cabelo pareça fogo ardente. Meus dedos coçam com a necessidade de escovar os fios que escaparam da sua trança durante a noite, mas resisto. Não quero incomodá-la, embora meu cérebro esteja me dizendo para me afastar. Para colocar algum espaço entre nós. Sua pele macia é muito boa contra mim.

Quando foi a última vez que acordei com uma mulher em meus braços? Especialmente uma que não fodi?

Brenna é minha esposa. Tenho todo o direito ao corpo dela. No entanto, no dia seguinte ao casamento, ela permanece intocada. Pelo menos por mim. Usei toda minha força de vontade para não estender a mão sobre a cama e continuar de onde havia parado, mas então me lembrei do medo em seus olhos. Serviu como outro lembrete para manter distância.

Ela se mexe e sua perna roça no meu pau. Cerro os dentes e reprimo o gemido que se forma em minha garganta. Ainda assim, ressoa em meu peito. Minha esposa se mexe novamente e sua respiração muda. Ela está acordada. Eu olho para baixo. Seus olhos se abrem lentamente e nossos olhares se encontram. Um rosa pálido aparece em suas bochechas.

— Bom dia — digo, tentando distraí-la do fato de que meu pau está duro.

— Bom dia. — Felizmente, ela se desvencilha com um pedido de desculpas murmurado e volta para o seu lado da cama. Meu corpo já sente falta da sensação dela contra mim.

— Quais são seus planos para o dia?

Sua expressão é interrogativa, como se ela estivesse surpresa com meu interesse.

— Eu realmente não tinha pensado nisso.

— O que você normalmente faria?

— Depende. Às vezes ajudo minha mãe em seu jardim. Eu leio muito. Saio com minha irmã ocasionalmente. Também gosto de cozinhar. Falando nisso... você não tem comida na cozinha — diz por último cautelosamente, como se esperasse por uma explosão de raiva.

Amaldiçoo o descuido.

— Me desculpe. Antes eu tinha uma governanta que cuidava de todas as refeições. Não foi algo que pensei. Você deve estar faminta.

O estômago de Brenna resmunga em resposta. Seu rosto inteiro cora novamente, e ela bate a mão sobre a barriga como se ordenasse que parasse.

— Por que você não se veste? Enquanto se prepara, vou pedir comida e depois podemos conversar mais um pouco. — Deslizo para fora da cama sem me importar com meu estado de nudez. A parte de

trás do meu pescoço formiga como se os olhos de minha esposa estivessem me seguindo. Pego meu telefone na cômoda e rapidamente desço as escadas para dar a ela um pouco de privacidade.

Culpa não é uma emoção que sinto com frequência. Ela fica lá junto com arrependimento. Nenhum dos dois muda o passado, então ambos são inúteis. No entanto, senti algo noite passada depois de deixar Brenna sozinha a maior parte do dia ontem. É por isso que estou tentando passar um tempinho com ela esta manhã. Isso significa que a academia provavelmente terá que esperar.

Enquanto ligo para o *Donatello's*, preparo um bule de café. Não tenho ideia se minha esposa bebe, mas raramente há um dia que passa para mim que não inclua pelo menos duas xícaras.

Não demora muito para que ela desça as escadas. Ela desfez a trança e seu cabelo cai em ondas brilhantes sobre os ombros. Há pouca maquiagem em seu rosto, o que só parece acentuar quão jovem ela é. O jeans abraça suas curvas e há um decote aparecendo na gola da blusa. É apenas o suficiente para provocar o que está por baixo do tecido. Meu pau estremece.

O olhar de Brenna dança pela cozinha antes de encontrar o meu. Ele viaja rapidamente pelo meu corpo, parando na minha semi-ereção. Seus olhos se arregalam e então eles se afastam e vão para o banco escondido sob a ilha da cozinha. Ela hesita, mas se senta.

— Você gostaria de um pouco de café?

— Eu posso pegar. — Começa a se levantar, mas faço sinal para que volte.

— Sente. Eu sirvo você. — Termino o meu e sirvo uma xícara para ela e coloco em sua frente. — Desculpe, mas só tenho leite.

— Está tudo bem, obrigada — ela diz, servindo uma quantidade generosa.

— Uma de nossas famílias tem um restaurante não muito longe daqui, então o café da manhã deve chegar logo. Eu não tinha certeza do que você gosta, então pedi um pouco de tudo.

— Obrigada. Eu não sou exigente.

— Excelente. Tenho algumas coisas para resolver hoje. Giovanni foi designado para você. Por favor, permita que ele a acompanhe se precisar sair de casa por qualquer motivo.

A testa de Brenna enruga.

— O que quer dizer *atribuído a mim*? Sou perfeitamente capaz de ir a algum lugar sozinha. Nunca precisei de um guarda antes.

— Isso pode ter sido no passado, mas eu governo todas as famílias da Costa Leste. Sou um homem com muitos inimigos e você é minha esposa. O que significa que você sempre precisa estar protegida.

Seu desejo de comunicação não é irracional, mas também há coisas que ela não precisa saber. Não é necessário que ela saiba que alguns dos inimigos podem estar dentro da minha própria família. É por isso que Giovanni garantirá que ela permaneça segura. Pierce me garantiu que ele é confiável.

— Tudo bem. — É óbvio que ela não está feliz com a ideia.

— Obrigado por não brigar comigo sobre isso.

— Isso teria me feito algum bem? — Ela me estuda.

— Não — respondo. — Sou um homem razoável, mas minha palavra também é lei. Tenho certeza de que não é diferente da sua própria família.

— Provavelmente não. Mas isso não significa que eu tenha que gostar.

Justo.

O interfone toca.

— Sim? — pausa. — Mande-o subir.

Me movo em direção à sala de estar.

— Talvez eu devesse atender a porta — Brenna fala.

Me viro com um olhar questionador em meu rosto. Seu olhar está em algum lugar sobre meu ombro direito, mas ela gesticula para cima e para baixo em meu corpo com o dedo. Olho para mim mesmo e depois de volta antes de piscar para minha esposa corada.

— Dificilmente acho que vou escandalizar alguém. Bem — sorrio —, talvez a você.

Em um minuto, o elevador chega com um jovem carregando duas sacolas de comida.

— Bom dia, sr. Ricci — ele me cumprimenta com um sorriso entusiasmado demais para o início da manhã. — Meu pai agradece e diz para não deixar de avisá-lo se precisar de mais alguma coisa.

— Por favor, dê a ele meus cumprimentos, Benito. — Pego as sacolas dele, o cheiro de bacon e xarope de bordo enchendo meu nariz, e fecho a porta atrás de mim.

Brenna já começou a colocar os pratos na ilha. Ela olha para cada prato que pego. Seus olhos assumem uma expressão desesperada.

— Ah, meu Deus, isso cheira tão bem.

Comemos em silêncio, fora os ocasionais gemidos de alegria, enquanto prova um pouco de tudo. Torrada francesa com calda, bacon, um pouco de ovos mexidos com queijo. Cada movimento de sua língua contra seus lábios quase endurece meu pau, mas o forço mentalmente para baixo e me concentro na comida na minha frente. Finalmente, terminamos nossa refeição.

— Preciso sair logo. Depois que terminar de me vestir, ligarei para Giovanni. Ele esperará do lado de fora e estará pronto para levá-la aonde você precisar ir.

— Acho que vou com você em vez disso — as palavras de Brenna me param.



CAPÍTULO 12

Brenna

Deixei Jacob chocado. Posso dizer pela maneira como suas sobrancelhas se erguem e sua cabeça se inclina um pouco para trás. Ele rapidamente se recompõe e o momento acaba.

— Não acho que seja uma boa ideia.

Sua resposta não deveria me surpreender. Meu trabalho é ser uma boa esposa, o que significa que fico em casa, cuido do lugar e, eventualmente, fico em segundo plano. Eu não quero esse tipo de vida. Quero — *não, preciso* — de mais. Fiquei acordada por muito tempo ontem à noite pensando na conversa com meu marido e no que eu queria.

— Você planeja matar ou torturar alguém? — Imito a pose de Jacob: ombros retos, braços cruzados, e olho para ele.

Ele dá uma risada.

— Não está no menu do dia.

— Então, nada muito perigoso?

— Acho que não.

— Vivi toda a minha vida dentro de uma bolha protetora. Mantida no escuro pela minha família, até que fui forçada a me casar com você. — Jacob estremece com a palavra *forçada*, mas não há outra palavra para isso. Nós dois fomos forçados. — Por quê? — continuo. —

Por causa de algum tipo de aliança? Gostaria de saber o que é tão importante para eu ter sido sacrificada por isso. Especialmente desde que você me deixou completamente sozinha no dia do meu casamento. Acho justo.

Aguardo a explosão. Se falasse com meu avô dessa maneira, sem dúvida seria severamente punida. Não deveria usar a partida de Jacob contra ele. Isso é definitivamente injusto. Ele não pediu uma esposa.

Não tenho certeza do que mudou dentro de mim entre ontem e hoje. Foi a promessa dele quando estávamos no escritório do meu avô? Ele me chamando de corajosa ontem à noite? Ou talvez o próprio casamento tenha sido meu ponto de ruptura. Seja o que for, não posso voltar a ser invisível.

Não vou.

O corpo de Jacob se eleva e ele se endireita. Não importa que esteja apenas de cueca. É tão intimidador quase nu quanto de terno, talvez até mais. Mantenho minha posição, resistindo ao impulso de mostrar qualquer sinal de fraqueza. Se este homem é um rei, então preciso mostrar a ele que posso ser uma rainha.

— Tudo bem. Pode ser uma boa ideia começar a apresentá-la a algumas das famílias. Especialmente desde que negamos a eles um convite de casamento adequado.

Pisco. *É isso?* Uma aceitação fácil? Sem discutir? Sem luta? Bem, não vou reclamar.

— Obrigada.

— Se isso é tudo, preciso me preparar. Vou descer daqui a pouco. Pierce deve estar aqui em breve — Jacob diz por cima do ombro.

Meu olhar o segue até que desapareça de vista. Cedo com a liberação da tensão que não tinha percebido que estava segurando. O chuveiro faz barulho no andar de cima e, de repente, estou imaginando meu marido nu e me lembrando de como ele me tocou. *Por que ele não terminou o que começou?* Deveria sentir alívio, mas há algo mais lá. Insegurança. *Ele não me acha atraente?* Afasto o pensamento e me ocupo limpando a cozinha.

O café da manhã estava delicioso. Quase tão bom quanto a comida da minha mãe. Também me lembra que a geladeira e a despensa estão quase vazias. Vasculho as gavetas da cozinha em busca de papel e caneta, mas não encontro nenhum dos dois. Eu subiria para

pegar meu telefone, mas não quero correr o risco de encontrar Jacob. Principalmente se ele estiver nu.

Mentalmente, começo a fazer uma lista de coisas que preciso comprar no mercado ainda hoje. Jacob vai comer em casa com frequência ou ele é do tipo que vai a restaurantes em todas as refeições? Qual é a comida favorita dele? Estou determinada a conhecer meu marido. Uma batida na porta me interrompe antes que esteja na metade da minha lista mental. Abro para Pierce do outro lado. Ele é tão assustador de perto com aquela tatuagem de caveira, mas principalmente porque seus olhos são frios e parecem cheios de raiva. Engulo nervosamente, mas coloco um sorriso no meu rosto antes de dar um passo para trás para deixá-lo entrar.

— Bom dia. Jacob está se preparando, mas deve descer logo. Posso pegar um café para você? — Já joguei fora o que estava frio, mas farei um novo se for preciso. Estou fazendo o meu melhor para bancar a boa anfitriã. Tenho certeza de que é o que minha mãe faria. Além disso, quero ficar do lado bom de Pierce. Se ele tiver um, é claro.

Ele me encara por vários segundos tensos, seu silêncio segurando o julgamento e provavelmente me achando deficiente. Ignoro o peso terrível em meu estômago e mantenho contato visual, fazendo o meu melhor para não deixá-lo me intimidar. Presumo que ele seja o segundo em comando de Jacob, o que significa que sua opinião sobre mim é importante.

— Não, obrigado — finalmente diz e se posiciona contra a parede, os braços cruzados, como se essa fosse a única maneira que conhecesse de ficar de pé.

— Você deve estar preocupado que todos os prédios em que entra vão desmoronar ao seu redor — digo por falta de algo melhor.

Pierce arqueia uma sobrancelha. Faço um gesto que envolve a sala.

— A última vez que te vi, você estava de pé contra uma parede diferente, como se estivesse tentando segurá-la e evitar que desmoronasse.

Ele permanece em silêncio, seus olhos frios fixos em mim, mas juro que seus lábios se contraem, seja de humor ou desdém, não tenho certeza. De qualquer maneira, apenas aquele pequeno movimento o faz parecer mais... humano. Graças a Deus Jacob desce as escadas e me

salva de continuar a fazer papel de idiota.

Ele está vestido com outro terno de corte perfeito. Ele acentua seus ombros largos e cintura estreita. Sua gravata está completamente reta no meio do peito, cuidadosamente enfiada atrás do paletó. Admito que bisbilhotei o armário dele ontem enquanto guardava minhas roupas. Terno após terno era a única coisa ali. Sem dúvida, todos eles se encaixam nele tão bem quanto este.

— Minha esposa decidiu se juntar a nós hoje. — Olha para mim.
— Você está pronta?

Não estou, mas não há como deixar passar esta oportunidade.

— Deixe-me pegar minha bolsa. Já volto.

Subo as escadas tentando não parecer muito ansiosa, mas não devagar o suficiente para que eles se cansem de esperar e saiam sem mim. No caminho de volta, suas vozes chegam até mim, mas são muito silenciosas para entender o que está sendo dito. Os olhos de Jacob pousam em mim e a conversa é interrompida abruptamente.

Sorrio como se não notasse o brilho de desaprovação no olhar de Pierce.

— Estou pronta.

O calor da mão do meu marido na parte inferior das minhas costas se espalha por mim como uma corrente elétrica dançando em um fio energizado enquanto ele me leva até o elevador. Desta vez, seu toque não provoca uma hesitação. O cheiro de sua colônia nos envolve. Meus sentidos parecem sobrecarregados. A ausência de som torna ainda mais. Já que parece que nenhum dos dois tem intenção de preencher o silêncio, faço isso. Ótimo.

— Para onde iremos hoje? — pergunto quando saímos pela porta da frente.

Como se estivesse esperando aqui a noite toda, Giovanni está pronto para nos levar ao nosso destino. Ele abre a porta do carro e Jacob gesticula para que eu entre. Me movo e ele desliza ao meu lado, ocupando quase todo o espaço. Calor irradia dele, aquecendo todo o meu lado pressionado contra ele. Pierce senta-se na frente, o vidro entre nós baixado. Não acho que seja minha imaginação que a irritação irradia dele.

Uma vez que estamos todos acomodados, Jacob finalmente responde.

— Um de nossos soldados foi morto há alguns dias. Preciso verificar a família dele e garantir que eles precisem de nada. Depois disso, faremos uma parada na casa do meu pai.

Mal tive um vislumbre do meu sogro no casamento. Meu foco era chegar ao altar, e ele saiu imediatamente após a cerimônia. Francesca disse que ele e Jacob não são próximos. *Será que ele é tão implacável quanto meu avô?* Deve ser, se é o chefe de toda a máfia italiana em Nova York.

— Estou ansiosa para conhecê-lo. Não tivemos a chance de conversar ontem.

Meu marido lança um olhar em minha direção. Ele parece querer dizer alguma coisa, mas então volta sua atenção para frente, deixando um silêncio denso dentro do veículo. Se eu não estivesse aqui, o que ele e Pierce estariam discutindo?



CAPÍTULO 13

Jacob

Ter uma esposa comigo não é o que eu esperava. Tentei pensar em uma desculpa razoável para Brenna permanecer em casa, mas não consegui pensar em nenhuma. Recuso-me a admitir que é porque estou curioso para saber mais sobre ela. Ela também está certa. Ela *deveria* saber o motivo da aliança entre nossas famílias. Quão ciente está do que nossa vida na organização implica?

— Foram os russos? — Brenna pergunta.

— Como? — Pisco com a pergunta súbita e aleatória.

— Você disse que um de seus soldados foi morto, e quero saber se os russos fizeram isso. — A lembrança da morte de Umberto faz meus punhos cerrarem e uma centelha de raiva queimar em minhas entranhas.

Ele foi emboscado fazendo uma entrega e os bastardos deixaram seu corpo ensanguentado diretamente na porta de um dos negócios da organização.

— Sim — falo entredentes.

Eles nem tentaram se esconder. Os dois homens foram descarados o suficiente para olhar diretamente para as câmeras de segurança. Tenho seus rostos memorizados e jurei à viúva de Umberto e aos dois filhos que a vingança será rápida e impiedosa.

— Suponho que vai encontrá-los e matá-los? — Há uma quase hesitação na pergunta.

Do banco da frente, Pierce tosse e o olhar de Giovanni salta para o espelho retrovisor antes de voltar para a estrada. Me viro para encarar Brenna.

— O que você acha que deveria fazer com eles?

Seus olhos se arregalam e há uma expressão quase de pânico em seu rosto. Se não fosse pela febre de raiva ainda correndo por mim, sua inocência seria cômica.

— Você já ouviu falar da Hidra de Lernaean? — pergunto.

— Da mitologia grega? O monstro serpentino de várias cabeças? — O pânico se transforma em confusão.

Com base no número de livros que ela trouxe para nossa casa, não estou surpreso com seu conhecimento.

Concordo com a cabeça.

— Os russos são a Hidra. Para cada um que matamos, aparecem dois no lugar. Pense em mim como Hércules. Fui encarregado de destruí-los e não vou parar até que a cabeça final seja cortada e enterrada para sempre.

— Isso parece cansativo — Brenna diz. — Acho que minha família é Iolaus, então? Eles estão ajudando você com sua missão?

Inferno se a pergunta não fez meu pau estremecer. Quem diria que a inteligência poderia ser tão excitante?

— Estou impressionado. Poucas pessoas conhecem todos os detalhes da história.

Suas bochechas coram com o elogio.

— Sempre achei a mitologia grega fascinante.

Amaldiçoo o fato de estar achando *ela* fascinante. Graças a Deus o carro está parando em frente à casa que vamos visitar. Pierce e Gio saem do veículo. O primeiro examina os arredores, enquanto o último abre a porta traseira. Eu saio e me viro para ajudar Brenna. Com apenas uma pequena pausa, ela coloca a mão na minha. O calor engole minha pele e uma faísca de eletricidade estática passa pela ponta dos meus dedos. Pelo pequeno puxão de seu braço, meu palpite é que ela também sentiu.

Eu a solto assim que está de pé e nós três caminhamos em direção à modesta casa, Pierce alguns passos atrás de nós. Toco a

campainha. Uma criança começa a chorar e passos fortes ficam mais altos. A porta se abre e um menino de cerca de seis ou sete anos aparece.

— Giorgio, o que eu disse sobre atender a porta sem mim? — a voz exasperada de uma mulher vem do interior, e os gritos da criança são cada vez mais altos. Carmella, viúva de Umberto, vira no corredor, carregando o bebê que chora, e para ao nos ver. — Ah, sr. Ricci, não sabia que era você. Sinto muito.

Seus olhos disparam para Brenna ao meu lado, mas rapidamente voltam para mim enquanto balança o bebê em seu quadril, tentando acalmá-lo. Há uma pergunta em seu olhar, mas não a expressa. Ela balança a cabeça suavemente e coloca a mão no ombro do menino, puxando-o para fora do caminho.

— Por favor, me perdoe, entre.

Ela e o filho recuam e nos permitem entrar.

— Obrigado — digo a ela e, em seguida, faço um gesto para que Brenna vá em frente. Esta é a primeira vez que tenho que falar com a viúva de um de nossos irmãos assassinado. Eu só posso imaginar quantas vezes meu pai teve que fazer esta mesma visita. Não é uma tarefa com a qual me acostumarei.

Carmella pega vários brinquedos do sofá e os deposita em uma cesta próxima.

— Peço desculpas pela bagunça. Por favor, sentem-se.

— Desculpas não são necessárias — asseguro a ela.

Pierce se posiciona contra a parede enquanto Brenna e eu ocupamos o sofá. A outra mulher está sentada na poltrona à nossa frente com o bebê, que finalmente se acalmou, descansando em seu colo. Giorgio está ao lado dela, seu olhar inquisitivo percorrendo os estranhos em sua casa.

— Carmella, esta é minha esposa — apresento as duas.

— Prazer em conhecê-la, sra. Ricci.

— Igualmente, e por favor, me chame de Brenna. Sinto muito pela perda de seu marido. Espero que, se precisar de alguma coisa, não hesite em pedir.

Independentemente de seu pedido, ninguém a chamará de Brenna. Como minha esposa, seria quase um insulto dirigir-se a ela de maneira tão casual. Carmella está ciente disso, então apenas acena com

a cabeça.

— Minha esposa está certa. Umberto era um membro valioso da família. O sindicato fornecerá tudo o que você precisar. Cuidaremos do funeral e estabereceremos um fundo fiduciário para Giorgio e Silvio.

— Muito obrigada, sr. Ricci. A única coisa de que preciso é que esses homens paguem pelo que fizeram ao meu Umberto — sua voz falha e lágrimas enchem seus olhos.

— Você tem minha palavra, Carmella, de que a punição deles será sem misericórdia. Prometo isso a você.

Ela puxa o filho para perto de si e alisa o cabelo dele para trás antes de dar um beijo em sua têmpora. Já fiz o que vim fazer, então me levanto. Brenna segue atrás.

— Não vamos mais te atrapalhar. Enquanto isso, se precisar de alguma coisa, alguém me avisará.

Carmella também se levanta. Para minha surpresa, minha esposa dá um passo à frente e abraça a outra mulher, que parece não saber o que fazer. Ela hesitantemente devolve o abraço antes que Brenna dê um passo para trás.

— Se precisar de uma amiga, pode sempre me ligar.

Parecendo um pouco desconfortável, ela não encontra o olhar de minha esposa.

— Obrigada, sra. Ricci.

Aceno para ela e coloco minha mão nas costas de Brenna guiando-a em direção à porta da frente. Dentro de um minuto nos instalamos no carro novamente. Nós mal andamos alguns quarteirões antes que ela fale.

— Fiz algo de errado? — pergunta.

Minha cabeça gira em sua direção.

— O que quer dizer?

— Lá dentro, com Carmella. As coisas pareciam estranhas. — Faz uma pausa como se estivesse pensando. — Na verdade, o constrangimento não começou até que eu a abracei. Eu não deveria ter feito isso? Quero dizer, ela parecia tão triste. Eu queria que ela soubesse que não estava sozinha.

Parece que minha esposa tem um coração terno. Considerando sua esperança para o futuro de nosso casamento, isso não deveria me surpreender. Preciso explicar de uma forma que não a machuque,

porque não é minha intenção.

— Você é minha esposa — começo. — Com esse papel vem um certo nível de distância. Ficar muito confortável com as pessoas pode levar a um desequilíbrio dentro do sindicato. Eu, e você por extensão, governo essas pessoas de maneira justa. Nós não fazemos amizade com eles.

A expressão de Brenna cai.

— Entendi — suas palavras dizem uma coisa, mas seu tom diz outra.

— Isso não significa que você não pode ser amigável — tento tranquilizá-la.

Ela solta um pequeno suspiro desapontado e se afasta de mim para olhar pela janela.

— Só não espere encontrar nenhum amigo de verdade.

Meus dedos coçam para alcançá-la e confortá-la, mas resisto à tentação. É melhor se eu também mantiver distância.



CAPÍTULO 14

Brenna

Durante toda a minha vida tem sido um desafio fazer amigos. Outras jovens da minha idade, que fazem parte das famílias irlandesas dentro de nossa organização, tendem a me manter longe. Se é por causa de quem meu avô é ou da minha natureza reservada, não tenho certeza. Espero que seja uma combinação de ambos. Aparentemente isso não vai mudar, mesmo com uma nova família. O conhecimento só me deixa mais determinada a construir uma amizade com Francesca. Parece que ela é a única pessoa com quem Jacob está me encorajando a ter um relacionamento.

Preciso parar de ficar emburrada. Meu marido provavelmente pensa que sou uma criança boba. Sacudindo esse humor taciturno que não me faz bem, endireito meus ombros. Caitlín ficaria horrorizada se me visse. Eu poderia aprender um pouco com minha destemida irmã.

— Serei eu quem vai falar sempre que nós quatro estivermos juntos no carro? Se assim for, qualquer viagem que fizermos será terrivelmente entediante. — Estou fazendo uma grande suposição de que depois de hoje, Jacob vai me deixar ir com ele em qualquer lugar novamente. Ele provavelmente prefere que eu fique em casa.

— Minhas desculpas — diz, mas não faz nada para continuar a conversa, o que está começando a me irritar. Hora de outra tática.

— Giovanni, você foi designado para ser meu guarda-costas?

O homem em questão se move quase desconfortavelmente ao ser abordado diretamente.

— Sim, sra. Ricci. — Solto um pequeno grunhido. Estou quebrando a regra de distância de Jacob neste caso. Eu não ligo.

— Se você e eu vamos passar algum tempo juntos, então é melhor você começar a me chamar de Brenna. Mesmo que seja meu marido quem está pagando você, isso ainda me torna sua chefe, então nem pense em discutir. — Ao meu lado, Jacob ri baixinho. Apenas seu perfil está visível, mas juro que Pierce esconde um sorriso.

Vou conquistar aquele homem, mesmo que isso me mate.

— Sim, senhora — fala. Eu mordo de volta minha réplica. Não há necessidade de forçar muito ainda. Tenho certeza de que vai levar algum tempo para se acostumar. *Para nós dois.*

Finalmente paramos em frente a uma grande casa de três andares. É menos ostensivo do que o apartamento onde minha família mora. Sempre achei que meu avô ostenta quão rico e poderoso ele é. Se o pai de Jacob escolheu esta casa quase discreta, isso fala de sua falta de necessidade de ser chamativo para impressionar alguém.

Uma linda mulher de cabelos prateados nos cumprimenta.

— Boa tarde, Emilio. — Ela se vira para mim e seu sorriso é acolhedor. — Você deve ser a esposa de Emilio. Sou Marta, a assistente do sr. Ricci. Por favor, entrem.

— Obrigada — digo.

— Seu pai está no escritório. Sinta-se à vontade para subir. — Ela gesticula para as escadas.

Jacob segue nessa direção e, sem saber se devo ou não, escolho segui-lo. Pierce fica para trás. Chegamos ao segundo andar e paramos diante de uma porta. Meu marido não bate na hora. Eu o estudo. Tudo sobre esse homem exala autoconfiança e poder. Ainda não o vi não à vontade. Exceto que sinto que ele está. Não sei por que faço isso, mas me pego deslizando minha mão dentro da dele. Ele estremece, como se tivesse esquecido que eu estava ao lado dele, e vira a cabeça para olhar para mim. Dou a ele o que espero ser um sorriso reconfortante. Para minha surpresa, ele dá um aperto suave em meus dedos e finalmente bate.

Uma voz abafada de dentro chama.

— Entre.

Jacob abre a porta e nós dois entramos. Meus olhos são atraídos para o homem sentado atrás da mesa, e dou minha primeira olhada em meu novo sogro. Ele é um contraste completo com meu avô. Meu avô exala poder. Este homem parece quase murcho e cansado. Ele se levanta lentamente, mas com confiança. Ele olha para nós dois, parando em nossas mãos ainda entrelaçadas, antes de encontrar nossos olhos.

— Emilio, estou feliz que você pode se juntar a mim. Brenna, não é? — pergunta. *Devo me sentir insultada por ele nem ter certeza do meu nome?* Em vez disso, coloco meu sorriso mais agradável e libero a mão de Jacob para estender a mão e apertar a do meu sogro.

— Sim, senhor. É um prazer finalmente conhecê-lo. Lamento não termos nos falado no casamento. — Minha mãe ficaria orgulhosa. Ela sabe quanto sou introvertida e como é difícil para mim conhecer novas pessoas. Ele acena para mim como se não fosse motivo de preocupação. Ou talvez *eu* não fosse motivo de preocupação.

— Você não deveria ter realizado um casamento privado. Foi um desrespeito ao sindicato — resmunga. — Não esqueça porque formamos essa aliança, Emilio.

Ao meu lado, Jacob enrijece.

— Não esqueci. Você sabe tão bem quanto eu que nenhum desrespeito foi intencional. Já comecei a apresentar minha esposa às famílias. Brenna e eu visitamos a viúva de Umberto Benetti hoje. Também faremos uma recepção em duas semanas e convidaremos todos.

Vamos? É preciso toda a força de vontade para não lançar um olhar surpreso na direção de meu marido. Não com a maneira como seu pai está me estudando. Me julgando. Entre ele e Pierce, sinto como se ambos tivessem, de alguma forma, me achado ruim como esposa. Fico de pé, recusando-me a ser intimidada pelo olhar crítico de meu sogro.

— Sim — acrescento. — Minha mãe foi generosa o suficiente para oferecer sua ajuda com o planejamento. — *Por favor, me perdoe, mãe.* Meus pais e eu somos extremamente próximos e, exceto quando me disseram que me casaria com Jacob, nos damos bem. A tensão entre esses dois é espessa e carregada de raiva.

Deve ter sido horrível crescer em uma casa como esta.

— Bom. Isso deve ajudar a acalmar parte do descontentamento

— meu sogro diz. — Agora que resolvemos isso, se nos der licença, preciso falar com meu filho sobre negócios. — A dispensa não é uma pergunta. Jacob se vira para mim.

— Se você estiver com fome, peça a Marta para lhe mostrar a cozinha. Caso contrário, Pierce pode levá-la para meu quarto. Não devemos demorar.

Ele se inclina, dá um beijo rápido em minha bochecha e me leva até a porta. Assim que estou no corredor, ele a fecha atrás de mim. Mas a trava não pega. As dobradiças rangem e uma pequena abertura aparece.

— Você parece já estar se ajustando a ter uma esposa — a voz do meu sogro flutua pela abertura.

A indecisão luta dentro de mim. *Dar-lhes privacidade ou ficar e talvez aprender alguma coisa?* A curiosidade vence. Dou um passo mais perto e inclino minha cabeça na esperança de que a conversa fique mais alta.

— Sim, nós dois conhecemos nosso dever.

Há uma pontada de mágoa na amargura no tom de Jacob, mas a reprimo. Só porque isso começou como um dever para nós dois, não significa que nosso casamento não possa se transformar em outra coisa. A menos que aquele breve beijo fosse meramente para exibição.

— Espero que você tenha consumado o casamento, pelo menos.

— O que acontece, ou não, entre Brenna e eu, não é da sua conta — meu marido retruca.

O confronto com meu avô passa pela minha mente. A mesma raiva controlada está no tom de Jacob quando ameaçou meu avô. Imagino uma expressão mortal semelhante em seu rosto.

— Não esqueça com quem você está falando. Estarei morto em breve, mas até essa hora você me deve respeito — o homem mais velho grita de volta. — Seu casamento não passa de assinaturas em um pedaço de papel frágil. Isso não significa nada até que seu sangue virgem seja derramado.

A bile sobe na minha garganta. Meu casamento pode não significar nada para ele, mas significa mais do que apenas um pedaço de papel para mim. Incapaz de suportar qual seria a resposta do meu marido, viro-me rapidamente e quase colido com Pierce. *Ah, Deus, ele os ouviu?* Não suporto ver seu olhar zombeteiro. Com a cabeça baixa,

passo por ele e desço as escadas, desesperada para escapar.

Marta aparece assim que chego ao final da escada.

— Está tudo bem, querida?

Paro derrapando e coloco um sorriso falso, tentando controlar minha respiração.

— Sim, tudo bem, obrigada. Você se importaria de me mostrar onde fica a cozinha? Acho que gostaria de um copo d'água, por favor.

— Claro. Por aqui. — Ela me conduz pela casa. — Se você quiser se sentar, eu pego para você.

Balanço minha cabeça.

— Obrigada, mas não precisa. Apenas me mostre onde estão os copos e ficarei feliz em servir a mim mesma.

Marta hesita, e tento não brigar com ela. Felizmente, ela escuta.

— Os copos estão nos armários à esquerda da pia, ali.

— Obrigada.

— Estarei no escritório perto da escada se precisar de alguma coisa — ela diz gentilmente, como se pudesse sentir minhas emoções turbulentas, e finalmente me deixa em paz.

Não estou com muita sede, mas encho o copo mesmo assim e sento à mesa. Distraidamente, passo o polegar por fora enquanto penso na conversa que ouvi. E, mais importante, o que vou fazer a respeito.



CAPÍTULO 15

Jacob

Minha visão fica vermelha. Se alguém, exceto meu pai, ousasse falar sobre Brenna dessa maneira, eu colocaria uma bala em seu cérebro. Ainda assim não significa que vou permitir.

— Sempre respeitei sua posição como chefe deste sindicato. Isso nunca vai mudar. No entanto, qualquer conversa envolvendo meu casamento ou minha esposa está fora dos limites. Quanto a *isso*, você *vai* mostrar a mim e a ela o mesmo respeito — digo entredentes.

A batida na porta interrompe a resposta do meu pai. Olhamos um para o outro por várias batidas, nenhum dos dois cedendo um centímetro.

— Entre — ele finalmente fala, seus olhos brilhando de raiva, nunca deixando os meus.

Pierce entra. Casualmente se aproxima de mim, como se sentisse minhas emoções voláteis. Tenho certeza de que percebeu a tensão no cômodo. Não é difícil não notar.

— Já que o assunto está encerrado, precisamos discutir as informações que recebemos de Enzo ontem — digo.

Depois de outro momento tenso, meu pai finalmente se senta. Seu rosto empalideceu em vários tons desde que Brenna e eu entramos na sala pela primeira vez. Ainda não foi processado que ele está

morrendo, apesar da evidência de sua saúde debilitada.

— O que você descobriu? — pergunta.

Desabotoo o paletó e me sento na cadeira de couro. Pierce se espreme no outro ao meu lado, seu corpo maciço mal cabendo no lugar.

— De acordo com Enzo, os russos pretendem interceptar o negócio de armas que marcamos para amanhã. Pierce e eu, juntamente com vários de nossos soldados, estaremos lá para detê-los. Planejamos manter pelo menos um deles vivo e ver quais informações podemos obter. — Não só quero saber quem está por trás do assassinato de Umberto, como ainda não conseguimos descobrir o traidor dentro de nossa organização.

— Você notificou Paulie sobre essa armadilha que montou? — a voz do meu pai é monótona e cansada.

— Não sabia que precisava da aprovação dele — respondo, mal contendo minha irritação. Há um limite de paciência que posso manter, e ela está prestes a acabar. Duas semanas atrás, cada um de nossos capitães jurou lealdade a mim. Um fato que o homem diante de mim parece ter esquecido. Não respondo a ninguém. *Eles* respondem a *mim*.

— Desde que você se foi há tanto tempo, Paulie tem sido vital na luta contra nossos inimigos.

Ignoro a cutucada sobre minha ausência.

— Tenho certeza de que sim. No entanto, como agora sou o chefe do sindicato, é importante mostrar aos meus homens que eles podem confiar em mim para fazer o que é melhor para nós. Se precisar de conselho, tenho certeza de que tio Paulie poderá oferecer sua opinião. Até lá, sou mais do que capaz de administrar esta organização. Agora, a menos que tenhamos mais alguma coisa para discutir, preciso verificar minha esposa. — Sem esperar por uma dispensa, me levanto e abotoo meu paletó. Não importa quantas vezes me sente neste escritório, é sempre sufocante. Me viro e saio, Pierce seguindo atrás de mim.

Assim que estou no corredor, é como se pudesse finalmente respirar com mais facilidade.

— Brenna está em meus aposentos?

— Acredito que ela pode estar lá embaixo. — Uma nota em seu tom chama minha atenção. Olho em sua direção. Se fosse qualquer outra pessoa, eles veriam uma máscara sem emoção. Mas conheço meu

primo quase tão bem quanto a mim mesmo.

— O que aconteceu? — pergunto.

— Ela estava do lado de fora do escritório de seu pai.

Merda. Quanto será que ela escutou? Chegamos ao pé da escada e Marta sai do escritório.

Há uma cautela nela.

— Onde está minha esposa? — rosno.

— Na cozinha.

Giro nos calcanhares e saio para encontrá-la. Como esperado, Brenna está à mesa com um copo d'água entre as mãos. Há uma expressão distante em seu rosto misturada com uma pitada de tristeza. O desejo de matar alguém corre através de mim. Eu a estudo por mais um momento. Ela solta um longo suspiro, fecha os olhos por um momento e depois os abre novamente.

Antes que eu possa anunciar minha presença, ela se levanta, mas então seu olhar pousa em mim e ela arfa.

— Jacob, você me assustou. — Esse nome saindo de seus lábios é a música mais doce, e assim, meu pau fica duro. Tenho que abafar um gemido.

— Peço desculpas. Você parecia imersa em pensamentos e não queria incomodá-la.

— Você e seu pai terminaram com sua... conversa? — pergunta.

— Sim. Se você estiver pronta, podemos ir embora.

— Deixa só eu lavar meu copo.

— A governanta pode cuidar disso — digo, não querendo que nenhum de nós fique nesta casa sufocante nem mais um segundo. Sua hesitação é evidente, mas obedece e coloca o copo na pia. Saímos da cozinha e vamos para o foyer onde apenas Pierce espera. Ainda bem que Marta não está à vista. Quem sabe o que ela pode relatar ao meu pai.

Brenna evita o olhar do meu primo. É isso que esta casa faz com as pessoas. Ela o transforma em uma versão mais fraca do seu verdadeiro eu. Ou talvez seja meu pai que faz isso. De qualquer forma, odeio ver minha esposa assim. Eu quero a mulher cujos olhos brilharam como ontem. Aquela que, apesar de seus medos, encara as coisas de frente. Quero a mulher desta manhã que me desafiou a negar que ela viesse comigo.

A atmosfera no carro é diferente de antes de chegarmos. Estamos imersos em silêncio. Olho para o meu relógio. Já se passaram várias horas desde que tomamos café da manhã.

— Está com fome? — pergunto. É hora de me esforçar mais.

— Eu provavelmente poderia comer alguma coisa.

— Giovanni, por favor, leve-nos ao *Fratelli's* — instruo.

Ele concorda.

— Sim, sr. Ricci.

Me viro para Brenna.

— Tudo bem ser comida italiana?

— Considerando que me casei com uma família italiana, espero que seja a melhor. — Um pequeno sorriso brinca em seus lábios, e uma sensação de alívio toma conta de mim. Ela parece ter encontrado seu senso de humor novamente.

Solto uma risada silenciosa.

— Nós levamos nossa comida muito a sério.

— Eu percebi — ela acrescenta secamente. — Tenho a sensação de que vou ter que adicionar vários pratos novos ao meu limitado repertório como cozinheira. Tenho certeza de que depois de um tempo você cansa de escondidinho, panqueca de batata e coddle.

— Considerando que só ouvi falar de um deles, estou um pouco desconfiado dos outros. — Estreito um olho, e ela ri.

Então Brenna levanta um ombro.

— O que posso dizer? Vocês, italianos, adoram sua massa, enquanto nós, irlandeses, adoramos nossas batatas, com as quais todas os três pratos são feitos. As receitas foram transmitidas por gerações por parte de minha mãe, desde o início dos anos 1800.

Não como muitos carboidratos, apesar da minha ascendência.

— Tenho certeza de que tudo o que você fizer será delicioso.

Um pouco de rosa sobe por seu pescoço.

— Lembrarei que você disse isso quando chegar a hora de testar novas receitas e eu precisar de uma cobaia — diz com um sorriso atrevido.

— O que quer que Jacob não queira comer, você sempre pode mandar para mim. Eu amo comida e não sou exigente — Pierce fala casualmente.

Os olhos de Brenna se arregalam e ela pisca lentamente como

uma coruja. Em um único segundo, um sorriso deslumbrante ilumina todo o rosto dela e meu coração congela no peito de como ela é linda pra caralho. Meu primo não é um homem de muitas palavras, mas as que ele usa sempre têm significado. Ela pode não saber, mas aquelas ali são palavras de aprovação. Parece que minha corajosa esposa fez uma nova conquista.

— Isso parece um desafio — ela diz a ele.

— Meu estômago está ansioso por isso — ele responde.

A conversa fica um pouco mais fácil depois disso, embora Pierce não participe novamente. Brenna inclui Giovanni, que mantém um pouco de reticência, mas logo, até ele cai no encanto de minha esposa. Durante toda a viagem até o restaurante, e mesmo continuando ao longo do dia, há um brilho nela. Eu encontro meu olhar à deriva para ela com frequência. No fim das contas, seu pedido de carinho pode não ser tão difícil.



CAPÍTULO 16

Brenna

Os últimos dois dias foram melhores do que eu esperava. Isso sem incluir a terrível visita à casa do meu sogro. Ou o fato de que o pobre Gio foi forçado a me levar a uma mercearia de propriedade de uma família dentro da organização para que eu pudesse fazer compras para a semana. Vai demorar um pouco para nós dois nos sentirmos confortáveis com o arranjo de guarda-costas. Jacob me encorajou a simplesmente entregar minha lista para nossa governanta, uma mulher que ainda não conheci, mas recusei. É uma tarefa que sempre ajudei minha mãe e gosto.

Minha única reclamação real é que, além de nossa viagem de ontem, ainda passei a maior parte do meu casamento sozinha. Não que antes do casamento eu não me escondesse dentro da biblioteca de nosso apartamento na maior parte dos meus dias, mas sempre havia... barulho. Com uma família de sete pessoas, sem incluir meu avô, nossa casa nunca foi completamente silenciosa. Se quisesse companhia ou alguém para conversar, bastava ir para outro cômodo. Dentro deste lugar, estou isolada.

Sozinha.

E ainda virgem.

Não consigo tirar as palavras do pai de Jacob da cabeça. Que

meu casamento não significa nada até que seja consumado. *Por que meu marido não fez amor comigo?* Não, eu balanço minha cabeça. Isso soa íntimo demais. Embora não seja isso que é sexo? Intimidade? Acho que não saberei até que meu marido — ou eu — faça algo a respeito. Enquanto isso, tenho outras coisas com que me preocupar.

Meus olhos disparam para o relógio. Eu deveria estar dormindo a esta hora da noite, mas não consigo relaxar. Jacob disse que ele e Pierce tinham alguns negócios a resolver e que eu não devia esperar acordada. Sempre que meu pai e meus irmãos voltavam para casa tão tarde, era porque estavam fazendo algo perigoso para a organização de meu avô. Presumo que seja o caso do meu marido, e é por isso que estou uma pilha de nervos.

A fechadura chacoalha e fico de pé. A porta se abre e, ao ver Jacob, solto um suspiro de alívio. Ele se vira e a fecha, segurando o braço esquerdo desajeitadamente contra o corpo. Algo não está certo.

— Você deveria estar dormindo — ele me repreende levemente, caminhando pela sala de estar. O cheiro metálico de sangue me atinge.

Ele entra na cozinha e acende a luz do teto. Meus olhos pousam na mancha escura e molhada espalhada pela manga esquerda de seu terno, e suspiro.

— O que aconteceu?

Jacob não responde. Em vez disso, vira um par de copos e coloca uma pequena quantidade de uísque em cada um. Ele pega o primeiro e o estende para mim. Uma vez que está na minha mão, ele pega o seu bebe em um único gole. Então o enche novamente e toma um gole menor.

— Debaixo da pia, no banheiro, tem um kit de primeiros socorros — ele aponta. Há tensão em sua voz. — Recomendo que você tome alguns goles disso antes de começar.

Ai, Deus. Minhas mãos tremem, então faço o que ele diz e tomo um gole, esperando que a dor amarga acalme meus nervos. Consigo tossir apenas uma vez desta vez e corro para o banheiro, pegando o kit e algumas toalhas. Jacob está tirando o paletó, uma careta cruzando seu rosto. O pouco de álcool que consumi deve estar fazendo o seu trabalho, porque me sinto um pouco mais no controle.

— Sente-se e deixe-me ajudá-lo — exijo.

Seus olhos piscam em minha direção antes que ele assinta. Ele

consegue esticar o braço direito, e agarro o tecido e gentilmente manuseio seu braço esquerdo, fazendo o possível para não machucá-lo. Sua camisa branca está encharcada de sangue. Engulo em seco e começo a desabotoá-la. Meus dedos escorregam algumas vezes na tarefa desconhecida. Nunca tirei a roupa de um homem antes. Meu olhar sobe para o rosto de Jacob, e ele está olhando fixamente para mim.

— Você ainda não respondeu a minha pergunta — digo, tentando manter minha mente longe de como estou nervosa. — O que aconteceu? Quero dizer, além de levar um tiro.

Um canto de sua boca se inclina para cima.

— Isso resume tudo muito bem, você não acha?

Olho para ele.

— Deixe-me reformular então. *Quem* atirou em você e por quê?

Sua expressão muda de diversão para raiva.

— Russos. — Há tanto ódio nessa única palavra.

Consigo tirar a camisa dele. Meu olhar patina sobre o buraco de bala em seu bíceps esquerdo que parece ainda estar escorrendo um pouco de sangue. Posso sentir meu próprio sangue deixando meu rosto. Sua mão forte acaricia minha nuca, e lábios quentes e secos reivindicam os meus. Respiro fundo e a língua de Jacob desliza dentro da minha boca. Ele tem sabor de uísque.

Meu corpo cai ligeiramente contra ele, e eu me abro ainda mais. Ele aproveita ao máximo. Já fui beijada antes, mas nunca assim. Ele me prova como se não conseguisse o suficiente. Todos os meus nervos estão disparando. Meus lábios e seios formigam. Meu núcleo pulsa com a necessidade, e a umidade derrama de mim. Ele me consome, todo o meu ser pegando fogo. Eu gosto da queimadura. Antes que esteja pronta, Jacob se afasta e descansa sua testa contra a minha. Nós dois estamos respirando pesado.

— Por mais que eu tenha gostado disso e com certeza pretendo repetir, preciso que você se concentre — ele diz. *Ah, meu Deus, sua ferida.*

Afasto-me e fixo meus olhos nos dele. Sua tática de diversão claramente funcionou, porque não sinto mais que vou desmaiar.

— Estou bem agora, prometo.

Jacob assente com a cabeça e toma outro gole de seu copo. Faço

o mesmo antes de começar a trabalhar. O calor irradia dele e não tem nada a ver com o ferimento. Limpo suavemente ambos os lados dele. Ele sussurra baixinho. Eu empurro para trás.

— Desculpe.

— Não se preocupe. Você está indo bem — me assegura.

Eu o examino mais de perto.

— Parece que a bala atravessou.

— Imaginei que sim.

Assim que tenho certeza de que está limpo o suficiente, pego dois pacotes de bandagens grandes quadradas brancas e um rolo de gaze branca. Parece que parou de sangrar. Cuidadosamente, envolvo a ferida, até usar todo o rolo, fazendo o meu melhor para ignorar como seus músculos se movem sob meus dedos e como sua pele é quente contra a minha. Uma vez colado no lugar, dou um passo para trás e avalio meu trabalho. Só que tropeço. Jacob me puxa para seu colo.

— Respire — ordena.

Minha visão vai e volta e pontos pretos aparecem, mas faço o que ele diz. Lentamente, tudo começa a entrar em foco novamente. Ele estende a mão e segura minha bochecha.

— É a queda de adrenalina. Apenas continue respirando.

Depois de alguns minutos, estou menos trêmula e quase de volta ao normal. Meu olhar se concentra em meu marido, em cujo colo ainda estou sentada. Faço menção de me levantar, mas ele envolve o braço em volta da minha cintura, segurando-me onde estou. Não tendo energia para lutar, me inclino contra ele.

— Você se saiu bem esta noite.

Absorvo seu elogio.

— Nunca vi uma ferida de bala antes — admito.

Ele parece surpreso com isso.

— Certamente seu pai e irmãos foram baleados?

— Sim, mas minha mãe sempre me tirou do cômodo antes de cuidar deles. Ela é protetora comigo. Talvez protetora demais.

— É isso que você quis dizer quando disse que seus pais a mantinham em uma bolha protetora?

Fico surpresa. *Ele se lembra disso?*

— Sim.

— Isso explica por que a comunicação é tão importante para

você.

— E é. Entendo que pode haver coisas que você não pode me contar. Para ser honesta, provavelmente não quero saber sobre elas de qualquer maneira. Mas quero estar envolvida quando puder. Mesmo que seja fazendo coisas como visitar viúvas como Carmella. Embora reze para não ter que fazer isso com frequência.

— Infelizmente, faz parte da nossa vida. Uma que nunca vou me acostumar também. Tivemos sorte esta noite. Nenhuma vítima do nosso lado. — Seu alívio é palpável. Não consigo imaginar como é difícil para ele perder qualquer um de seus homens. Como disse, é um modo de vida. *Nossa vida*. Ainda assim, não deve ser fácil. Também não consigo imaginar meu avô incomodado ou chateado com as mortes que ocorrem enquanto seus homens fazem o que quer que façam. O que apenas ilustra ainda mais a diferença entre os dois.

— Pierce está bem? — pergunto.

Jacob assente.

— Ele está bem. Bastardo sortudo.

Não posso deixar de sorrir.

— Que bom.

Há uma pausa na conversa, e estou perfeitamente ciente da coxa musculosa do meu marido embaixo de mim e do fato de que estou encostada em seu peito duro. Limpo minha garganta.

— Nós dois provavelmente deveríamos descansar um pouco.

Nossos olhos se encontram e travam. Mais uma vez estou à beira de me afogar em suas profundezas. Os redemoinhos de emoção são como uma correnteza me puxando. Lambo meus lábios, e Jacob baixa seu olhar para eles. Uma labareda de excitação ferve dentro de mim com o calor brilhando em seu olhar cor de conhaque. Ele levanta os olhos.

Não sei qual de nós se move primeiro. Não importa, porque na próxima respiração ele cola sua boca na minha. Necessidade desenfreada corre através de mim. Eu me abro para ele. Ele nem precisa pedir. Estou oficialmente viciada no gosto de Jacob e quero mais. Passo meus dedos pelo seu cabelo. É muito mais macio do que eu imaginava.

Sua língua gira contra a minha. Sigo sua liderança, completamente sob seu controle. Meus mamilos endurecem quase dolorosamente. Eu quero esfregá-los contra seu peito e aliviar a dor,

mas não sou tão ousada. Em vez disso, concentro-me no beijo incrível e em todos os sentimentos que ele traz. Isso continua e continua, nenhum de nós quebrando a conexão. Isso é o que eu queria do meu casamento. Essa proximidade. Suspiro contra os lábios de Jacob. Muito cedo, nos separamos.

— Você é uma mulher perigosa, Brenna Ricci.

— Como assim? — pergunto, um pouco sem fôlego.

— Porque você torna difícil eu manter o controle.

Uma onda de prazer surge através de mim com suas palavras. Não sou o tipo de mulher que faz os homens perderem o controle.

Eu sou estudiosa. Muito quieta.

Invisível demais.

Exceto que Jacob parece me ver.

— Eu não me importaria, você sabe — sussurro.

— Não se importaria com o quê?

Eu mordo meu lábio antes de responder e seu olhar cai para minha boca antes de encontrar meus olhos novamente.

— Não me importaria se você perdesse o controle.

Um gemido ressoa em seu peito, a vibração viajando através de mim e se estabelecendo profundamente em meu centro.

Eu tremo. Jacob fecha os olhos e respira fundo antes de abri-los novamente.

— Está tarde. Provavelmente deveríamos dormir.

A decepção explode, mas meu corpo escolhe se tornar um traidor contra mim. Bocejo. Entre o gole de álcool e a descarga de adrenalina, o cansaço vem à tona, como se provocado por suas palavras.

— Vá em frente — ele insiste. — Vou subir em alguns minutos.

Com mais esforço do que deveria, deslizo de seu colo. Chego aos pés da escada e viro a cabeça para mais uma olhada. Jacob ainda está sentado, mas seus braços estão apoiados no tampo da mesa, com as palmas para cima, e está olhando para as mãos abertas. Há uma expressão de tanta dor em seu rosto que me dá um soco no estômago. Ele cerra os punhos e fecha os olhos. Sentindo que estou me intrometendo em um momento privado que não entendo, subo as escadas correndo.



CAPÍTULO 17

Jacob

Mais uma vez, acordo com Brenna do meu lado da cama, seu corpo pressionado firmemente contra o meu, um braço sobre a minha barriga. O calor de sua boceta aquece minha coxa de onde sua perna está aninhada entre as minhas. Apenas o menor movimento de minha parte seria suficiente para gerar atrito contra o seu centro. Meu pau salta com o pensamento dela ficando molhada de excitação.

Com cuidado, desembaraço seus membros ao meu redor. Teremos uma repetição disso todas as manhãs? Não sei quanto tempo vou aguentar sem tocá-la, especialmente depois da noite passada. Quanto mais estou perto dela, mais questiono porque hesitei naquela primeira noite. Xingo e deslizo para fora da cama. Uma olhada rápida me garante que ela ainda está dormindo. Fujo para o banheiro.

Enquanto o chuveiro esquenta, meus olhos pousam nos objetos pessoais de Brenna espalhados sobre o balcão do banheiro. Vários amarradores de cabelo com fios de cabelo ruivos presos a eles pontilham o topo da superfície. Sua escova de dentes rosa está ao lado da minha azul no suporte. Há até uma mancha de pasta de dente no interior da pia. É desordenado e caótico e totalmente desagradável. Eu não tinha imaginado minha esposa quieta sendo bagunceira, mas as evidências me cercam.

Descartando minha cueca, entro sob a água quente, vapor fluando por todo o banheiro, deixando uma fina camada de condensação no espelho. Minhas mãos cobertas de sabão vagam pelo meu corpo. Não há como evitar molhar o curativo. Vou pedir a Brenna para refazê-lo para mim quando eu terminar aqui. A ardência da água batendo na ferida como pedras de granizo me faz sibilar de desconforto. Para distrair minha mente, imagens da noite passada repassam em minha mente. O gosto de seus lábios. A inocência sonolenta em seu rosto depois daquele beijo. Meu pau ficou duro por horas.

Aperto meu eixo, desejando que fossem os dedos finos de Brenna em volta de mim. Para cima e para baixo, acaricio meu comprimento endurecido, imaginando-a mordendo aqueles deliciosos lábios rosa antes de sua língua sair para molhá-los. Imagino seus olhos verdes piscando de desejo enquanto ela absorve minha espessura, sua inocência precisando desesperadamente de corrupção. Gemo com a necessidade.

Meu ritmo aumenta e meu antebraço apoia a parte superior do meu corpo contra a parede. A água escorre pela minha cabeça pendurada. As imagens mudam e estou imaginando seios empinados com mamilos cor de algodão doce. E não de qualquer uma, mas da minha esposa. Uma gota d'água pende da pontinha e meus golpes vão aumentando, mais rápidos, até que finalmente, aquela gotinha cai. Com isso vem uma explosão de gozo saindo do meu pau.

— Porra.

Há um suspiro agudo, e me viro a tempo de ver um flash de vermelho desaparecer da porta aberta do banheiro. Parece que minha esposa é uma *voyeur*. Rapidamente termino meu banho e enrolo uma toalha em volta da minha cintura antes de voltar para o quarto. Brenna não está em lugar nenhum.

Coloco uma cueca e vou procurá-la. O cheiro de café recém passado flutua até o teto alto e me atinge. Eu a encontro no fogão.

— O café da manhã deve estar pronto em breve — ela me cumprimenta com as bochechas coradas antes de retornar à sua tarefa. Há um novo tom em sua voz, um que ela nunca usou antes, mas não consigo identificar o que é.

Me sirvo uma xícara do líquido fumegante.

Eu não me importaria se você perdesse o controle.

Porra. Por que ela tinha que dizer isso? Com uma necessidade repentina de provocá-la um pouco, vou até o balcão e me inclino contra ele para que o rosto de Brenna fique visível para mim. Meus olhos acompanham seus movimentos, e a bebida quente se acomoda dentro de mim a cada gole. Seu olhar permanece focado na comida à sua frente.

— Você poderia ter se juntado a mim, sabe — murmuro.

Ela quase deixa cair o ovo que pega, mas reflexos rápidos a salvam.

— Desculpe?

Ainda com a caneca na mão, faço um gesto com o dedo em direção ao andar superior.

— No banho. Não precisa ser tímida. Eu *sou* seu marido.

— Existem aqueles que podem discordar de você. Seu pai, acima de tudo. — Ela torce o nariz com desgosto.

— Meu pai não tem voz em nosso casamento.

— Isso pode ser verdade, mas não muda o fato de que, de acordo com os costumes tradicionais, não sou totalmente sua esposa se o casamento não foi consumado. — E esse tom está de volta. Ela olha na minha direção antes de voltar a fazer o café da manhã.

Eu a estudo atentamente. Esta não é a mesma mulher da noite passada. Aquela mulher era confiante. Quase, mas não totalmente descarada e que corajosamente me olhou nos olhos. Esta manhã, Brenna mal consegue olhar para mim.

— O que aconteceu com a sereia que se sentou no meu colo, segurando minha cabeça na dela, enquanto minha língua saqueava sua boca? — pergunto. — Com a mulher que praticamente me implorou para perder o controle e levá-la para a cama?

Brenna bate a frigideira no fogão e se vira para mim. Todo esse tempo eu tenho contribuído com o rubor de suas bochechas para a vergonha, mas o fogo cuspindo de seus olhos verdes irlandeses me diz que é a raiva que os colore.

— Ela não está aqui no momento e provavelmente não voltará tão cedo. Não enquanto ela tiver um marido que prefere não tocá-la e que usa sua própria mão para o prazer em vez de usar sua esposa perfeitamente disposta.

Suas palavras me irritam.

— Usar você? — estalo. — É isso que você acha que eu deveria fazer? Você acha que eu deveria apenas jogá-la na cama, enfiar meu pau em você sem pensar em seus sentimentos e ter meu prazer? — Meus punhos se fecham e meu peito arfa com a mesma raiva.

Brenna não se acovarda com meu temperamento. Ela me encara.

— Tenho certeza de que expressei meus sentimentos ontem à noite. A menos que seja outra mulher sentada no seu colo com a língua na sua boca. Como você gentilmente apontou, eu estava praticamente implorando para você me levar para a cama. No entanto, é claro que implorar não funciona, já que ainda sou tão virgem hoje quanto era ontem.

Um rosnado ruge através de mim. Dou um único passo à frente, pego seu rosto entre as mãos e coloco minha boca na dela, colocando toda minha raiva e frustração sexual em um único beijo. Brenna choraminga de excitação. Mudo de ângulo, chicoteando minha língua contra a dela, e ela trava uma batalha pelo controle que não vai ganhar. A paixão ardente emanando dela aumenta a minha. Minha boca se move sobre a dela, dominando cada centímetro.

— Porra — xingo duramente contra seus lábios. — Você sabe quanto eu quero você?

— Aparentemente não é o suficiente — a voz de Brenna é igualmente rouca.

Eu a empurro não muito gentilmente contra o balcão e prendo seu corpo, pressionando-me contra ela.

— Você sente isso? Estou sempre duro pra caralho por você. Quero você mais do que quis alguém em muito tempo — a admissão é retirada de mim contra a minha vontade.

— No entanto, você não fez nada sobre isso — ela diz com uma mordida em suas palavras. — Eu sou sua esposa, Jacob.

— Eu sei disso — retruco.

— Então por que você não faz algo sobre isso, pelo amor de Deus? — a voz de Brenna se eleva no final.

Com um gemido de dor, me forço para longe da tentação que sua pergunta evoca. Sou eu que não consigo olhar para ela desta vez.

— Tenho uma reunião para participar, mas voltarei.

Giro e subo as escadas, quase correndo em minha necessidade

de escapar de Brenna. Os cabelos da minha nuca se arrepiaram quando o calor de seu olhar confuso e zangado perfurou minha figura que se afastava. Assim que chego ao nosso quarto, luto contra o desejo de voltar para minha esposa e terminar o que começamos.

Meus olhos pousam na cômoda e uma onda de culpa me inunda. Meu casamento não deveria ser assim. É para ser uma aliança entre duas famílias para destruir um inimigo comum. Não devo sentir atração por minha esposa. Nem achá-la inteligente, bondosa, corajosa, fascinante. Acima de tudo, não devo *gostar* dela e desfrutar de sua companhia.

Vou até a cômoda e abro a gaveta de cima. Pela primeira vez em sete anos, há relutância em abrir. Faço isso, mais devagar do que nunca, empurrando as camisetas para o lado. A conhecida bolsa de veludo acaricia meus dedos. Com outra demonstração incomum de hesitação, faço uma pausa antes de agarrá-la e puxá-la para fora.

O leão estilizado em ouro com sua enorme juba e conto em forma de “S” estampado na lateral da bolsa desbotou com o passar dos anos, mas ainda consigo distingui-lo. O peso dela na minha mão parece maior do que o normal. Fecho os olhos e a fragrância invade meus sentidos, mesmo sem abrir a bolsa. Memorizei cada nota de cada ingrediente.

Também não preciso ver o vidro. É uma imagem cristalina em minha mente. Uma forma retangular verde transparente com o mesmo leão descansando em cima de um “X” gigante, sua juba lembrando as pétalas de um girassol. A tampa em forma de coroa de ouro de vinte e quatro quilates com duas flores-de-lis em ângulo uma com a outra. O verde é quase da mesma cor dos olhos de Brenna.

A escada range. Com culpa, enfio a bolsa o mais fundo possível na gaveta antes de pegar uma camiseta e quase fechar a gaveta, efetivamente mantendo enterrados os fantasmas do meu passado.



CAPÍTULO 18

Brenna

Prendo a respiração como se esperasse Jacob aparecer do nada e me pegar em flagrante. Só que ele não está aqui.

Ele me deixou com tanta raiva. Então houve aquele beijo. Quase queimeei em chamas; tinha sido tão gostoso. Estava nervosa e excitada, e com mais raiva ainda, porque não entendo o que está acontecendo com ele. Estou confusa.

Acima de tudo, estou ferida.

Eu o segui até aqui para... não sei por que o segui até aqui. Porque meu temperamento assumiu o controle, provavelmente. Meus pais têm explosões barulhentas e acaloradas que duram para sempre, mas assim que extravasam, eles voltam a ser um casal amoroso. Minha esperança era que Jacob e eu pudéssemos fazer o mesmo. Mas ver a expressão torturada em seu rosto enquanto segurava aquele objeto me fez parar. Desci as escadas e terminei de fazer o café da manhã.

Olho para a cômoda que compartilho com ele como se fosse uma cobra. Nos últimos trinta minutos, tentei muito parar de me perguntar o que ele estava olhando. Mamãe me dizia que nada de bom vinha de bisbilhotar. No entanto, não consigo me conter. Minha curiosidade levou a melhor sobre mim.

Com mais um olhar para me certificar de que estou sozinha,

abro a gaveta superior esquerda. Com cuidado para não mexer muito no conteúdo, meus dedos avançam por baixo das roupas, finalmente, se prendem a um objeto duro envolto em tecido macio. Com uma respiração profunda, eu puxo para fora. É uma bolsa de veludo cor de vinho. O logotipo desbotado não é familiar. Tomando cuidado, deslizo meus dedos para dentro da abertura e a alargo, as cordas encurtando em ambos os lados.

Minhas palmas suam e uma sensação de peso cresce em minha barriga. Sacudindo a sensação desconfortável, coloco a mão dentro e tiro o conteúdo. É um frasco de perfume quase vazio. *Perfume de mulher*. Com as mãos trêmulas, abro a tampa e respiro a fragrância. Cheira como o jardim da minha mãe.

Por que Jacob tem isso? Teria pertencido a sua mãe? Algo dentro de mim me diz que não. Não depois do jeito que ele olhou para isso. Incapaz de aguentar segurá-lo por mais tempo, enfio o frasco de volta na bolsa e devolvo onde o encontrei.

Desço as escadas correndo como se um fantasma estivesse me perseguindo e pego meu telefone. Abro um aplicativo e digito algumas informações. Meus olhos continuam vagando em direção às escadas enquanto me mexo no sofá, incapaz de ficar confortável. Pulo e vou para a cozinha para limpar o que já limpei.

Aquele frasco estúpido de perfume está me provocando. Minha mãe sempre me alertou sobre minha imaginação superfértil. Estou, provavelmente, fazendo tempestade num copo d'água. Aposto que é da mãe dele. Afinal, os dois eram próximos. Provavelmente o lembra dela, especialmente porque Francesca disse que ela morreu quando ele era apenas um adolescente.

Pego meu telefone do balcão e olho para a tela. *Perto o suficiente*. Agarrando minha bolsa, saio pela porta.

— Bom dia, sra. Ricci — o guarda de segurança na mesa do saguão me cumprimenta.

— Bom dia.

É um lindo dia de primavera. O sol está brilhando no céu azul brilhante, o brilho dele refletindo no prédio de vidro em frente ao nosso. Em cada painel espelhado, a vista da cidade é refletida. O alarme sonoro de um caminhão dando ré vem da rua. De onde estou, nosso prédio esconde a ponte Williamsburg, mas posso imaginá-la. Uma

buzina toca perto de mim e pulo.

Parado na rua está o sedã prata que eu estava esperando. Abro a porta de trás.

— Brenna? — o motorista pergunta.

— Sou eu — deslizo para o banco de trás.

Ele mexe no GPS em seu painel e o endereço dos meus pais aparece. Ele confirma comigo antes de se afastar do meio-fio. Felizmente, o motorista não tentou conversar. Fico olhando pela minha janela até que finalmente paramos na frente da casa da minha família. Agradeço a ele, saio e corro pela porta da frente.

— Mãe? Pai? Caitlín?

Passos fortes vêm de cima, e sorrio. Minha irmã é a única que se movimenta a toda velocidade. Com isso, ela desce as escadas. Um guincho ímpio irrompe dela e quase sou atropelada. Jogo meus braços em torno dela e respiro seu cheiro familiar.

— O que você está fazendo aqui? Cadê Emilio? Onde está Gio? Como você chegou aqui? — Caitlín faz uma pergunta após a outra.

— Senti a sua falta. Em uma reunião de negócios. Eu não faço ideia. Carro de aplicativo — respondo. Ela mostra a língua, mas puxa minha mão, puxando-me pelo corredor até a sala de estar. Ela me arrasta para o sofá e cai ao meu lado, nunca afrouxando seu aperto.

— Também senti sua falta. Este lugar não é o mesmo sem você. Mamãe fica constantemente deprimida, enquanto papai tenta fazê-la se sentir melhor — suspira dramaticamente. — Nathan está ainda mais desagradável com você fora, e Paddy continua trazendo para casa todas as mulheres inúteis que ele encontra. Ele acha que está sendo sorrateiro e está usando o elevador para levá-las ao segundo andar e à biblioteca. Eu continuo me escondendo em lugares diferentes, e apenas quando a coisa do amor realmente começa a esquentar, pulo para fora do meu esconderijo e os assusto pra caralho. Ele ainda não aprendeu. Idiota. — O sorriso diabólico em seu rosto é contagiante.

— Você é terrível. Estou surpresa que Paddy ainda não tenha matado você durante o sono.

— Ele tentou, mas coloquei uma armadilha na minha porta. Então, é claro, contei à mamãe. Não sobre as mulheres, afinal, ainda preciso de material para chantagem, mas sobre o fato de Paddy ter tentado pregar uma peça suja em mim. Eu até consegui evocar algumas

lágrimas. Foi brilhante da minha parte, se é que posso dizer. — Minhas próprias lágrimas de riso estão caindo quando ela termina. Deus, eu senti tanto a falta dela. Senti falta de todos.

— Como está Jack? — pergunto. Meu irmão mais velho se mudou há dois anos, então não o vemos com frequência. Ele se manteve mais recluso desde então. Isso feriu os sentimentos da minha mãe, embora ela tenha tentado esconder.

Caitlín dá de ombros.

— Jack é... Jack. Não o vejo desde o seu casamento. Acho que papai falou com ele ao telefone ontem, mas ele se trancou no escritório antes que eu pudesse descobrir. Ele está agindo de forma estranha também.

Franzo o cenho.

— Quem? Jack?

Ela balança a cabeça.

— Não, papai. Quando ele não está mimando a mamãe, ele fica todo desconfiado, e não sei por quê.

Não há nada que Caitlín odeie mais do que não saber de algo. Ela é astuta e persistente e, se achar que você está escondendo alguma coisa, não parará até descobrir o quê. Mesmo que isso signifique recorrer a truques. Quase sinto pena de papai.

— Onde está mamãe, afinal? — pergunto, surpresa por ela ainda não ter nos interrompido.

— Ela arrastou papai para a estufa. — Ela acena com a mão. — Você conhece a mamãe. Eles vão ficar fora por um tempo.

Não posso deixar de sorrir com sua dispensa. Embora eu adore ajudar no jardim, Caitlín acha isso sujo e tedioso.

— Chega de coisas chatas, me diga como está indo a vida de casada. — Ela pula no sofá.

Ai, senhor. O que digo a ela? Meu sogro parece não gostar de mim. Eu ainda sou virgem. E meu marido possivelmente está escondendo o perfume de alguma mulher na gaveta de sua cômoda.

— Está indo bem — digo. — Conheci a prima de Jacob, Francesca, alguns dias atrás. Ela tem mais ou menos a minha idade. Acho que nos tornaremos grandes amigas.

— Muito legal. Espere — ela me interrompe —, quem diabos é Jacob?

— Sou eu.

Nós duas gritamos com a voz masculina, e meu coração pula na minha garganta. Parados na entrada da sala de estar estão meus pais e meu marido lívido.



CAPÍTULO 19

Jacob

A expressão de culpa no rosto de Brenna me enche de satisfação. Eu disse a ela que aonde fosse, Giovanni também iria. No entanto, aqui está ela, sentada sem se importar com o mundo. Claro que estou chateado. Não é só isso, no entanto. O medo que senti quando Gio me ligou e disse que minha esposa não estava em nossa casa ainda está cravado em minhas entranhas.

— Pensei que seu nome fosse Emilio? — O olhar confuso da irmã de Brenna salta entre nós.

— Caitlín — sua mãe adverte.

— O quê? — a jovem pergunta.

Minha sogra e meu sogro passam por mim e a conduzem para fora do sofá e para fora da sala, deixando-me sozinho com minha esposa, que também se levantou.

— Sério, o que há com o nome? — a voz de Caitlín desaparece conforme eles se afastam.

Ficamos ali olhando um para o outro, enquanto tento conter minha raiva. Brenna descaradamente se mantém firme. Por fim, quebro o silêncio.

— Achei que tínhamos um acordo.

— Sobre o quê?

— Sobre Giovanni acompanhá-la se você quiser sair de casa — respondo. Suas bochechas ficam vermelhas.

— Eu não queria incomodá-lo só para vir ver minha família.

— Você ter uma escolta não é negociável. Nós discutimos isso. Não me importo se você viaja apenas a um quarteirão de nossa casa. Se sair de casa, Gio a acompanhará. — Não cederei. Especialmente depois da informação que recebi esta manhã antes de ser chamado para perseguir minha esposa desobediente.

Uma expressão teimosa cruza seu rosto. É hora de ensinar uma lição à minha esposa. Diminuo a distância entre nós. Orgulho faísca em mim que Brenna mantenha a mesma posição. No momento em que a alcanço, meus dedos entrelaçam seu cabelo e se enrolam em um punho frouxo antes de puxar sua cabeça para trás. Minha boca cai sobre a dela em um beijo punitivo. É minha única alternativa, além de colocá-la sobre meu joelho. Meu pau sobe com a imagem se formando em minha mente.

Saber que ela está segura libera todo o medo reprimido que eu estava segurando. Ataco sua língua, aprofundando o beijo. Dentes raspam e o gosto de sangue atinge minhas papilas gustativas. A dor das unhas de Brenna cravando em minhas costas endurece meu pau ainda mais. Suas mãos estão sob meu paletó e me agarram com força.

Deslizo minha perna entre as dela pressionando minha coxa contra sua boceta. Aumento a pressão e seu suspiro se transforma em um gemido. Meu punho agarra seu quadril e a puxo para mim, gerando fricção contra seu clitóris. Ela choraminga contra minha boca. Mamilos duros e empinados cutucando meu peito.

O beijo continua. Brenna continua se esfregando contra minha perna, minha mão em seu quadril, guiando seus movimentos inexperientes. Engulo cada som de choro que ela faz. Ela se pressiona com mais força, perseguindo o êxtase no final do passeio, até que finalmente seus músculos se contraem e seu corpo treme com sua liberação. Minha boca sufoca seu gemido.

Pequenos estremecimentos continuam a atormentar seu corpo enquanto ela gira suavemente os quadris. Finalmente, eles diminuem a velocidade e ela cai contra mim, exausta. Seus braços ficam em volta da minha cintura, e continuo a segurá-la.

Os olhos verdes de Brenna estão vidrados e sem foco quando ela

finalmente recupera o juízo. Seus lábios estão machucados. A pele macia do seu rosto está levemente arranhada pelas cerdas duras da minha barba. Seu cabelo ruivo está despenteado e selvagem de meus dedos. Ela parece completamente depravada. Dou um passo para trás, firmando-a, e ajusto minha fúria dura atrás do meu zíper.

— Só para você saber — Brenna resmunga —, você não apresentou um argumento muito bom para eu não abandonar meu guarda-costas novamente.

Pisco com suas palavras, e então jogo minha cabeça para trás dando uma gargalhada. Quando foi a última vez que alguém me fez rir assim? *Nunca*. Assim que consigo me controlar, cruzo os braços e olho para minha imprevisível e altamente divertida esposa.

— Digamos que, se você *não* abandonar seu guarda-costas, terá uma repetição disso. Muitas, muitas repetições e mais o segundo ato — enfatizo.

Ela pigarreia.

— Você certamente sabe negociar.

Abaixo minha voz sedutoramente.

— Você não tem ideia do quanto.

O olhar de Brenna cai para minha ereção se esforçando para se libertar. Seus olhos se arregalam antes de ela rapidamente levantá-los de volta para o meu rosto. O rosa subindo pelo pescoço e bochechas é adorável.

— Sim, bem. — Ela alisa o cabelo em um gesto nervoso.

Reprimos meu sorriso, mas fico sério.

— Eu sei que a ordem pode te irritar, então desta vez estou *pedindo*. Por favor, não saia de casa para ir a *qualquer* lugar, a menos que Giovanni esteja com você. — Como meu pai, não sou de implorar. No entanto, se isso significa garantir a segurança de Brenna, eu o farei.

Brenna se concentra intensamente em mim, sua cabeça inclinada um pouco como se estivesse me estudando. Ela deve ver algo em meu rosto, porque fecha a distância entre nós e acaricia meu rosto, olhando para mim com uma expressão suave.

— Se isso significa tanto para você, prometo sempre levar Gio comigo aonde quer que eu vá.

Cubro suas mãos com as minhas e as aperto suavemente.

— Obrigado.

Se implorar é difícil, pedir desculpas é ainda mais.

— Eu também sinto muito por esta manhã — digo.

— Sobre qual parte? — Brenna pergunta.

Soltando-a, me afasto um passo e passo as mãos pelo rosto. Por que ela tem que questionar isso?

— Não sei.

— Isso não é muito um pedido de desculpas, então.

Meus olhos se voltam para os dela, e um pequeno sorriso brinca em seus lábios. Eu me pego respondendo:

— Não sinto muito por pensar em você enquanto acariciava meu pau no chuveiro. — Encurto a curta distância entre nós, e sua respiração acelera. — Não sinto muito por ter te beijado. — Puxando-a para mim, suas mãos vão para o meu peito para se firmar. Aqueles brilhantes olhos esmeralda olham para mim com um lampejo de excitação. Minha expressão fica séria novamente. — Sinto muito por ter saído sem uma explicação. Sinto muito por tê-la magoado.

Brenna observa meu rosto atentamente. Há uma consciência entre nós, mas ela olha para mim pensativa.

— Vocês dois ainda estão vivos aí dentro? — uma voz interrompe. Minha esposa suspira e se afasta de mim com uma risada.

— Desculpe desapontá-la, pirralha, mas ninguém matou ninguém.

Caitlín sai de seu esconderijo com um sorriso travesso no rosto. Graças a Deus ela não chegou alguns minutos antes. Embora com base no rosa em suas bochechas e na maneira como ela evita qualquer um de nossos olhos, acho que talvez tenha visto ou ouvido mais do que deveria.

— Então — ela diz, finalmente olhando para mim. — Conte-me sobre essa coisa de nome. Jacob não parece muito italiano.

Brenna geme em frustração.

— Você sempre precisa ser tão rude e intrometida?

— Sim, na verdade — Caitlín responde sem hesitar e eu rio. A garota tem coragem, vou dar isso a ela.

— Recebi o nome do avô da minha mãe. Giacobbe Alfio Cantore. Ela adorava a ortografia americana, então me tornei Emilio Jacob Ricci.

— Por que você não se chama de Emilio? Isso soa mais como o nome de um chefe da máfia — ela comenta.

— Pelo amor de Deus — Brenna joga as mãos sobre o rosto.

— Tecnicamente, sim, embora poucas pessoas me chamem de outra coisa além de sr. Ricci. Isso soa mafioso o suficiente pra você?

— Tanto quanto Donnelly, suponho. Pena que você não é parente de Al Capone. Isso faria você parecer um verdadeiro chefe da máfia. Você se importa se eu te chamar de Emilio? — Caitlín mal respira. — Quero dizer aos meus amigos que chamo pelo primeiro nome o líder durão do sindicato italiano que se casou com minha irmã e, bem, para ser honesta, Jacob simplesmente não tem o mesmo peso. Sem ofensas, é claro.

Encaro a jovem, meu cérebro tentando acompanhar sua conversa. Não invejo qualquer homem com quem ela venha a se casar. Ela vai liderar alguém em uma alegre perseguição. Nesse ínterim, minha esposa se afastou completamente da conversa e está recostada no sofá com o antebraço cobrindo os olhos.

Finalmente, encontro minha voz.

— Emilio está bem. Agora, se você nos der licença, é hora de Brenna e eu irmos para casa.

A mulher em questão se levanta rapidamente do sofá, como se estivesse mais do que pronta para sair.

— Diga a mamãe e papai que disse adeus, e vou ligar para eles nos próximos dias.

Ela abraça a irmã e a guio pelo corredor até a porta da frente, onde o carro está esperando. Quando estamos acomodados no banco de trás, ela se vira para mim.

— Caitlín às vezes esquece os limites pessoais. Principalmente quando se trata de familiares, que ela considera você devido ao nosso casamento. Na cabeça dela, ela acabou de ganhar outro irmão para atormentar.

Não posso deixar de sorrir, mas ele logo desaparece.

— Pierce é a coisa mais próxima que tenho de um irmão, mas nosso relacionamento nunca foi cheio de leviandade e brincadeiras. Foi preenchido com dever, lealdade e violência. Sua irmã é realmente uma lufada de ar fresco neste mundo em que vivemos. No entanto, certamente não invejo seus pais.

Brenna geme.

— Ela é difícil, para dizer o mínimo. Embora, às vezes, eu

gostaria de ser mais como ela.

Estendo a mão para pegar a mão dela.

— Eu não. Não gostaria que você mudasse uma única coisa sobre você.



CAPÍTULO 20

Brenna

Paro de respirar com as palavras de Jacob. Meus olhos queimam com lágrimas não derramadas, mas pisco de volta. Ele realmente quis dizer isso? Meu coração está quase explodindo de felicidade. É assim que é se sentir apaixonado? Porque se for assim, então estou apaixonada... e muito.

“O amor pode crescer de uma única semente” a voz da minha mãe ecoa de volta para mim.

A expressão no rosto de Jacob quando me pediu para não ir a lugar nenhum sem Gio passa pela minha mente. Houve uma excitação persistente, mas juro que o medo também esteve presente. Como se ele estivesse preocupado que algo tivesse acontecido comigo. Não apenas porque sou sua esposa, mas porque ele realmente se importa.

Seu pedido de desculpas foi sincero, e pude perceber como foi difícil para ele dizer as palavras. Isso me faz apreciá-las ainda mais. Ele certamente está tentando tornar nosso casamento mais confortável. Isso me dá esperança de que talvez ele possa se apaixonar por mim também.

— Como foi sua reunião? — pergunto.

Jacob estreita os olhos.

— Foi interrompida quando tive que rastrear minha esposa

fugitiva.

Oops.

— Desculpe. Como você sabia onde eu estava, afinal?

— Eu instalei um aplicativo localizador no seu telefone — ele diz casualmente, como se a resposta devesse ser óbvia. E não uma invasão completa da minha privacidade.

Minha cabeça recua um pouco.

— Você fez, *o quê?*

— Acredito que me ouviu bem.

Fecho os olhos e conto até dez antes de abri-los novamente. E pensei que ele estava tentando tornar nosso casamento confortável.

— Você pode me dizer por que achou que não havia problema em pegar meu telefone e adicionar um aplicativo de rastreamento sem minha permissão? — digo as últimas palavras entre os dentes.

— Como expliquei antes, tenho muitos inimigos. E quando minha esposa me desobedece e foge sem o guarda-costas que designei a ela, tenho que conseguir localizá-la — Jacob diz lentamente como se eu fosse uma criança.

— Você não pensou em me ligar e perguntar onde eu estava?

— E se os russos tivessem levado você? Acha que eles deixariam você atender o telefone? — pergunta sarcasticamente. — Isso foi para sua proteção. — Jacob desvia o olhar de mim com desdém, como se a conversa tivesse acabado. Não acabou de forma alguma, mas estou com muita raiva para colocar em palavras. Aquele flash de medo que tenho certeza que estava em seus olhos retorna para mim, fazendo minha raiva tornar-se uma brasa. Até certo ponto, posso entender porque Jacob fez isso. Se ele tivesse perguntado, teria entregado meu telefone a ele sem questionar. Ok, talvez não sem questionar. Mas teria ouvido seu raciocínio. Em vez disso, ele fez sem me dizer ou falar comigo sobre isso primeiro. Isso é o que mais me incomoda.

Paramos em frente ao nosso prédio. Saio do carro antes que o motorista, um novo homem a quem ainda não fui apresentada, possa abrir a própria porta.

— Brenna — Jacob rosna meu nome, mas o ignoro.

Ando rapidamente pelo saguão, ignorando a saudação de segurança, e aperto o botão de seta para cima no elevador. Meu pé bate em uma batida rápida e impaciente. O bater das solas do meu marido

no chão de mármore ecoa ao meu redor, combinando com o ritmo do meu pé. O elevador apita e, finalmente, a porta se abre. Deslizo para dentro, batendo o lado do meu punho cerrado no botão de fechar a porta. No segundo em que acho que escapei, uma grande mão desliza e agarra a borda. A porta é puxada ao longo do trilho e a expressão calma demais de meu marido aparece.

Isso só me enfurece mais. É como se ele estivesse me tratando com condescendência sem dizer uma palavra. Ele dá um passo para dentro e recuo um passo. Com a mesma calma, ele aperta o botão do nosso andar e a porta se fecha, nos fechando na pequena caixa de metal. Ele dá um passo para trás, então estamos lado a lado. *Idiota.*

Meus olhos se fixam no painel de botões, então não consigo ver seu reflexo na porta de metal voltando para mim. Tento ignorar o cheiro sedutor de sua colônia e o calor que irradia de seu corpo muito próximo. Estou furiosa por estar tão perto e ficar excitada. Amaldiçoo meu corpo traidor. Ele não fala, mas posso sentir seu olhar me queimando. Me recuso a virar a cabeça. Depois de uma viagem muito longa, apesar de percorrer apenas cinco andares, o elevador desacelera até parar, então apita, sinalizando nossa chegada.

A porta se abre e como um maldito cavalheiro, Jacob gesticula para que eu passe. Com a cabeça erguida e fungando com altivez, saio, já pegando a chave na bolsa. Ocorre-me que estou agindo como uma criança petulante e indo contra minha própria regra de comunicação. O que me deixa com mais raiva, porque não quero ser a primeira a ceder. Entro e jogo minha bolsa na mesa de centro.

Vou direto para o bar em nossa sala de jantar. Sem ter ideia do que estou fazendo, pego um copo, quase derrubando toda a pilha. Tentando lembrar de qual garrafa Jacob geralmente bebe, pego a mais próxima. Depois de uma rápida oração, jogo o conteúdo para dentro. Quase bato o copo no balcão, mas recuo no último segundo. Em vez disso, bato as palmas das mãos na superfície enquanto meus olhos começam a lacrimejar e estou tendo dificuldade para respirar.

Um copo de água embaçado aparece na minha frente, e rapidamente o pego e bebo um gole saudável.

O fogo em minha garganta e estômago se extingue muito lentamente. Minha cabeça cai, e enxo meus pulmões de ar. Quero chorar por um motivo totalmente diferente. Me levanto, esperando encontrar a

expressão zombeteira de Jacob. Em vez disso, não consigo lê-lo. Nos encaramos por um longo momento. Meus próprios sentimentos não são claros. *O que ele vê no meu rosto?*

— Eu acho que isso é um recorde — ele diz, quebrando o silêncio entre nós. Minhas sobrancelhas se erguem.

— O quê?

— Eu me desculpendo duas vezes em um dia. Embora não sinta muito por colocar o aplicativo no seu telefone — solta um suspiro. — Mas sinto muito por não ter contado antes.

— Eu também sinto muito — admito. — Sinto muito por ter exagerado e me comportado como uma criança.

Ele aponta para a garrafa.

— Isso foi um pouco impressionante. Você lidou bem com isso. Sufoco uma risada.

— Nunca vou entender como você pode beber essa coisa vil.

Jacob apenas sorri.

— Como eu disse, é um gost...

— Gosto adquirido — aceno com a mão. — Eu sei.

Ele me puxa contra ele. Seus dedos afastam o cabelo da minha testa.

— Tudo o que faço é para sua proteção. Não é para invadir sua privacidade ou espioná-la. Eu ficaria... — ele faz uma pausa, seus olhos examinando meu rosto.

Prendo a respiração esperando que ele termine a frase. *Ele ficaria o que?*

— Não quero que nada aconteça com você — Jacob finalmente diz, e expiro.

Minha mente dispara. O que ele ia dizer? Ele ficaria chateado se algo acontecesse comigo? Devastado? Não poderia viver consigo mesmo? Aquela parte de mim que está ficando cada vez mais desesperada por seu afeto clama para que ele termine o que realmente ia dizer. No entanto, algo que ele disse permeia meu cérebro recém-encharcado de álcool.

— Foi obviamente uma pergunta retórica, mas por que você mencionou que os russos me levariam? Aconteceu algo em sua reunião que faria você pensar que sim, ou poderia ter acontecido? É realmente por isso que você quer que eu tenha um guarda-costas?

Ele me solta e se vira para o bar para se servir. Me ocorre que ele faz isso toda vez que quer evitar responder imediatamente a uma das minhas perguntas. Como se desse tempo para formular uma resposta. O que me leva a pensar que estou certa.

Nosso casamento é uma aliança para fortalecer a força de ambas as organizações contra os russos. Comecei como peão nesta partida de xadrez. Jacob assumindo o controle do sindicato italiano o coloca na posição de rei. O que significa que acabei de ser elevada a rainha. Se os russos me pegarem o jogo acabou. Só funciona se meu marido realmente se importar.

Estendo a mão e coloco minha mão em seu braço. O copo que ele está segurando paira perto de seus lábios antes que ele o abaixe lentamente e vire a cabeça para olhar para mim.

— Nós concordamos em honestidade e comunicação, lembra? Eu sei que disse que não precisava saber tudo sobre o seu negócio, mas algo tão importante quanto isso? Importante o suficiente para que você sentisse a necessidade de colocar um rastreador no meu telefone? Você precisa me dizer, para que eu possa estar preparada. — Minhas palmas ficam suadas com a ideia de estar em perigo, mas se ser a esposa de Jacob me torna um alvo, quero saber. *Mereço* saber.

Ele não diz nada, e posso vê-lo lutando se deve ou não por seu olhar atento. Então ele solta um suspiro.

— A notícia do nosso casamento chegou aos russos. Nenhuma ameaça direta foi feita, mas se ouve coisas. A maneira mais fácil de tornar um inimigo vulnerável é ferir alguém com quem ele se importe.

Congelo. Isso significa que Jacob se importa comigo? Que eu o torno vulnerável? Engulo em seco.

— Obrigada por me dizer. Vou tomar todas as precauções para não me tornar uma responsabilidade para você.

Ele não fala, mas em vez disso me puxa para seus braços. Eu circulo sua cintura e pressiono minha bochecha contra seu peito duro, deixando-o me segurar. Ele aperta ainda mais, como se estivesse se assegurando de que estou segura. A reação dele me dá esperança para o nosso casamento. Meus olhos se fecham e, lentamente, meu corpo começa a se soltar e relaxar.

— Você cheira bem — digo a ele, respirando profundamente o cheiro maravilhoso.

Ele ri acima da minha cabeça e seu peito ressoa com o som. A vibração viaja por todo o meu corpo, estabelecendo-se bem no fundo. Eu gosto da sensação. Isso me lembra do orgasmo que ele me deu na casa dos meus pais.

— Você sabe que é a primeira pessoa a me fazer ter um orgasmo, além de mim? — murmuro contra ele. O corpo de Jacob fica imóvel, e outro daqueles rosnados adoráveis ressoa através dele e dentro de mim. — Gostaria muito de outro quando puder, por favor.

Ele pigarreja.

— Tenho que voltar para a minha reunião, mas tenho certeza de que podemos combinar algo quando eu chegar em casa.

Aceno preguiçosamente contra ele.

— Eu gostaria muito disso.

— Você provavelmente deveria ir descansar. O álcool está subindo à sua cabeça — ele diz, e torço o nariz.

— Aquela coisa é realmente nojenta. Mas gosto dessa sensação de dormência. É legal.

Jacob solta uma risada curta.

— Por que você não relaxa, e eu volto mais tarde. Vou trazer o almoço.

— Você vai estar no cardápio? — Rio, o que me faz bufar e depois rir um pouco mais.

— Só se você pedir com educação. — Ele se afasta e faço beicinho. Sinto falta de seu calor e cheiro. — Eu já volto. Se comporte.

Ele roça um beijo na minha testa. Seus olhos escureceram um pouco e percorrem todo o comprimento do meu corpo. Meus mamilos endurecem e aquela sensação de formigamento está de volta. Ele encontra meu olhar novamente e então está se virando e saindo pela porta.



CAPÍTULO 21

Jacob

Se eu não precisasse voltar para o armazém, poderia ter ficado e dado a minha esposa quantos orgasmos ela pedisse. Brenna confirmou que é virgem, mas descobrir que sou o primeiro homem a fazê-la gozar me dá vontade de bater no peito como um maldito homem das cavernas.

O fato de ela ter admitido se masturbar é ainda mais excitante. Adoraria vê-la dando prazer a si mesma em nossa cama. Aqueles dedinhos dela circulando seu clitóris antes de deslizar por seus lábios inferiores, reunindo seus sucos enquanto ela se perde. Imaginá-la empurrando primeiro um, depois dois dentro de sua boceta apertada.

Porra.

Estou do lado de fora da nossa porta, ajustando meu pau. Levaria apenas alguns minutos para levar nós dois ao clímax. Várias coisas me impedem. A principal delas é que, uma vez que eu a tenha na minha cama, não planejo deixá-la sair tão cedo. Mas também porque quero que ela tenha controle total de suas faculdades quando deslizo meu pau dentro de sua boceta apertada. Já posso senti-la me apertando como um punho. A sensação vai ser incrível, mas vou ter que ser paciente. Não é algo pelo qual sou conhecido.

E Pierce está esperando por mim. Apenas o pensamento de

quem mais me espera rapidamente transforma minha excitação em raiva. Especialmente porque minha esposa tinha sido o assunto da discussão antes de eu ser chamado. Esse tinha sido o medo me levando ao limite. Um dos dois homens trancados em nosso armazém mencionou minha esposa, e então recebi a mensagem de Gio de que ele não conseguiu encontrá-la. Pânico cego nublou minha visão.

A viagem de volta não demora muito. Chegamos na porta e Aurelio para. Ele me deixa sair e entro no prédio pela porta da frente. O interior está completamente vazio. Se alguém conseguisse passar por nossa segurança, ficaria muito desapontado. Meus passos ecoam por todo edifício cavernoso. A luz entra pelas janelas de cinco metros de altura que começam na metade da parede voltada para o sul, aquecendo o lugar.

Chego ao escritório, onde há apenas um único arquivo. Seu exterior cinza metálico está amassado e lascado. Abro a gaveta de cima e tiro uma chave. Na parede oposta, totalmente oculto, a menos que se saiba onde procurar, está um pequeno buraco de fechadura. Insiro a chave e um painel invisível se abre dando acesso a um corredor que desce por baixo do armazém. Fecho o painel atrás de mim.

Quanto mais eu ando, mais frio fica. Minhas solas de couro mal fazem barulho no concreto sob meus pés. Um grito agudo me alcança. Parece que Pierce não esperou meu retorno. Espero que ele tenha me deixado alguma coisa. A incrível vontade de derramar sangue me preenche. Chego a uma porta e, assim que meus dedos tocam a maçaneta, outro grito de dor vem de dentro. A cena que me saúda envia satisfação em minhas veias.

Um homem ensanguentado está amarrado a uma cadeira perto de um canto da sala, com a cabeça pendurada em um peito que mal está, mas ainda assim, subindo. Ao lado dele está uma mesa de metal, forrada de papel branco, com instrumentos de metal. O cheiro de carne queimada permeia meu nariz. É um truque bacana que Pierce usa para cauterizar feridas para que qualquer visitante que tenhamos aqui não sangre até que desejemos.

No meio da sala, pendurado em uma corrente no teto, os dedos dos pés mal tocando o chão e os braços esticados, está outro homem. Ele está nu e sangrando, o gotejamento de cada gota de líquido vermelho caindo no chão como um vazamento em uma torneira. Pierce,

segurando uma faca coberta de sangue, está perto dele. As mangas da camisa estão arregaçadas e impecáveis. Nem uma gota de sangue cobre qualquer centímetro dele além de sua mão empunhando a lâmina.

Ele olha para mim com um olhar questionador. Eu concordo com a cabeça. Ele estava preocupado com Brenna, e com meu gesto um pouco da tensão em seus ombros foi liberada.

— Como estão nossos amigos? — pergunto. — Estou um pouco desapontado por você não ter esperado por mim.

O homem pendurado levanta a cabeça e me encara com seu único olho bom. A outra cavidade está vazia, a carne ao redor está preta e queimada. Seu sorriso é torcido e grotesco.

— Como está aquela sua linda e jovem esposa? Espero que ela esteja bem.

Não dou nenhuma indicação externa de que sua provocação me incomoda, mas minha raiva está queimando fora de controle. Não quero nada além de arrancar a faca da mão de Pierce e enfiá-la direto no outro olho do russo. Mas isso não me dá o que eu quero. Caminho casualmente ao redor dele, minhas mãos na parte inferior das costas, e o avalio. Ele segue meus movimentos até que eu esteja fora de sua visão e depois novamente quando volto a ela.

— Eu esperava que durante minha ausência você tivesse bastante tempo para pensar sobre a resposta à minha pergunta. Em vez disso, você não faz nada além de causar mais sofrimento a si mesmo — giro e jogo todo o meu peso em um soco em seu estômago. É um dos poucos lugares ainda não está coberto de sangue.

Ele grunhe de dor e respira fundo, tossindo e engasgando. Foi bom, mas não vai me trazer respostas. Tinha sido mais para minha própria liberação de raiva do que qualquer coisa. Uma vez que o homem recupera o fôlego, ele zomba de mim.

— Talvez você precise me lembrar de sua pergunta. Parece que esqueci.

— Para um homem na sua posição, você parece pensar que é quem tem algum tipo de poder. Que você pode jogar algum tipo de jogo. — Dou um passo para trás e Pierce toma meu lugar. Embora eu não me oponha a fazer nossos inimigos sangrarem, meu primo sente um prazer perverso com isso. Vou deixá-lo se divertir um pouco mais.

A prata da lâmina brilha e um grito gutural ressoa em meus

ouvidos. O sangue escorre pelo ralo abaixo do homem que é para esse propósito expresso. Mais gritos se juntam aos primeiros até se transformarem em lamúrias. Diminuo a distância entre nós e agarro a cabeça do homem pelos cabelos.

— Pierce é muito habilidoso com sua faca. Ele sabe exatamente como impedir que alguém perca muito sangue, como você deve ter percebido. Prometo a você que ele pode fazer isso por dias a fio e logo você estará implorando para ele te matar. Só que ele não vai. A dor continuará indefinidamente. Mas você pode fazê-la desaparecer. Eu posso fazer isso ir embora. Apenas me diga o que eu quero saber.

— Oleg não vai te contar nada, não importa quanto você o torture.

Eu o libero com um puxão.

— Oleg não é muito esperto, então — digo e me viro para o outro homem. — Estou supondo que você é o único com todo o cérebro?

— Posso te dizer o que você quer saber. Você deve prometer tornar minha morte rápida e indolor, no entanto.

— Depende se suas informações são ou não dignas de minha misericórdia.

— *Zakroi svoi yobaniy rot* — Oleg engasga.

Ignorando o homem atrás de mim, dou vários passos em direção ao nosso outro prisioneiro.

— Recomendo que você desconsidere o conselho de seu amigo para manter a boca fechada. Não sou um homem de paciência.

— Os homens que você está procurando são Sacha e Nestor. Você os encontrará em um quarto dos fundos da casa de Stoyova — ele finalmente responde e afunda na cadeira como se falar exigisse muito esforço. Em breve, a vingança seria desencadeada sobre aqueles dois pela morte de Umberto Benetti.

— E o traidor dentro da nossa organização? Quem está trabalhando com Mikhail Popov?

Ele lentamente balança a cabeça.

— Não sei.

Sem saber se acredito nele ou não, não insisto. Ainda.

— O que você sabe sobre minha esposa? — pergunto com muito mais calma do que sinto.

— Só que ela faz parte da organização irlandesa e que você se casou para unir suas forças contra nós. Isto é tudo que sei.

Eu o estudo um pouco mais. Ele pode estar mentindo, mas tenho respostas suficientes para me satisfazer temporariamente. Em um movimento fluido, concedo seu pedido e puxo minha arma, colocando uma única bala em sua cabeça. Há um grito atrás de mim. Devolvo a arma ao coldre e giro para encarar Pierce.

— Mantenha aquele vivo até que implore para você matá-lo.

Meu primo acena com a cabeça e vou para a porta. Ainda não está totalmente fechada atrás de mim quando os gritos de Oleg começam.



CAPÍTULO 22

Brenna

Há uma razão para eu não beber. Minha cabeça doendo me lembra do fato. O maravilhoso entorpecimento relaxado que estava sentindo já passou há muito tempo. Em seu lugar, há uma dor de cabeça latejante que não passou e uma mortificação total que continua a persistir algumas horas depois. Ainda não consigo acreditar que disse a Jacob que queria que ele me desse outro orgasmo.

Pelo menos pela vigésima vez, gemo em minhas mãos enquanto tento me livrar do constrangimento. Não há necessidade de me sentir constrangida com o pedido. Ele é meu marido, e não há nada de vergonhoso em querer que ele me agrade. Tomo outra aspirina, já que a primeira não funcionou e volto a mexer o hambúrguer quase dourado no fogão. Jacob ficou preso em sua reunião ou esqueceu que disse que me traria almoço.

Bufo com quão ridículo devo ter soado perguntando se ele estaria no cardápio. Minha habilidade de falar sujo claramente precisa de uma melhorada. Pego a panela de macarrão e jogo na peneira da pia. Assim que o hambúrguer está pronto, coloco o molho de espaguete e adiciono alguns cogumelos. Preparo um prato para mim e vou até a mesa da sala de jantar. Enquanto como, mergulho de volta no livro que estava lendo. Estou no meio da minha refeição quando Jacob chega em

casa.

Seus passos são fracos no chão de madeira. Ele faz uma pausa ao me ver e xinga.

— Esqueci seu almoço.

Aceno para ele com um sorriso.

— Presumi que sua reunião atrasou. Deixe-me pegar um prato para você.

— Não. Termine. Eu me sirvo. — Ele vai até o fogão e me recosto na cadeira e continuo comendo.

Jacob se senta ao meu lado e come.

— Estou curiosa sobre todas essas reuniões que você tem. Para que servem? — pergunto, evitando qualquer coisa relacionada à nossa conversa anterior.

Ele faz uma pausa no meio da mordida e olha para mim.

— Depende — diz depois de um momento. — Algumas delas discutimos quanto lucro nossos negócios legítimos estão obtendo e quanto nossos negócios não legítimos estão gerando.

— Posso perguntar o que são todos esses negócios? Ou isso não é algo que eu deveria saber? Pergunto porque sou formada em finanças e posso ajudá-lo a encontrar maneiras de aumentar suas margens de lucro — digo a ele. — Realmente não pensei que seria capaz de usar o que estudei, mas talvez eu possa.

— Temos vários restaurantes, um cassino, uma oficina mecânica e uma casa noturna.

Fico animada.

— Que tipo de casa noturna? Nunca estive em uma antes e sempre quis ir.

Jacob olha para mim sem expressão.

— Nunca?

Meus olhos se estreitam enquanto tento decidir se há um tom em sua pergunta.

— Eu realmente nunca tive amigas — finalmente digo com um pequeno encolher de ombros. — De qualquer maneira, todo o meu tempo na faculdade foi gasto estudando.

— Se quiser ir, provavelmente posso providenciar isso para você.

— Sozinha? — Fico boquiaberta.

— Claro que não sozinha. Giovanni estaria com você — diz.
Olho para ele.

— Não vou arrastar o pobre Gio para uma boate comigo. Por que você não pode me levar?

Ele me encara surpreso.

— Eu não danço.

Fixo meu olhar nele.

— Suponho que você visita o local?

Jacob faz uma pausa.

— Ocasionalmente.

— O que você faz enquanto está lá, então? — pergunto, embora talvez eu não queira saber.

— Passo meu tempo na seção VIP, falando sobre negócios. É barulhento e lotado, mas alguns dos meus colegas de trabalho apreciam a vista, então nós os atendemos.

— Por “vista”, suponho que você quer dizer as mulheres?

— Sim.

Não tenho certeza de como me sinto sobre Jacob passar o tempo em uma boate cheia de mulheres.

— Eu ainda gostaria de ir, mas com você.

Ele demora muito para responder.

— Acho que posso levar você lá uma noite.

— E os negócios não-legítimos? — pergunto, porque eu não consigo me segurar.

Jacob limpa a garganta.

— Tem certeza que isso não é uma daquelas coisas que você realmente não quer saber?

É aqui que estar perto da minha irmã me afeta, porque com sua única pergunta, ele só tem que me dizer.

— Tenho a impressão de que você não acha que posso lidar com isso. Porque garanto que posso. Eu acho.

Jacob suspira e se recosta em seu assento.

— Nós lidamos principalmente com drogas, armas e lavagem de dinheiro.

Espero, mas ele não diz mais nada. Suponho que deveria estar um pouco escandalizada por meu marido ser essencialmente um traficante de drogas e armas. Eu imaginei que havia armas envolvidas,

considerando que ele voltou para casa com um ferimento de bala ontem à noite. *Meu Deus, tinha sido apenas ontem à noite?* Parece que foi há uma vida.

— Você está terrivelmente quieta — diz.

— Acho que estava esperando... mais. Não que não seja muito, mas não é surpreendente. Devo ficar mais chocada ou indignada? Posso ficar, se você quiser.

Jacob bufa e sorri, balançando a cabeça um pouco.

— Você nunca deixa de me surpreender.

Me orgulho um pouco e tomo o que ele disse como um elogio.

— Sou a esposa de Emilio Jacob Ricci, que é, de acordo com minha irmã — hesito por apenas meio segundo —, o líder durão do sindicato italiano. Isso significa algo para mim.



Escovo meus dentes para dormir, e meus dedos param no meio de trança que estou fazendo no meu cabelo. Só assim, chego a uma decisão. Desfaço a trança que comecei e passo a escova nela. Olho para meu reflexo no espelho. Meu short de dormir verde de bolinhas e top de alças finas combinando não gritam sedução, especialmente com o sutiã que estou usando.

Tiro o sutiã e o jogo no chão atrás da porta. Meus mamilos estão duros e claramente visíveis através do tecido de algodão fino e puído. Um arrepio de antecipação me percorre. Pelo menos estou dizendo a mim mesma que é antecipação.

Com uma respiração profunda, entro no quarto onde Jacob ainda está se despindo. Ele faz uma pausa e seus olhos percorrem todo o comprimento do meu corpo, parando no meu peito antes de seguir em frente. Não pensei que meus mamilos pudessem ficar mais duros, mas estava errada.

Nossos olhares se encontram novamente, e ele continua de onde parou e termina de desabotoar a camisa. Ele encolhe os ombros, cada músculo forte ondulando com o movimento. Sendo bem mais organizado do que eu, ele pendura a camisa no encosto da cadeira que usa para esse fim.

Em seguida, Jacob tira sua camiseta branca, dobrando-a com

cuidado e colocando-a no assento. Minha respiração aumenta ao ver seu peito completamente nu. Não é como se fosse a primeira vez que o vejo. Mas esta noite é diferente.

Pigarreio.

— Acho que agora é um bom momento.

— Para?

— Eu acredito que outro orgasmo foi agendado para mais tarde. Seus olhos se arregalam um pouco.

— Sim, algo dessa natureza pode ter sido mencionado.

Corro um olhar apreciativo sobre ele, absorvendo tudo. Todas as sombras escuras em vários lugares, inclusive ao longo de suas costelas e em seu flanco direito a vários centímetros de seu umbigo. Já vi essas marcas antes, mas ingenuamente não as considerei ferimentos de bala. Exceto aquele em seu flanco. Tem um formato um pouco diferente do resto. Uma faca, talvez? Estremeço com o pensamento, e meu coração dói pela dor que ele sofreu. Apesar das cicatrizes, seu corpo está próximo da perfeição.

— Já é mais tarde — deixo escapar.

— É mesmo — Jacob responde, ironicamente, enquanto suas mãos vão para a fivela do cinto.

Meus olhos se fixam em cada movimento de seus dedos enquanto ele desabotoa e desliza para fora de cada laço, seus movimentos lentos, como se sentisse minha impaciência. Esses mesmos dedos voltam para o cócs da calça. Não consigo desviar o olhar, e eles logo estão deslizando por suas pernas musculosas. Ele já tirou os sapatos e as meias, então apenas tira as calças e as pendura cuidadosamente sobre a camisa que descartou recentemente.

Com muito mais confiança do que eu, Jacob está lá, apenas com sua cueca boxer. Suspeito que seu pênis esteja apenas semiduro, e engulo tanto em nervosismo quanto em antecipação gananciosa. Há um sentimento de orgulho no fato de que ele é todo meu. Estou mais do que pronta para explorar cada centímetro dele.

Tenho certeza de que minha imaginação não lhe fez justiça.

— Receio que vai ser preciso mais do que apenas ficar aqui para que eu leve você ao orgasmo. Embora, eu provavelmente poderia — ele se vangloria com um sorriso muito arrogante.

Meu rosto fica em chamas, mas bufo.

— Talvez possamos guardar esse desafio para outra noite.

Aquele sorriso arrogante se torna tortuoso.

— Pode apostar que sim.

O olhar de Jacob fica aquecido e ele me examina de cima a baixo mais uma vez. Suas mãos vão para o cós de sua cueca, e respiro fundo.

— Estou a cerca de dois segundos de tirá-la. Você pode ficar de pé e assistir ou pode relaxar ali e curtir o show. — Sua cabeça acena na direção da cama.

Meus pés permanecem congelados no chão e meu foco se concentra onde suas mãos descansam.

— Como quiser. — Um centímetro de cada vez, Jacob lentamente tira sua última peça de roupa e sai dela. Ele está totalmente ereto, e a ideia de tomá-lo inteiro é um pouco intimidante. — Respire, Brenna.

Pisco, e ele está bem na minha frente. Suas grandes mãos fortes seguram minhas bochechas e ele está olhando nos meus olhos. Meu peito sobe e desce com o esforço de puxar o ar.

— Muito bem — elogia.

Finalmente, acho meu controle. Meu corpo esquenta de vergonha.

— Espero que você não desenvolva um ego super inflado só porque fiquei um pouco nervosa ao ver o seu... — faço um gesto com o queixo. — É que eu nunca tinha visto um de perto antes, bem, além dos meus irmãos, mas isso é quando eles eram pequenos, então não é bem a mesma coisa. Tenho certeza de que, depois de ver o seu várias vezes, não será grande coisa, porque quando você vê um, já viu todos. Pelo menos acho que é assim que se diz...

O resto das minhas palavras são sufocadas pela boca de Jacob. Suspiro contra seus lábios e me abro para ele. Sua língua desliza para dentro e enrosco a minha nela. Ele poderia me beijar por horas, eu nunca me cansaria disso.

Meu marido demora, como se estivesse saboreando meu sabor. Amo a sensação dele tão perto, o calor de seu corpo e a maneira gentil como ele me segura. Seus beijos são perfeitos. Minhas mãos deslizam por suas costas nuas e gemo com a sensação de sua carne nua contra meus dedos.

Exploro todos os sulcos e vales que admirei em nossa noite de

núpcias e mergulho a ponta de um dedo naquelas pequenas reentrâncias que ele tem na base da espinha. Jacob geme e o maravilhoso estrondo corre pelas minhas terminações nervosas.

Esquecendo seu estado completamente nu, diminuo a distância entre nós. Seu comprimento endurecido empurra contra minha barriga, e ele engole meu suspiro. Continuo traçando desenhos em suas costas enquanto ele remove as mãos do meu rosto e começa sua própria exploração.

Dedos calejados dançam ao longo dos meus ombros, provocando as alças da minha blusa. Jacob quebra nosso beijo, mas seus lábios apenas se movem para um novo ponto ao longo da minha mandíbula. Ele mordisca e lambe um caminho até minha orelha, sua respiração fazendo cócegas na pele sensível. Meu pescoço recebe igual atenção focada. Inclino minha cabeça para o lado para lhe dar melhor acesso.

Estou inundada de excitação. Cada beijo, cada toque, levou a isso. Nunca imaginei que meu casamento pudesse ser assim. Estava com tanto medo de me perder na multidão. De passar despercebida. Mas Jacob sempre conseguiu me fazer sentir vista.

Uma nova confiança me preenche. Eu tinha sido muito tímida para pedir o que queria apenas alguns momentos atrás. Um marido forte precisa de uma esposa forte. Saio de seu abraço e travo os olhos com ele. Com dedos trêmulos, agarro a bainha do pijama e o puxo para cima e sobre a cabeça. Meu cabelo cai em cascata sobre um ombro. Fico nervosa, mas orgulhosa, na frente de Jacob, cujo olhar se desviou para baixo. Ele engole em seco. Seus olhos brilham com tanto calor que fico surpresa ao descobrir que não fui incinerada por ele.

— Eu sabia que seriam da cor de algodão-doce — murmura quase distraidamente, seu olhar continua me engolindo.

Ele se move para dar um passo à frente, mas coloco minha palma em seu peito para detê-lo. Uma onda de eletricidade sobe pelo meu braço, deixando arrepios em seu rastro. Tremo quando a faísca dança na minha nuca. Jacob olha interrogativamente para mim. Puxo minha mão para trás e, com uma explosão final de coragem, enfio os polegares no cóis do meu short. Meus quadris se mexem enquanto os deslizo e os empurro com o pé para juntar minha blusa no chão, deixando-me tão nua quanto meu lindo marido.

Meus lábios estão tão secos que os molhei. Corajosamente, fico com minha cabeça erguida e minhas mãos ao meu lado, deixando o olhar ardente de Jacob absorver tudo. Seus punhos estão cerrados perto de seus quadris, como se ele estivesse resistindo ao impulso de estender a mão para mim. Com pena dele, finalmente encurto a distância entre nós. Evito olhar para baixo. Em vez disso, faço o que queria fazer ontem à noite. Ficar na ponta dos pés, envolver meus braços em volta de seu pescoço e esfregar meus mamilos duros e doloridos contra seu peito.

— Estou pronta para aquele orgasmo que você me prometeu — digo em alto e bom som.



CAPÍTULO 23

Jacob

Putá merda. Não me lembro de ter estado tão excitado antes. Minha inocente e virgem esposa está me seduzindo completamente. A pequena gagueira de Brenna mais cedo sobre a palavra *durão* tinha sido adorável. Se não estivesse tão sintonizado com as palavras dela, poderia ter perdido. Ela se declarando minha esposa, por questão de orgulho, me deixou duro como pedra. Foi preciso muito mais controle do que eu jamais pensei que possuía para não varrer tudo da mesa da cozinha e tomá-la ali mesmo.

E aqui está ela, nua na minha frente, praticamente exigindo seu prazer. Neste caso, me curvo ao seu comando. Com cuidado, a levo para trás até chegarmos à cama. Eu a guio de costas e encaixo seu corpo dentro do meu. Há um pouco de nervosismo em sua expressão, mas não o medo que testemunhei em nossa noite de núpcias.

— Você é tão linda — digo, tirando o cabelo cor de fogo da testa de Brenna. Meu dedo traça o rosa que queima em suas bochechas.

— Você também. — Suas mãos delicadas acariciam o topo dos meus ombros. Ninguém nunca me chamou de lindo antes.

Mortal.

Frio.

Arrogante.

Essas palavras já foram usadas para me descrever.

Eu deito de lado. Os mamilos de Brenna são exatamente como os imaginei. Meu dedo desenha uma linha de sua bochecha até seu pescoço, e então em seu esterno antes de descansar na crista de um de seus montes macios.

— Sabe, foi nisso que pensei enquanto me acariciava no chuveiro — confesso enquanto traço meu dedo ao redor da borda externa de seu seio. Meu olhar se move para o rosto dela para ver sua reação. Seus olhos escureceram para quase preto. Seus lábios são vermelho rubi e pequenas marcas de dentes enfeitam a parte inferior.

— O que você estava fazendo com eles? — murmura.

— Estava pensando em como eles seriam doces na minha língua. Sobre como eu chupava seus mamilos atrevidos com tanta força que você sentiria a sua boceta apertada — minha voz está rouca de excitação.

Brenna choraminga, e seus olhos quase se fecham antes de travá-los de volta em mim. Seus pequenos gemidos ofegantes tornam difícil manter o controle.

Eu não me importaria se você perdesse o controle. Suas malditas palavras voltam para me insultar.

— Talvez você devesse descobrir se eles têm o gosto que você imaginou — ela sussurra docemente.

Isso é tudo o que preciso para meu controle de ferro desmoronar. Minha esposa me deixou de joelhos. Abaixo minha cabeça, e minha boca se fecha em torno de sua protuberância dura e empinada. Lambo com a minha língua e depois pego, segurando-o com força no céu da boca, e chupo.

Brenna geme e suas costas arqueiam para fora da cama. Seus dedos agarram meu cabelo e ela me puxa com força para ela, agarrando-me e segurando-me perto. Continuo chupando enquanto minha mão livre puxa seu outro seio, rolando-o entre o polegar e o indicador.

O aroma almiscarado de sua excitação enche o ar. Quando terminar com ela, nosso quarto vai cheirar a sexo. Cada vez que ela pisar aqui, vai se lembrar desta noite, da sensação da minha boca em seus seios e do meu pau dentro daquela boceta encharcada. Um gemido sai do meu peito com a imagem pairando em minha mente.

Uma pontada aguda de dor me traz de volta. As unhas de Brenna estão cravando em meu couro cabeludo, a dor apenas aumentando minha excitação. Meu pau está doendo, mas ela precisa estar pronta para mim. Mudo para o outro seio, dando-lhe o mesmo tratamento enquanto minha mão desce por sua barriga. Ela se contrai e arfa com uma respiração. Faço uma pausa por apenas um segundo, mas ela choraminga de novo, levantando um pouco os quadris. Tomando isso como encorajamento, deslizo os últimos centímetros para baixo.

Gemo com a maciez que encontro. Isso é o que eu queria. A boceta molhada e succulenta de Brenna. Sentir sua excitação contra a ponta dos meus dedos. Chupo seu mamilo com mais força e, em seguida, passo minha língua sobre ele. Meu dedo explorador alcança seu clitóris.

— É aqui que você se tocou? — pergunto, minha voz rouca. Ela morde o lábio inferior novamente e acena com a cabeça. Esfrego, devagar no começo.

— Mais rápido — Brenna implora. — Mais forte.

Mudo o ritmo, a pressão e, a cada combinação, observo seu rosto, ouço seus suspiros e gemidos, e logo encontro o ritmo que faz seu corpo se contorcer e querer mais. Suas expressões me mostram tudo, incluindo o segundo antes do êxtase completo tomar conta dela. Seus quadris saem da cama, um pequeno grito escapa, ela fica rígida e então treme.

Meu corpo cobre o dela e alinho meu pau em sua entrada, pequenos arrepios ainda vibrando por ela. Lentamente, com cuidado, entro. Ela é tão apertada que é um milagre eu não gozar. O suor cobre minha pele. Os olhos de Brenna se abrem e ela olha para mim. Eu paro de me mover.

— Serei o mais gentil que puder — sussurro contra sua boca, meus músculos quase tremendo com o esforço de não empurrar mais para dentro.

— Eu não quero gentileza. — Brenna balança a cabeça. — Não sou uma delicada estatueta de vidro que vai quebrar se você a segurar com muita força, Jacob. Nunca se segure comigo. Eu quero tudo que você pode me dar.

Suas palavras me inflamam, e com um único impulso, subo para cima, enterrando todo o meu comprimento dentro dela. Brenna se

encolhe e arfa. Congelo, forçando-me a ficar parado e deixar seu corpo se acostumar com a sensação de mim. Coloco beijos suaves em seu rosto — nariz, pálpebras, boca. Seus lábios se abrem para mim e sua pequena língua desliza na minha. Eu não faço nada além de beijá-la por vários minutos até que finalmente ela levanta os quadris uma fração.

— Eu me sinto tão preenchida — ela murmura contra meus lábios. — Faça amor comigo, por favor.

Meus quadris tensionam e começo a me mover. Lentamente a princípio, avaliando as reações de Brenna. Certificando-me de que ela não está com dor. Ela imita meus movimentos. A princípio ela é descoordenada, virginal, até que finalmente encontramos um ritmo correspondente. Ela encontra cada impulso com um próprio. Suas pernas envolvem minha cintura e seus pés cavam em minha bunda tentando me puxar cada vez mais fundo.

— Mais — implora.

Colo minha boca na dela, empurrando minha língua para dentro. Não há sutileza no beijo. É pura necessidade. Eu cronometrei as estocadas da minha língua com cada estocada do meu pau dentro dela. É uma dança sincronizada que Brenna já se adaptou em tão pouco tempo. Como se estivéssemos praticando mil noites assim. Ela combina comigo perfeitamente. Nenhum de nós se conteve.

Nossos movimentos ficam frenéticos, carentes, nós dois querendo chegar ao pico juntos. Eu aperto seus pulsos juntos acima de sua cabeça, e suas costas arqueiam, empurrando seus mamilos duros em meu peito. Apalpo um e aumento a força de minhas estocadas. Nossos gemidos e grunhidos — gemidos e choramingos — enchem o ar ao nosso redor.

Como prometido, o cheiro almiscarado de sexo flutua pelo meu nariz. Nós dois estamos escorregadios com suor e umidade pingando de nossos corpos. É bagunçado e sujo. Com minha mão livre, alcanço entre nós e encontro o clitóris de Brenna.

— Grite meu nome — rosno contra sua boca. Cada instinto básico que tenho quer mostrar ao mundo que esta mulher é minha. Eu quero seus gritos, seu prazer, sua dor. Eu quero tudo dela também.

Enfio meu pau com força nela.

— Jacob — choraminga.

Não está bom o suficiente. Estoco nela de novo e de novo, meus

dedos esfregando seu clitóris da maneira que lhe deu mais prazer.

— Mais alto — comando.

— Jacob! — ela grita, o nome quase irreconhecível.

Sua boceta aperta com força, todo o seu corpo congela, e seus calcanhares cavam em mim. Tenho certeza que minha bunda vai sentir isso pela manhã. Minhas bolas apertam, e eu só tenho que empurrar mais algumas vezes até me juntar a Brenna em êxtase. Eu rujo em seu pescoço durante meu orgasmo.

Quase desmorono em cima dela, tomando cuidado com meu peso. Meu aperto em seus pulsos afrouxa, e suas mãos vão para a minha cintura. Seus dedos agarram meus lados. Eu me mexo um pouco para ficar mais confortável, e suas pernas apertam ao meu redor.

— Não vá ainda — diz com a voz rouca.

Levantando em meus cotovelos, olho para ela. Nossos olhos se encontram e se fixam. Um sorriso satisfeito ilumina seu rosto. Me inclino e pretendo apenas roçar meus lábios nos dela. Em vez disso, ela se abre para mim e deslizo minha língua. Nós nos beijamos até ficarmos sem fôlego, meus quadris flexionando algumas vezes com estocadas rasas. Pequenos tremores vibram por sua boceta.

Eu saio e rolo de cima dela.

— Volto já.

No banheiro, molho um pano com água morna. Olho para o meu pau, coberto por uma mistura de gozo e sangue. Depois de me lavar rapidamente, entro e atendo Brenna, que ainda está deitada na cama, mas conseguiu se cobrir com o lençol, cobrindo sua nudez. Seu corpo está vermelho e ela pega o pano, mas eu balanço minha cabeça.

— Deixe-me fazer isso. — Gentilmente, puxo as cobertas e a limpo. Volto para o banheiro para me livrar da toalha e depois volto para minha esposa. Deslizo para a cama e a puxo para o meu lado, precisando sentir seu corpo macio e exuberante ao lado do meu. Com um suspiro satisfeito, ela se aconchega contra mim, jogando a perna sobre a minha e passando o braço sobre o meu peito.

— Adoro acordar todas as manhãs assim. Com você agarrada a mim — admito.

— Sua sorte que sou carinhosa, então — ela brinca ao meu lado, sua respiração fazendo cócegas na minha pele.

— Sou sortudo de várias maneiras.

Brenna inclina a cabeça para cima para encontrar meu olhar.
— Eu também.



— Eu gosto desta. É bonita. Tem algum significado especial? —
ela pergunta baixinho no quarto escuro. Seu dedo traça a coroa tatuada em meu peito.

— A linhagem da minha família remonta à Casa Savoia. Eles eram a monarquia que governou a Itália até meados dos anos 1940, quando foram depostos. Meu avô decidiu fugir da Itália e fazer um novo lar na América. Ele se estabeleceu aqui em Nova York e começou o que hoje é o sindicato do Brooklyn. Como somos descendentes de reis, ele achou apropriado que usássemos uma coroa.

— Isso não me surpreende. Você se comporta como um rei. Eu pensei isso desde o dia do nosso casamento. Como você parecia imperial, parado ao lado do padre. Perguntei à minha mãe sobre você, e ela mencionou os rumores de que as pessoas chamam sua família de “os Reis do Brooklyn” — ela quase sussurra como se mantivesse um segredo apenas entre nós dois.

Concordo com a cabeça, já ouvi o mesmo boato. Acabamos adotando o apelido para nós mesmos, porque o nome traz medo.

— Cada membro iniciado na família jura lealdade. Eles receberam essa tatuagem, que é seu juramento de sangue. Qualquer um que for pego nos traindo tem sua tatuagem removida antes de enterrá-lo.

Brenna engole em meu peito e seu dedo para de se mover.

— Como isso é removido?

Inclino minha cabeça para olhar para ela. Ela levanta a cabeça para encontrar meus olhos.

— Nós queimamos. — Seus olhos se arregalam um pouco antes de ela se recompor. Ela se abaixa para descansar em meu peito, e o silêncio se estende entre nós. Tenho certeza de que parece brutal para ela, mas quebrar o vínculo de lealdade é a pior ofensa que qualquer membro da organização pode cometer. Confiança e honra são tudo.

— Você já queimou alguém antes? — sua voz é suave, quase hesitante, como se ela não quisesse saber a resposta, mas não pudesse

conter sua curiosidade. Em nossa noite de núpcias, ela pediu honestidade e nunca menti para ela. Não vou começar agora.

— Sim.

— Eles devem ter merecido, então — diz, me surpreendendo.

Violência e brutalidade é o nosso modo de vida. Eu posso entender a mãe de Brenna querendo protegê-la disso. Mas ela não deu a filha, ou a qualquer uma de suas filhas, crédito suficiente. Minha esposa é muito mais forte do que as pessoas pensam. Até eu.

— Posso fazer outra pergunta?

— Você sempre pode perguntar e farei o possível para responder — digo a ela.

Ela respira fundo como se estivesse tentando criar coragem. Ela achar que precisa de coragem me preocupa.

— A quem pertence o perfume?

Uma dor surda e dolorosa atinge meu peito. A imagem de lençóis manchados de sangue surge em minha mente. O olhar opaco e sem vida. Quase me ressinto de Brenna por trazer as memórias em vez de mantê-las enterradas onde elas pertencem. Estou tentando seguir em frente com minha vida. Com meu casamento. Lembrar o que já foi dói em nós dois.

— Jacob?

Pisco de volta ao presente. Brenna está sentada, o lençol cobrindo seus seios e bem dobrado sob seus braços. Sua expressão está cheia de preocupação com uma pitada de medo. Meu olhar se desvia para o teto e para longe da dor que logo se juntará a eles.

— O nome dela era Elizabeth, mas eu a chamava de Ellie. Ela era — engulo a dor —, minha esposa.

Um “*ah, Deus*” gutural salga o ar.

— Ninguém sabia — continuo —, ainda não. Estávamos casados há apenas alguns dias quando Francesca foi levada. Pierce e eu passamos os cinco dias seguintes desesperados para descobrir onde ela estava presa. Finalmente a encontramos e massacraramos todos os russos do complexo. Então queimamos tudo até o chão.

Ainda posso ver as chamas vermelhas e alaranjadas dançando contra o céu negro como tinta; cada centelha sendo cusvida do fogo. O crepitar da madeira, antes do telhado desabar, ainda ecoa em meus ouvidos. O cheiro de gasolina permanece em meu nariz.

— Tínhamos planejado contar a meu pai sobre o casamento na semana seguinte. Começar a apresentá-la formalmente às famílias. Estávamos esperando, por respeito a Francesca. Pierce estava ocupado cuidando dela, já que sua mãe inútil não se incomodava com todo o drama; palavras dela. Uma noite, Ellie quis sorvete. Havia uma pequena mercearia a dois quarteirões de nossa cobertura. — Faço uma pausa, tentando não me lembrar, mas não consigo. — Eu só fiquei fora por trinta minutos. Meia hora para nossos inimigos tirarem tudo o que me importava.

Mãos macias e quentes agarram-se firmemente às minhas. Minha cabeça vira para o lado. Lágrimas correm pelo rosto de Brenna.

— Ah, Jacob, eu sinto muito, muito mesmo — ela arfa.

A dor permanece, mas parte de seu peso esmagador parece ter diminuído. Como se eu pudesse respirar um pouco mais facilmente. Não me sinto tão sufocado. *É por causa dessa mulher ao meu lado?* Eu a puxo para mim. Suas lágrimas lavam meu peito como se estivessem limpando a dor do meu coração. Meu braço aperta ao redor dela.

— Foi quando você saiu do Brooklyn? — Brenna pergunta quando seus olhos finalmente secam.

— Sim. Pierce se recusou a me deixar ir sozinho. Ele e eu somos inseparáveis, desde crianças. Assim que ele se certificou de que havia alguém para ajudar Francesca, nós partimos.

— Ela disse que você foi para a Carolina do Norte. Por que lá?

— É de onde Ellie era. Ela sempre falou com carinho da pequena cidade em que cresceu.

— Você deve se ressentir de mim e de nosso casamento, então.

— No começo, sim. Mas mais porque fui empurrado para isso como uma forma de provar minha lealdade à organização após minha longa ausência. Sempre soube que precisaria me casar de novo. Ter filhos. Apenas presumi que escolheria alguém da família. — Meus dedos acariciam seu quadril. — Não estou desapontado com a escolha que foi feita para mim.

Brenna inclina o queixo e olha para mim. Ela passa a ponta do dedo pelo meu lábio inferior.

— Também não estou.



CAPÍTULO 24

Brenna

— Você está bem? — pergunto a Gio. Ele está nervoso desde que disse a ele que viríamos para cá.

Ele lança um olhar em minha direção.

— Estou bem.

Eu o estudo, mas ele ignora meu olhar e volta seu foco para a porta à nossa frente. A tensão em seu corpo é óbvia. Antes que possa questioná-lo, ela se abre.

— Olá. Entre — Francesca me cumprimenta, seus olhos disparando para Gio e depois de volta para mim. O sorriso em seu rosto vacila por um segundo, mas depois volta. Meu olhar salta entre os dois. Ela dá um passo para trás e entro no apartamento. Meu guarda-costas me segue.

Olho ao redor. É muito diferente da minha casa e de Jacob. Eu não diria que é sombria, mas há uma... qualidade ascética nela. Como se estivesse seguindo as dicas de Pierce, Giovanni se posiciona contra uma parede distante. Presente, mas tentando permanecer discreto. Mentalmente guardo a tensão estranha entre os dois para analisar mais tarde e me viro para minha anfitriã.

— Não é uma tábua de frios, mas acho que ainda vamos gostar — digo, entregando a ela a garrafa de vinho que trouxe de presente.

Seu sorriso amigável é genuíno e não mais tenso.

— Absolutamente. Por que não vamos até a cozinha e eu abro essa coisa?

Eu a sigo até a próxima sala e, enquanto ela pega algumas taças de vinho de um armário, eu me sento em um dos bancos do bar.

— Estou tão feliz que você me convidou. Jacob disse que chegaria tarde esta noite, e não queria ficar em casa sozinha, preocupada com ele. Especialmente depois da última vez — digo. — Pelo menos aqui, poderei me manter ocupada.

Francesca serve uma taça e a traz para mim.

— O que aconteceu da última vez?

Então me ocorre que talvez este não seja um tópico que eu deva discutir. Como a gafe que cometi ao abraçar Carmella. Não, não estou seguindo nenhuma regra não escrita. Eu sou Brenna Ricci. Farei minhas próprias regras.

— Ele voltou para casa com um ferimento de bala que tive que limpar — respondo. — Tenho vergonha de admitir que quase desmaiei.

Francesca ri. Ela tem sua própria taça cheia e eu tomo um gole da minha. É delicioso. Frutado, mas não muito doce.

— Pierce já voltou para casa com sangue nas roupas antes, mas sempre foi cuidadoso antes de chegar aqui. Nunca precisei prestar primeiros socorros. Se tivesse, provavelmente seria como você. Não sou fã de sangue — estremece.

— Por mais que meus irmãos e meu pai tenham voltado para casa dessa maneira, parece ser apenas uma parte da vida que vivemos. O que significa que é algo com o qual terei que me acostumar, mesmo que não queira.

— Sim, a violência é o nosso estilo de vida. — Os olhos de Francesca parecem distantes por um momento, mas ela parece se livrar disso. — Por que não ficamos confortáveis na sala de estar, e você pode me contar mais sobre você. Não tivemos a chance de realmente conversar no dia do seu casamento. A propósito, sinto muito por ter perdido isso.

Nós nos acomodamos no sofá.

— Honestamente, você não perdeu muito. Não foi o mais feliz dos dias.

Ela me examina.

— Acho que mudou?

Minhas bochechas esquentam um pouco, mas eu sorrio.

— Meu casamento está indo bem.

— Estou feliz. Você parece muito mais feliz do que da primeira vez que te vi.

— Estou.

A expressão de Francesca muda ligeiramente. Ela lança um rápido olhar na direção de Gio e chega um pouco mais perto.

— Tenho uma confissão a fazer — sua voz é suave. — Não é algo de que me orgulhe, especialmente vendo como você está feliz e, pelo que ouvi, como Jacob está feliz. — Meus sentimentos são misturados por suas palavras. Saber que Jacob está feliz mexe comigo.

Mas essa suposta confissão me deixa nervosa.

— Tudo bem. Seja o que for, tenho certeza que vou entender — a tranquilizo. Espero não estar prometendo muito.

Seu sorriso é um pouco triste.

— Nada me deixa mais feliz do que saber que Jacob vai se casar com você. Não porque pensei que ele precisava de uma esposa, mas porque seu casamento significava que tínhamos mais forças para destruir os russos — Francesca zomba a última palavra. A raiva repentina pulsa nela como uma luz estroboscópica.

Rápida. Cega. Frenética.

Tento não levar as palavras dela para o lado pessoal. Mas um lampejo de mágoa deve ter atravessado meu rosto, porque ela corre para acalmar meu orgulho ferido.

— Desculpe. Isso não saiu exatamente certo.

Eu ignoro suas palavras.

— Acho que entendo. Antes do meu casamento, minha mãe me contou sobre os rumores de que Jacob e Pierce mataram os russos que levaram sua prima mais novo. Era você, não era? — Quase desejo não ter dito nada. O corpo de Francesca fica rígido. Seus olhos ficam desfocados e ela olha para o nada.

— Eu tinha dezoito anos — ela começa. — Tão jovem e, no entanto, pensei que sabia tudo. Eu estava sufocando, morando com minha mãe. Você não a conhece, mas ela é amarga e odiosa.

É tão difícil para mim imaginar minha mãe sendo outra coisa senão a mulher gentil e amorosa que ela é.

— Nós tivemos uma discussão particularmente desagradável uma noite. Deus! — ela expele em uma rajada de ar. — Eu nem me lembro do que se tratava agora. Fosse o que fosse, eu estava com tanta raiva. Saí de casa. Cesare, meu pobre guarda-costas, me seguiu, é claro. Fiz com que ele me levasse a algum clube da cidade. Duas de minhas amigas me encontraram lá. Bebemos e dançamos por horas. Fui ao banheiro e essa foi a última coisa de que me lembro até acordar, amarrada e nua, em algum quarto.

Os olhos de Francesca se fecham e há uma expressão de tanta angústia em seu rosto que posso sentir a dor irradiando dela. Giovanni emite um rosnado baixo de seu lugar na parede oposta.

— O primeiro homem veio logo depois que acordei. Parei de contar depois disso. Pierce me disse que estive fora por cinco dias antes que ele e Jacob me encontrassem.

A umidade atinge meu braço. Olho para baixo e uma gota desliza para fora dele. Não é vinho. Enxugo as lágrimas do meu rosto. Horror diferente de nenhum outro me preenche na história de Francesca. Não é de admirar que ela odeie tanto os russos. Também explica a reação dela a Gio quando ele entregou minhas coisas em nossa casa e quando chegamos aqui. Meu coração dói pelo que minha amiga passou.

— Eu sinto muito — minhas palavras são inúteis. Elas são algo que as pessoas dizem para preencher aquele espaço estranho. Não retira o que aconteceu com ela. Não diminui a dor dela.

— Não, sou eu que sinto muito. Tenho certeza de que você nunca esperou que eu despejasse isso em você — diz timidamente. — Você provavelmente nunca mais vai querer sair comigo, com medo de que eu conte alguma história mais desconfortavelmente dolorosa para você.

Estendo a mão para ela.

— De jeito nenhum. Estou feliz que você me disse. Isso significa que, no futuro, se eu tiver algo realmente pesado com quem precisar compartilhar, não terei medo de falar com você sobre isso. Nunca tive amigas antes. Apenas minha irmã de quinze anos. E, bem, certamente não posso compartilhar coisas adultas com ela. Especialmente sobre o sindicato.

Francesca cede em alívio.

— Ainda assim, deve ser bom ter uma irmã. Não que eu não ame

Pierce. Ele fez muito por mim e provavelmente é o melhor irmão que alguém poderia ter. Mas ele não é realmente alguém com quem eu possa compartilhar meus pensamentos mais íntimos, sabe?

— Eu mesma tenho três irmãos e os amo muito, mas admito que na maioria das vezes quero matá-los. Exceto Jack. Ele é o mais velho e o melhor de todos eles.

— Uau, não consigo imaginar ter quatro irmãos. Vocês têm idades próximas? — pergunta.

— Jack tem vinte e seis anos e o próximo é Padraig, ou Paddy, meu irmão gêmeo com vinte e quatro. Nathan tem dezoito anos, seguido por Caitlín, de quinze, mas que parece ter trinta.

— Ah, céus.

Eu não posso deixar de rir.

— Você não tem ideia.

Pelas próximas horas, eu delicio Francesca com histórias das escapadas de Caitlín e como ela atormenta nossos irmãos, enquanto ela compartilha algumas das travessuras em que se meteu quando era jovem. Terminamos a garrafa de vinho no momento em que meu telefone toca.

— É melhor eu atender isso. — Pego minha bolsa e quase caio do sofá. Estou rindo histericamente enquanto respondo. — Alô?

— *Você está bêbada?* — a voz de Jacob está cheia de diversão.

— Não — respondo com um tom alto, seguido por um soluço. — Ok, talvez um pouco bêbada. Ou talvez muito embriagada.

— *Quanto você bebeu?*

— Apenas algumas taças de vinho.

Ele ri.

— *Vou me certificar de ter uma aspirina e um copo de água quando você chegar em casa. Presumo que será em breve? Ou você está planejando uma festa do pijama?*

— Eu nunca estive em uma desses antes. — Me ilumino com a ideia, mas então minha expressão cai. — Mas isso significa que não poderei abraçar você.

— *Francesca está perto de você?*

Fico confusa.

— Sim, por quê?

— *Vá para o cômodo ao lado* — sua voz está rouca.

Com muito menos graça do que o normal, tropeço um pouco ao sair do sofá, mas me levanto. Eu me viro para Francesca.

— Eu volto já.

Entro lentamente na cozinha e me inclino sobre o balcão.

— Ok, estou aqui.

— *Você se lembra do que aconteceu na última vez que você bebeu demais?* — Jacob pergunta.

— Ummm... — aperto os olhos tentando me lembrar. — Eu sei que fiquei com uma dor de cabeça de matar.

— *O que mais?* — sua voz sai baixa.

Ahhh. As peças finalmente se encaixam dentro do meu cérebro banhado em vinho.

— Eu pedi para você me dar um orgasmo — sussurro de volta para ele, me encontrando um pouco mais sóbria do que eu estava alguns minutos atrás.

— *Eu acho que “exigiu” é o mais próximo da realidade.*

— Bem, você tem sido muito mesquinho com eles — falo.

— *Algo que acredito ter mais do que compensado desde então.*

— Talvez — admito.

— *Estou com vontade de dar à minha esposa vários outros. No entanto, para que isso aconteça, preciso que ela esteja sóbria. Aqui. Comigo.*

Eu me levanto.

— Se Giovanni e eu sairmos nos próximos cinco minutos, tenho certeza de que, quando chegarmos em casa, estarei totalmente sóbria e com um humor altamente favorável para receber aqueles orgasmos múltiplos — respondo com a voz rouca.

— *Estarei esperando.* — A chamada termina.

Com vertiginosa expectativa, corro de volta para a sala onde Francesca está sentada.

— Era Jacob. Ele está em casa. Presumo que isso signifique que Pierce está voltando para cá.

Ela balança a cabeça.

— Duvido. Sempre que ele e Jacob têm negócios sindicais tão tarde, ele geralmente vai para a casa de sua amante. Eu não vou vê-lo até amanhã em algum momento. Tenho certeza de que seu marido está ansioso para tê-la em casa, no entanto.

Arquivo esse boato sobre Pierce.

— Sim, ele perguntou se eu chegaria em breve. — Tento não rir do meu trocadilho não intencional.

— Você provavelmente deveria ir, então. Eu não quero que ele se preocupe. Muito obrigada por ter vindo. Eu me diverti muito. Nós definitivamente precisamos fazer isso de novo. — Ela se levanta do sofá e me puxa para um abraço.

— Concordo.

Giovanni se endireita e caminha em nossa direção. Francesca começa a recuar, mas se mantém firme. Os olhos dela movem-se para ele e depois desviam-se rapidamente. Ele passa por nós, mas não olha na direção dela. Mágoa aparece em seu rosto. Ela e eu nos despedimos.

É uma viagem tranquila na volta para a casa. *Muito* tranquila.

— Francesca é legal — digo casualmente.

Gio grunhe evasivamente.

— Eu vejo os olhares que vocês dois trocam.

— Deixe isso pra lá, Brenna — resmunga.

Eu deixo. Temporariamente. Nós finalmente paramos em frente ao nosso prédio. Ele se move para sair.

— Posso seguir sozinha daqui, Gio. — Meu guarda-costas está levando seu trabalho a sério. — Duvido que aconteça alguma coisa entre aqui e a porta da frente.

Ele se vira e olha para o banco de trás.

— Você e eu sabemos que o sr. Ricci me mataria se não me certificasse de que você chegasse em segurança em casa.

Reviro os olhos.

— Não seja tão dramático. Ele dificilmente mataria você.

O olhar que ele me lança diz que não conheço meu marido o suficiente. Solto um suspiro de derrota. Ele sai do veículo e abre a porta para mim.

— Então, acho que conversaremos sobre Francesca enquanto caminhamos.

Ele geme.

— Não há nada para falar.

Ele está em completa negação. Não sei o que está acontecendo entre os dois, mas é definitivamente alguma coisa. Entramos no elevador.

— Você gosta dela? — pergunto.

— Não importa se eu gosto dela ou não — diz desanimado.

— Por que não?

— Há muitas razões. — Ele levanta a mão. — Antes que você pergunte, e correndo o risco de ser demitido ou assassinado por seu marido, estou lhe dizendo agora, elas não são da sua conta.

Estremeço. Giovanni tem razão.

— Peço desculpas. Suas razões são suas.

— Obrigado — diz.

O elevador apita. Pego minhas chaves na minha bolsa enquanto caminhamos para a porta. Antes de alcançá-la, Jacob a abre vestindo nada além de sua cueca boxer. Explosões de excitação e todos os pensamentos de qualquer coisa, exceto orgasmos, se afastam.

Aceno por cima do ombro enquanto meu marido me arrasta para dentro da casa.

— Boa noite, Gio.

A porta bate antes que ele possa responder.



CAPÍTULO 25

Jacob

Brenna e eu passamos o dia fazendo amor, parando de vez em quando para comer e conversar. contei a ela sobre minha mãe e como ela sempre disse que eu poderia fazer o que quisesse da vida. Não precisava ser apenas sobre a família — o sindicato. Acho que ela temia meu pai e nunca falou de uma vida diferente para mim na presença dele. Só quando estávamos somente nós dois. Confessei que brevemente pensei em pegar Ellie e deixar o Brooklyn e a organização para trás.

— Você tem que ir? — Brenna pergunta.

Termino de abotoar o paletó e abaixo as mangas da camisa antes de me virar para ela. A tentação teria sido grande demais, caso contrário. Ela está sentada na cama, o cabelo comprido e bagunçado sobre os ombros. O lençol está enfiado debaixo dos braços. Minha esposa tem a aparência de alguém que foi completamente fodida. Especialmente com os lábios inchados pelos beijos fazendo beicinho para mim.

Com apenas alguns passos, atravesso o quarto para ficar de pé sobre ela. Agarro seu cabelo e junto minha boca com a dela, enfiando minha língua entre seus lábios, arrebatando-a. Brenna duela comigo, dando tanto quanto recebe. Seus dedos agarram meus antebraços e o

lençol cai com seu movimento. Apalpo seu seio nu, amassando a carne macia. Ela geme em minha boca. O som me lembra que tenho que parar.

Quebro nosso beijo e descanso minha testa contra a dela.

— Pierce e eu temos negócios para cuidar.

Brenna suspira, mas concorda. Preciso me esforçar para me afastar. Olho para ela. Um sorriso diabólico aparece em seu rosto.

— Acho que enquanto você está cuidando dos seus negócios, vou ficar aqui e cuidar dos meus. — Ela se inclina para trás e segura os seios, apertando-os antes de beliscar os mamilos.

Meus punhos cerram ao meu lado. Esta mulher é uma sereia, atraindo os homens para a morte. Antes que eu mande tudo pro inferno, me forço a me virar. Ela faz aquele barulho que me deixa louco.

— Você é uma mulher rancorosa e má, Brenna Ricci — digo por cima do ombro. Sua risada me segue escada abaixo.

Pierce e Giovanni estão esperando por mim lá fora. Está quase anoitecendo. Chegou a hora da vingança. Eu estudo o jovem que silenciosa e lentamente vem ganhando mais responsabilidades. Posso imaginá-lo sendo promovido a capitão em algum momento no futuro. Se ele aspirar a isso. Alguns homens preferem o papel de soldado. Meu primo não disse o que o faz confiar em Gio, especialmente com a segurança de minha esposa, mas não vou questionar a menos que seja necessário.

— Cavalheiros — eu os cumprimento antes de nós três entrarmos no carro.

Pierce enfia a mão no minibar e se serve de um copo de uísque. Ao contrário de mim, ele gosta daquela sensação de calor que a bebida lhe dá antes de um encontro com nossos capitães. Ele diz que isso ajuda a tirar a lâmina afiada de sua raiva. A única vez que ele não bebe é quando temos convidados dentro de nossa sala privada sob o armazém. Então ele deixa a raiva assumir o controle. É quase como se fosse uma entidade separada dentro dele. Seu ódio pelos russos é quase tão grande quanto o meu.

Finalmente, chegamos ao local. Giovanni buzina uma única vez. Em instantes, entramos e a porta se fecha atrás de nós. Apenas uma única luz está acesa no interior, lançando um brilho pálido ao redor do recinto. Caminhamos pela loja abandonada. Pierce bate na porta quase invisível contra a parede dos fundos. A fechadura é desengatada e abre.

Nós três entramos antes de fechar.

Olho ao redor da sala, contando os presentes. Meu pai está ausente. Em seu lugar está Paulie, que se acomoda muito confortavelmente no assento destinado a mim. Ele se levanta e dá a volta para ficar com o resto dos capitães. Meu pai governava atrás daquela mesa. Não é o meu jeito. Para a maioria desses homens, ainda tenho algo a provar. Uma ausência de sete anos não pode ser esquecida em apenas algumas semanas.

— Boa noite, senhores — eu os saúdo. Meus olhos pousam em um homem na parte de trás. Ele também foi baleado durante nosso encontro com os russos na outra noite. — Estou grato por ver que você está bem, Dino. — Ele acena com a cabeça em apreciação. — Como vocês sabem, capturamos dois de nossos inimigos durante o trâmite de armas. Pierce e eu os interrogamos. — Contorno os homens, olhando-os nos olhos ao passar. Como se eu estivesse falando diretamente com eles. Só porque sou o chefe não significa que não seja um deles. — Conseguimos localizar os dois homens responsáveis pela morte de Umberto Benetti. Após esta reunião, vamos invadir seu esconderijo. Forneceremos a vingança que sua viúva, Carmella, merece.

— Como você sabe que as informações deles estão corretas? Que não é uma armadilha? Você estaria arriscando a vida de nossos homens.

Casualmente, vou até a frente de onde vieram as perguntas. Nem um único lampejo de emoção cruza meu rosto. Paulie está de pé, sem medo e sem arrependimento, perto da mesa de meu pai. Eu diminuo a distância entre nós até que estejamos quase frente a frente.

— Todos os dias os russos pensam que podem invadir nosso território, a vida de *meus* homens está em risco. Cada negócio que nossos inimigos acham que é seu direito roubar arrisca a vida de *meus* homens. Eu não desvalorizo a vida de nenhum dos *meus* homens — digo, rispido. — Também não corro riscos desnecessários com eles. Não aposto nos membros da minha família como se estivesse jogando algum jogo. — Me viro para os homens do sindicato e examino os rostos de cada um. — Cada decisão que tomo é em benefício desta organização. Desta família. Assim como meu pai fez, e meu avô antes dele. — Bato meu punho sobre a tinta no meu peito. — Como vocês, fiz um juramento... um voto... e prometi minha lealdade ao sindicato.

O respeito em seus rostos é evidente. Giro de volta para Paulie. Meu olhar trava no dele.

— Não encaro esse juramento levianamente, apesar do que alguns de vocês possam pensar.

Ele quebra o contato visual primeiro. Os capitães se dispersam um por um, até que apenas o ex-*consigliere* de meu pai, Pierce, e eu permanecemos. Eu me movo para sair também.

Paulie segura meu braço. Meus olhos se movem de onde sua mão descansa de volta para seu rosto. Não digo nada.

Ele rapidamente me solta.

— Não estou questionando seu comando, Emilio — diz. — Eu faria essas mesmas perguntas ao seu pai. Faz parte do meu trabalho como *consigliere* garantir que todos os ângulos sejam considerados. Cada risco avaliado.

— Você parece estar esquecendo uma coisa, Paulie. Você não é mais *consigliere*. — Viro as costas para ele em sinal de dispensa e saio da sala. Pierce segue apenas dois passos atrás de mim. A fúria queima minhas entranhas. O fato de o segundo de meu pai questionar minhas decisões na frente de meus homens equivale a uma traição.

Giovanni espera ao lado do carro. Mais uma vez, nos acomodamos. Deixamos a oficina a caminho do destino final da noite antes de podermos voltar para casa. Vários veículos param atrás de nós.

O ar é denso e cheio de intensidade violenta.

— Esta noite, Umberto Benetti será vingado — digo a Pierce.

Ele abre um compartimento escondido. Dentro estão armas e pentes. Nós dois pegamos o que precisamos. Verifico minhas armas e munições. Meu primo faz o mesmo.

— O que você planeja fazer sobre Paulie? — ele pergunta.

Na verdade, ainda não decidi.

— Vamos nos concentrar na tarefa que temos pela frente. Vou pensar sobre isso depois.

Chegamos ao nosso destino. Os homens saem de seus veículos e se movem para me dar cobertura. Olho para o prédio à nossa frente.

— O que fazemos agora? — Giovanni pergunta.

— Matamos todos lá dentro.



CAPÍTULO 26

Brenna

Encaro meu reflexo no espelho. Não posso deixar de comparar a mulher olhando para mim com a de apenas uma semana atrás. Ela é diferente. O cabelo ruivo brilhante flui suavemente ao redor dos ombros, as pontas ondulando em direções aleatórias. Sua pele brilha. Suas bochechas estão rosadas sem a necessidade de qualquer tonalidade artificial. Um ousado batom cor de ameixa colore seus lábios. Mais importante ainda, há um brilho de felicidade em seus olhos.

— Você está deslumbrante.

Me viro e a perco de vista. Em vez disso, como com os olhos o meu lindo marido parado na porta do banheiro. O poder irradia de sua estrutura coberta por um terno cor de carvão. Molda-se perfeitamente aos seus ombros largos e braços musculosos e afunila na cintura. Um vinco afiado corre no meio de cada perna da calça.

Meu olhar lentamente viaja de volta para cima, parando na protuberância proeminente entre suas pernas que seu paletó não consegue esconder, antes de continuar em seu caminho até alcançar os olhos de Jacob. Eles piscam com o calor. Eu diminuo a distância entre nós.

— Você também não está nada mal — digo, endireitando sua gravata já reta como uma desculpa para tocá-lo. Não que eu precise de

uma. Desde que fizemos amor, é como se eu não pudesse parar. Eu amo tocá-lo. Houve uma mudança notável em nosso relacionamento. Ele está em casa com mais frequência, embora ele e Pierce ainda tenham reuniões frequentes, como aquela para a qual estamos indo. Felizmente, ele não foi baleado novamente.

— Eu ainda não tenho certeza se você vir é uma boa ideia.

— Por que não? — Meus lábios se curvam em um beicinho.

O braço de Jacob agarra minha cintura e ele me puxa contra ele.

— Porque eu não quero que outros homens vejam você tão sexy assim. — Sua mão livre desliza pela minha coxa e sob a bainha do meu vestido ousadamente curto, que sobe com seu movimento. Ele acaricia minha nádega e minha respiração falha com a proximidade de seus dedos do meu centro latejante. Minhas mãos vão para seu peito para me firmar.

Seu polegar dança em minha pele, e inconscientemente abro minhas pernas uma fração. As narinas de Jacob dilatam como se sentissem o cheiro da minha excitação.

— Agora você entende do que estou falando? — rosna. — Todos os homens lá estarão admirando você. Querendo saber o que você está vestindo sob este vestido. Querendo tocar em você.

Ele pontua isso deslizando os dedos entre minhas pernas abertas. Desliza um por baixo da borda da minha calcinha e a esfrega ao longo da minha fenda, cobrindo-a com a umidade que só ele pode tirar de mim. Meus olhos se fecham com um gemido e inclino minha pélvis para lhe dar melhor acesso.

— Eles vão estar imaginando essa linda boceta — continua antes de mergulhar a ponta do dedo dentro de mim. — Desejando que eles pudessem lambê-la. Experimentá-la. Saborear seu sabor almiscarado.

Ele pinta a imagem vividamente dentro da minha cabeça, mas a única pessoa que eu quero me tocando — me provando — é ele.

— Mas essa será a ruína deles. — Jacob lentamente empurra o único dedo todo o caminho antes de arrastá-lo para fora. Ele desliza novamente, adicionando um segundo, antes de aumentar o ritmo.

— Por favor — imploro. Meus punhos apertam seu blazer enquanto a fricção de seus dedos aumenta.

— Porque se alguém se atreve a tocar em você — ele rosna em

meu ouvido enquanto sua outra mão desliza para baixo na frente da minha calcinha, encontrando meu clitóris —, eu o mataria.

Jacob morde o lóbulo da minha orelha. Sua ameaça violenta e a pontada de dor somadas ao prazer me derrubam do penhasco. Eu caio em queda livre, sabendo que meu marido estará lá para me segurar. Grito e desabo contra seu peito enquanto estremeço com a minha liberação. Lentamente, ele remove os dedos de mim. Nossos olhos se encontram e ele leva os dedos molhados e brilhantes à boca, lambendo meu sabor deles.

— Você estava falando sério? — pergunto em um sussurro.

— Sobre o quê?

— Que você mataria qualquer um que me tocasse? — Eu deveria estar horrorizada com o pensamento, mas não.

— Você é minha esposa. Eu queimaria o mundo por você.



O passeio pelo Brooklyn é tranquilo e confortável. Minha excitação aumenta quanto mais nos aproximamos. Meu pé já está batendo levemente. Imagino a fila de pessoas do lado de fora disputando uma chance de entrar no clube exclusivo. Até eu, que vivi quase como um eremita, já ouvi falar do Divine. Só não tinha ideia de que o sindicato italiano era o dono.

Em pouco tempo, Gio chega ao clube. A frente é uma parede texturizada preta com dois conjuntos de portas duplas fechadas, um homem de terno parado na frente, à esquerda. Em luzes de néon roxas brilhantes centradas acima deles, está o nome do clube, Divine. Naturalmente, uma fila é formada ao longo do prédio e na rua, enjaulada atrás de uma barricada de metal na altura da cintura.

Contenho minha vertigem. Não há necessidade de agir sem sofisticação ao lado do meu marido. Não quero envergonhá-lo. Esta é uma reunião importante.

A porta se abre e Jacob sai. Ele abotoa o paletó e ajeita as mangas. Uma aura de confiança o envolve. Estende a mão para mim. Estou duvidando da minha decisão de usar este vestido, já que é preciso algumas manobras sofisticadas para não mostrar minhas partes femininas quando balanço minhas pernas para fora. Um carro

combinando estaciona atrás do nosso, e Pierce sai do banco de trás. Jacob enfia meu braço sob o dele e caminhamos em direção ao atendente.

— Sr. Ricci. Sra. Ricci — ele nos cumprimenta com um aceno respeitoso e abre a porta.

— Sr. De Luca. — Pegó um vislumbre da corôha de uma arma debaixo de sua jaqueta.

— Boa noite, Antonio — meu marido responde.

Caminhamos por um corredor curto, Pierce e Gio seguindo atrás de nós. Ele se abre para uma sala enorme que se parece muito com o que eu imaginei, embora muito bem iluminada do que eu esperava. Jacob me conduz ao longo do perímetro da gigantesca pista de dança que já está cheia de pessoas dançando ao som da música tocada pelo DJ, cuja cabine está quase escondida no canto. Não paramos até chegarmos à parede do fundo.

Lá, nós quatro subimos alguns degraus para chegar a uma plataforma elevada. O estrado do comprimento da parede é separado em três grandes seções isoladas umas das outras, com seu próprio conjunto de degraus para acessá-las. Várias mesas, algumas já com ocupantes, preenchem cada seção. A parede perpendicular pela qual passamos ao longo do caminho é exatamente a mesma.

De onde estou, posso ver o clube inteiro. As duas paredes de cada lado de nós, incluindo a área do bar, estão à vista. Assim como a porta da frente. Me ocorre que, do nosso ponto de vista, ninguém seria capaz de nos surpreender. Faz sentido que seja aqui que Jacob conduziria seus negócios.

— Senhores. — Ele se dirige aos dois homens já sentados à mesa, apertando a mão de cada um enquanto se levantam em saudação. — Peço desculpas pelo meu atraso. Espero que uma de nossas anfitriãs esteja tratando vocês bem? — Pelo que parece, o álcool é abundante, assim como as mulheres.

— Sim, sua hospitalidade é sempre graciosa — um dos homens responde.

— Excelente. — Ele coloca a mão na parte inferior das minhas costas. *Ele pode me sentir tremendo de nervosismo?* — Lorenzo, Mario, deixe-me apresentar minha esposa.

Assim como o porteiro, os dois acenam com a cabeça

respeitosamente, mas nenhum deles tenta apertar minha mão.

— Sra. Ricci.

Não sei onde esses homens se enquadram na hierarquia organizacional de meu marido, mas me lembro das palavras de Jacob sobre ser amigável, mas manter distância. Então eu sorrio educadamente e inclino minha cabeça um pouco.

— É um prazer, senhores.

Jacob estende uma cadeira para mim e nós quatro nos sentamos. Tanto Pierce quanto Giovanni se posicionam atrás de nós, um de cada lado. Tenho certeza de que é intencional e sou grata pelo assento externo. Isso me permite a chance de observar o que está ao meu redor. Distraidamente, ouço a discussão deles, mas não é tão interessante quanto tudo ao meu redor.

Grupos de mulheres dançam juntas, com o ocasional homem corajoso tentando se inserir e tentar que uma das mulheres se junte a ele. Alguns realmente conseguem ter sucesso. Os casais se abraçam, as mulheres se movendo sensualmente contra o homem.

Me mexo um pouco no meu lugar com o pensamento de fazer isso com Jacob. Contorcer-me sinuosamente contra ele, provocando-o enquanto uma música sensual toca ao nosso redor. Em minha mente, ele me gira, segurando meus quadris com força, enquanto eu esfrego minha bunda contra sua ereção. Nós nos movemos para um canto escuro onde ele puxa meu vestido nas costas. Apenas o suficiente para que ele possa deslizar a mão entre as minhas pernas. Estou encharcada e ele facilmente desliza dois dedos dentro de mim por trás.

— Brenna — ouço meu nome. Uma mão quente pousa na minha coxa, e eu estremeço. *Ah, meu Deus.* Minha cabeça se vira na direção de Jacob. Seus olhos estão cheios de calor, como se ele soubesse exatamente o que eu estava sonhando.

Pigarreio.

— Se você me der licença, preciso usar o toilette. — Me levanto sem esperar por sua resposta e desço correndo os degraus. Estou andando em um ritmo rápido, mas lento, quando me ocorre que não tenho ideia de onde é. Me viro para encontrar Giovanni ao meu lado.

Ele gesticula discretamente com um aceno de cabeça em uma direção diferente.

— O banheiro feminino é por ali.

Endireito meus ombros e aceno, quase regiamente.

— Obrigada, Gio.

Com ele ainda me seguindo, finalmente consigo chegar ao meu destino. Várias mulheres realmente saem do meu caminho. O resto, meu relutante guarda-costas encoraja fortemente a se mover. Eu lhe dou um olhar.

— Eu poderia ter esperado.

Ele dá de ombros.

— Sr. Ricci é dono deste clube. Tenho certeza de que ele não gostaria que você esperasse por ninguém.

Sem dúvida ele está certo sobre meu marido imperioso. É um pouco estranho ter esse tipo de poder para algo tão simples como uma ida ao banheiro.

— Estarei aqui fora — Gio diz.

Deixando-o onde está, entro na sala lindamente decorada, equipada com sua própria atendente. Se fosse qualquer outro banheiro de danceteria, imagino que as pias estariam molhadas, toalhas de papel estariam caindo das latas de lixo e espalhadas pelo chão, provavelmente junto com quadrados de papel higiênico. Em vez disso, este me lembra um banheiro chique de hotel. Cheira a limpo e é praticamente impecável.

Rapidamente entro em uma das baias vazias e cuido dos meus negócios. Termino de lavar as mãos na pia e me viro para sair. Quase colido com uma morena escultural vestida com um vestido vermelho que parece pintado. Uma onda de inveja me invade ao ver como ela fica bem nele.

— Sinto muito — peço desculpas.

Seu olhar afiado viaja sobre mim, a expressão desdenhosa em seu rosto distorcendo seus lindos traços. Quase recuo com a força dele, mas consigo me manter firme.

— Então — ela continua olhando para mim, e não apenas porque ela é alguns centímetros mais alta do que eu. — Posso ver por que ele deixou você em sua noite de núpcias.

— Desculpe? — *Quem é essa mulher e do que ela está falando?*

— Emilio certamente fez um mau negócio tendo que se casar com você. Não é de admirar que ele tenha me encontrado aqui naquela noite.

Respiro fundo. A... vadia na minha frente sorri de satisfação. Uma resposta adequada me escapa. Se Caitlín estivesse aqui, ela xingaria tão alto e abundantemente, dizendo coisas que eu não poderia nem conjurar, e então ela provavelmente socaria aquele sorriso malicioso no rosto dessa mulher. Eu? Não tenho nada a dizer. Em vez disso, passo ao redor dela, com cuidado para não esbarrar nela, e saio do banheiro feminino enquanto tento manter minha cabeça erguida.

Gio está do lado de fora da porta. Ele dá uma olhada no meu rosto e se endireita.

— O que houve?

— Nada — balanço minha cabeça e continuo andando.

— Brenna...

Eu giro sobre ele.

— Pare de falar — estalo. Arrependimento instantâneo me preenche, mas não me desculpo. É tudo o que posso fazer para conseguir manter a compostura. Passos raivosos e cheios de dor me levam pelo curto corredor e pela porta da frente.

O carro ainda está parado lá. Eu subo no banco de trás, provavelmente mostrando minha bunda para qualquer um que esteja prestando atenção. Giovanni fica atrás do volante. Eu encontro seu olhar preocupado no espelho retrovisor.

— Me leve para casa. — O encaro quando ele não liga o carro. Finalmente, o motor acelera e deixamos o odiado clube para trás.



CAPÍTULO 27

Jacob

Meu olhar acompanha a figura de minha esposa enquanto ela se afasta. Antes de ela sair correndo, cheirei sua excitação. Duvido que mais alguém tenha notado, mas eu certamente sim. É um perfume que me viciiei na última semana. É quase como se ela tivesse me marcado com isso. *O que ela estava pensando?* Volto minha atenção para Lorenzo, que ainda está falando.

— Paulie expressou algumas preocupações em relação ao acordo que deve acontecer amanhã — diz.

— Que *preocupações* ele parece ter? — Há um tom brando na minha pergunta. Pierce é a única pessoa que pode ouvir a raiva mal controlada por trás disso. Não vou dar a esses homens nenhuma razão para acreditar que há descontentamento dentro da organização, mas terei uma conversa cara a cara com meu tio postigo assim que este acordo for concluído. Seu comportamento já beirava a traição muitas vezes.

Lorenzo troca um olhar com Mario, que responde.

— Ele recebeu informações de que os russos estão planejando superá-lo na remessa de itens vindos do exterior. Não podemos nos dar ao luxo de perder dinheiro com esse negócio. Tenho certeza que você entende.

— Garanto a vocês que ninguém perderá um centavo. Na verdade...

Todo o meu corpo fica atento. Que porra Mikhail Popov está fazendo no meu clube? Seu sorriso é arrogante, e ele me oferece uma saudação zombeteira antes de se sentar e pegar a taça de champanhe do centro da mesa. Ele se inclina para trás, o tornozelo cruzado sobre o joelho, e toma um gole casual.

À minha direita, meu primo vibra de raiva. Lorenzo e Mario se viram para ver o que capturou meu olhar. Ambos os homens giram de volta em minha direção, mas meu foco permanece em nosso maior inimigo. A raiva se transforma em pânico. Onde está Brenna? Ela e Gio já não deveriam ter voltado? *Porra.*

Calmamente, falo com Pierce.

— Vá encontrar minha esposa.

Sem discutir, ele desce as escadas e desaparece na multidão. Do bolso interno do meu terno, meu telefone toca. Eu pego o aparelho e deslizo a tela antes de levá-lo ao meu ouvido. O sorriso de Popov se alarga.

— *Jacob!* — Brenna grita do outro lado. Em seguida, a chamada é encerrada.

Desço as escadas antes de minha próxima respiração, movendo-me rapidamente pelo clube. Meu único pensamento é encontrar a porra da minha esposa. Ligo para Pierce.

— *O que foi?* — responde.

— Eles estão com Brenna. Encontre-me lá fora.

— *Porra.*

Abro o aplicativo de rastreamento no meu telefone para obter uma localização. A pequena luz azul está piscando. Abro a porta da frente e encontro Pierce andando perto do carro. Nós dois pulamos para dentro.

— Vá em direção à Flushing Avenue — rosno para Aurelio. Continuo dando instruções, tentando não pensar no que eles podem ter feito com Brenna. Nosso motorista entra e sai do trânsito, fazendo curva após curva até que finalmente paramos. Luzes piscando iluminam o céu noturno. Carros de polícia, caminhões de bombeiros e uma ambulância cercam o veículo preto esmagado. Eu mergulho para fora da porta. Um policial interrompe minha tentativa de contornar a

barricada.

— Tire suas mãos de mim — estalo. — Minha esposa estava naquele carro.

— Bingham, deixe-o passar.

O jovem policial de rua se vira. Parado perto da cena está um oficial de terno. Alguém que por acaso está na minha folha de pagamento. Ele gesticula com dois dedos para eu passar. Deslizo sob a fita na altura da cintura e me junto a ele.

— Onde está minha esposa? — Tento controlar o pânico em meu tom. — O motorista?

Ele balança a cabeça.

— Ela não estava aqui quando cheguei ao local. De acordo com o policial, a única pessoa no veículo era um homem de vinte e poucos anos com vários ferimentos de bala. Eles estão prestes a transportá-lo para Wyckoff Heights Medical. Não tenho certeza se ele vai sobreviver. Sinto muito, mas não sabemos onde está sua esposa.

— O rio ficará vermelho com o sangue que eu vou derramar se algum mal acontecer a ela — juro e, sem outra palavra, volto para onde Pierce espera. — Os bastardos estão com Brenna, e eles deixaram Gio para morrer. — Entramos no carro. — Leve-nos para a casa de meu pai.

Ele governou este sindicato por quarenta anos. As famílias são leais a ele. Nossos parceiros de negócios são leais a ele. Ele tem as conexões que ainda não fiz. A confiança que ainda não construí. Esta é a vida da minha esposa. Não tenho muito orgulho de pedir orientação e ajuda ao meu pai.

— Quem diabos deixou Mikhail Popov entrar no meu clube? — cuspo. — Não pode ser coincidência que ele apareça na mesma noite em que temos uma reunião com Lorenzo e Mario. Ele sabia que estaríamos lá. O que significa que alguém contou a ele.

— Quem sabia sobre a reunião?

— Só você e Giovanni — balanço minha cabeça. — Não, meu pai também sabia.

Desde o momento em que voltei ao Brooklyn, minha lealdade e compromisso com o dever foram questionados. Certamente ele não usaria isso como algum tipo de teste? Juro por Cristo, se é culpa dele que Brenna foi levada, vou matá-lo. Meu pai ou não.

Paramos em casa. Várias luzes estão acesas, apesar da hora

tardia. Salto do veículo e subo os degraus de dois em dois. Não bato ou espero Marta. Em vez disso, uso uma chave que não uso há mais de sete anos. Pierce entra atrás de mim. Vozes altas vêm do segundo andar. Silenciosamente, subo, retirando minha arma. Nós as seguimos até o escritório de meu pai. A porta está entreaberta.

— Essa aliança foi um erro. Seu filho continua deixando os russos ganharem poder. Ele assume riscos desnecessários que falham em colher qualquer recompensa. Os Reis do Brooklyn não são temidos como eram antes de os capitães jurarem fidelidade a ele. Há um mal-estar nas famílias — a voz do meu tio postiço vaza pela fresta.

— A aliança não está mais em debate. Está feito. Você ainda pode ser um de nossos conselheiros mais confiáveis, Paulie, mas meu filho é o chefe de nossa organização. — Há firmeza na voz do meu pai. — Se houver mal-estar, então ele o consertará.

— Emilio não tem forças para consertar nada. Ele é fraco. Ele fugiu há sete anos, em vez de fazer o que deveria ter feito. Que era aceitar seu direito de primogenitura. Tornar-se o futuro governante deste sindicato.

— Observe como você fala do meu filho. Você jurou lealdade a ele junto com o resto dos chefes de família. Não traia esse voto.

— Eu nunca trairia esta família — Paulie rosna. — Tudo o que já fiz foi pela organização. Tudo. Seu filho está destruindo tudo o que construímos. Ele não está apto para governar este sindicato. Nós dois sabemos que ele nunca quis isso em primeiro lugar.

— Não importa o que ele queira ou não. Emilio conhece seu dever.

— Dever? — Paulie zomba. — Seu filho não tem ideia do que isso significa. Se tivesse, teria agido de acordo quando cuidei daquela distração, sete anos atrás.



CAPÍTULO 28

Brenna

Meus olhos estão surpreendentemente secos. Não consigo nem chorar. Em vez disso, olho pela janela, a cidade sem foco passando por nós. Tento lembrar da minha noite de núpcias. Jacob me tocando, então correndo para fora da porta. Ele havia saído por horas e, quando voltou, já era tarde. Pensando bem, é a única vez que me lembro de ter visto seu terno de corte perfeito amassado. Até a gravata estava torta. Ele ignorou minha pergunta sobre como cuidar de seus negócios. Tento me lembrar se senti algum perfume, mas a lembrança daquela noite não é clara o suficiente.

— Brenna — Giovanni chama gentilmente do banco da frente. Suspiro de tristeza.

— Sim, Gio?

— Você está pronta para falar sobre o que aconteceu lá dentro? Sua pergunta acende algo dentro de mim.

— Você estava esperando do lado de fora da nossa casa na noite do meu casamento?

— Sim — responde, a confusão evidente em seu tom, como se ele não tivesse certeza de por que estou perguntando.

— Onde você levou meu marido naquela noite?

— Ele me pediu para levá-lo ao Divine — diz isso tão

casualmente como se não estivesse destruindo meu coração.

Meu peito dói com sua resposta. Quero fazer mais perguntas, mas duas coisas me impedem. Quero saber as respostas e confio em Gio para me dizer a verdade? Apesar de nossa amizade crescente, ele ainda é empregado de Jacob antes de ser meu amigo. O conselho de minha mãe volta para mim. *Seja uma boa esposa*. Porque é isso que *ela* é.

Uma boa esposa. Uma boa mãe.

Exceto que, eu não sou ela. Nunca serei como ela. Ela está feliz em ficar em casa esperando pelo meu pai. Eles estão ambos felizes com esse arranjo. Funciona para eles.

Não funciona para mim.

— No banheiro, uma mulher se aproximou de mim — começo. — Alta, cabelo castanho, linda. Eu não sei quem ela é, mas ela certamente sabe quem eu sou. Ela me disse que Jacob a encontrou lá naquela noite.

— Isso é uma porra de uma mentira! — Gio estala. Sem hesitação. Nenhuma prevaricação culpada. Eu amaldiçoo a maneira como meu coração se agita.

— Como você sabe? — pergunto, tentando manter a esperança fora da minha voz.

— Porque eu estava ao lado do sr. Ricci o tempo todo que ele estava lá. A única vez que ele ficou fora da minha vista foi por menos de cinco minutos que levantou para ir ao banheiro masculino e depois voltar. Ele se sentou no mesmo lugar de hoje à noite, bebeu alguns uísques e conduziu os negócios como sempre faz.

Abro a boca para responder, mas meu corpo é violentamente jogado no carro. Em vez disso, um grito irrompe. Eu bato na porta. Minha cabeça bate na janela com força, e sinto um zumbido nos ouvidos. Minha visão está embaçada. Um gemido vem do banco da frente.

— Gio? — tusso, mas não há resposta.

A porta se abre e alguém me agarra pelos cabelos. Eu grito de dor quando sou arrastada para fora do carro. Meus membros estão descoordenados e caio no chão, mas sou puxada para ficar de pé. Meu agressor me joga contra a lateral do carro e me prende com seu peso. Ele se esfrega contra mim, sua respiração quente em meu ouvido. Alguém do outro lado do carro grita com ele em uma língua estrangeira.

Os dois discutem e ele pula para trás, me puxando com ele. Minha cabeça está latejando por ter sido sacudida.

O segundo homem abre a porta do lado do motorista e dispara vários tiros no veículo.

— Gio! — grito. Sou prejudicada pelo meu esforço.

Estou sendo puxada para um grande SUV preto. Eu tento olhar por cima do meu ombro para localizar Giovanni, mas meu captor me joga no banco de trás e sobe atrás de mim, fechando-nos. O segundo homem mergulha atrás do volante. Os pneus cantam enquanto vamos para longe. Encolho-me no canto, querendo me tornar menor e o mais invisível possível. O sequestrador ao meu lado pega seu telefone. Ele fala rapidamente. Tenho quase certeza de que é russo.

A ligação termina e ele se vira para olhar para mim. Há pura maldade em seu rosto. Ele faz outra ligação e a coloca no viva-voz.

— Grite pelo seu marido — ordena e então aperta meu peito. Eu me debato para me afastar dele, mas ele é muito forte. Uma música fraca vem do telefone como se tivesse sido atendido.

— Jacob! — grito a plenos pulmões. Ele libera seu aperto punitivo em mim e encerra a ligação. Lágrimas escorrem pelo meu rosto. Ele não me toca novamente, mas continua me olhando de soslaio. Estou tão concentrada em observá-lo que presto pouca atenção para onde estamos indo. Em pouco tempo, paramos em uma garagem. É longa e sinuosa. Finalmente, chegamos a um portão seguro.

Ele se abre e continuamos ao longo do caminho até chegarmos a um grande prédio branco ou cinza. Há pouca iluminação, então não posso dizer no escuro. O motorista para em frente à entrada. Meu sequestrador agarra meu braço, seus dedos cravando com tanta força que tenho certeza que vou ficar machucada por dias. Pelo menos ele está dando um tempo para o meu cabelo.

Sou arrastada pelo prédio, tropeçando enquanto tento acompanhar o ritmo deles. O medo é meu único companheiro. Eles vão me matar? Me estuprar? Eu choramingo com o pensamento. Meu coração grita por Jacob. Essas pessoas já tiraram uma esposa dele.

Chegamos a uma sala fria e sem janelas e eles me jogam para dentro. Ouve-se um clique e, em seguida, um zumbido baixo antes que uma luz do teto pisque. Ele escurece, depois aumenta o brilho antes de escurecer uma fração e permanecer naquele semibrilho.

Me viro para encarar os dois homens que me sequestraram. Estou tremendo.

— Tire a roupa — o de aparência maligna ordena.

— Não. — Meu marido disse que eu era corajosa e é hora de provar isso.

— Eu não vou te dizer de novo.

Meu olhar cheio de ódio queima nele.

— Não — repito.

Em dois passos, ele diminuiu a distância entre nós e um estalo soa. Minha cabeça vira para o lado. O sangue enche minha boca e a dor se espalha pelo meu rosto. Não tenho tempo para reagir antes que mãos rudes rasguem meu vestido do meu corpo. Eu soco e chuto, gritando com todas as minhas forças. Outro golpe atinge minha cabeça. Mais roupas se rasgam e então estou nua diante deles, meus saltos escorregando de meus pés.

Eu me cubro com os braços o melhor que posso e lambo o líquido salgado dos meus lábios. Meu olho esquerdo já está inchando e minha bochecha está latejando. Um martelar continua dentro da minha cabeça.

— A menos que você deseje que Nestor encontre maneiras muito mais dolorosas de fazê-la cooperar, recomendo que você ouça suas instruções — o segundo homem que permaneceu parado perto da porta o tempo todo diz.

Fecho minha boca com força, mas lanço os dois com meu olho mais maligno. O homem chamado Nestor só parece se divertir comigo.

— Fique à vontade. Nosso chefe deve estar aqui em breve.

Ambos se viram e fecham a porta atrás deles, me deixando sozinha. A trava engata e fica completamente silencioso aqui. Meu olhar percorre a sala. É desprovido de qualquer coisa, exceto uma única cadeira e uma laje de mármore na altura da cintura que evito olhar por muito tempo. Não me atrevo a pensar para que poderia ser usado.

Só para ter certeza, corro pela sala e tento mover a porta, mas ela não se move. Estou definitivamente presa. Dou alguns passos para trás e tento cobrir minha nudez novamente, apenas no caso de alguém estar olhando. Meus olhos examinam o teto em busca de sinais de uma câmera, mas nada se destaca. Eu me movo para ficar no canto e fico de olho na porta.

Um calafrio me percorre e estremeço. Meus pensamentos se voltam para meu marido. Jacob deve estar louco de medo e preocupação. Não duvido que ele vá me encontrar, mas só espero que não seja tarde demais. Não tenho ideia de quais são os planos do russo. Tenho que ser corajosa. Não importa o que eles façam comigo. Eu tenho que sobreviver.

Fico tanto tempo em pé que meus pés começam a doer e a exaustão me domina, mas não saio do meu lugar. Estou com frio e com sede. A fechadura chacoalha, e me viro em atenção. A porta se abre e vejo um homem desconhecido. Atrás dele estão Nestor e meu outro sequestrador. Este deve ser o chefe deles. Ele poderia ser atraente como um cavalheiro mais velho, com cabelos loiros e um rosto bem barbeado. Ele é mais alto que os outros dois e menos barrigudo. É o sorriso dele que envia terror através de mim. Este é um homem que não hesitará em me matar.

— Bem-vinda, sra. Ricci. Eu sou Mikhail — ele me cumprimenta com um leve sotaque russo, como se estivéssemos em algum compromisso social que ele está organizando. — Talvez você queira se sentar.

— Não, obrigada. Prefiro ficar de pé.

Aquele sorriso doentio se contorce.

— Peço desculpas por ter dado a impressão de que era um pedido.

Com apenas a menor hesitação, avanço com as pernas trêmulas e me sento na cadeira. Cruzo um braço sobre o peito e coloco o outro no colo, me protegendo.

— Agora, isso não é mais confortável?

Eu não respondo. Mikhail começa a andar para frente e meus olhos seguem cada movimento seu. Ele me circunda, e o perco de vista até que ele volte. Seu olhar me avalia de uma forma que me faz estremecer. Meu medo parece agradá-lo.

— Seu marido parecia muito preocupado com você no Divine. Imagine como meus homens ficaram surpresos quando você nos apresentou a oportunidade perfeita para... pegá-la, deixando o clube sozinha.

Eu gostaria de nada mais do que dar um soco naquele sorriso malicioso de seu rosto, mas então suas palavras me deixam paralisada.

Ah, Deus. Isso é minha culpa? Se eu não tivesse saído furiosa e, em vez disso, perguntado a Jacob o que aconteceu em nossa noite de núpcias, talvez eu não tivesse sido levado e Gio não estaria morto. Luto contra as lágrimas.

— Minha fonte interna me disse que você e seu marido se tornaram próximos — continua. — Isso o torna vulnerável. Fraco. Quando um homem é fraco, fica muito mais fácil entrar e pegar o que é dele.

— Jacob não é fraco — falo, incapaz de deixar passar o insulto ao meu marido. — Ele é mais forte do que você pensa, e posso prometer que você nunca será capaz de tirar nada dele.

Aquele sorriso frio e mortal retorna. Um punho voa pelo ar e bate no meu rosto, me derrubando da cadeira. Eu caio no chão e tudo fica escuro por um momento. Mãos ásperas me puxam para cima e me jogam como uma boneca de pano na laje de mármore. Estou muito desorientada para lutar. Quando a escuridão dentro da minha cabeça desaparece e a luz entra em foco, pisco com o brilho. Nunca senti tanta dor antes na minha vida. Estou tendo dificuldade para respirar pelo nariz. Me pergunto se está quebrado.

Tento me mover. Descontroladamente, me debato. Estou deitada de costas como uma águia, meus braços e pernas bem presos. Empurro todos os meus membros e a corda arranha minha pele.

— Não está tão confiante agora, não é?

Minha cabeça vira para a direita para encontrar Mikhail parado ao meu lado. Foi-se qualquer tipo de gentileza que ele exibia vagamente antes. Este é o inimigo de Jacob.

— Seu marido acha que pode se casar com você e isso lhe dá algum tipo de poder? Que ele pode matar meus homens e eu não vou retaliar? Os russos são donos do Brooklyn. Os italianos e os irlandeses são apenas pestes que nos irritam. Somos nós que temos o poder nesta cidade. Aqueles que controlam as coisas. Emilio Ricci não consegue nem controlar sua própria organização.

Mikhail puxa uma faca e eu me encolho de medo.

— Ele também não consegue manter sua linda esposa sob controle. — Ele coloca o lado plano da lâmina contra minha bochecha. Eu paro de respirar, com medo de mover uma única polegada.

Lágrimas escorrem dos cantos dos meus olhos. Vou morrer.

Lentamente, ele desenha a ponta afiada da navalha em minha mandíbula, aquele sorriso maligno aparecendo em seu rosto novamente. Ele continua movendo-a ainda mais ao longo do meu pescoço.

— E eu peguei algo dele. Você. — Ele pontua a última palavra com um pequeno movimento de sua mão. Eu assobio com a pontada de dor. A mão livre de Mikhail se estende. Ele desliza um dedo pela minha pele e o leva até a boca. Eu me estremeço. A ponta dela está coberta com meu sangue. Ele lambe tudo, deixando a ponta do dedo brilhando de saliva. A bile sobe em minha garganta e eu a engulo de volta.

A ponta da lâmina deixa meu pescoço. Quase suspiro de alívio. Até que ele começa a traçá-la levemente ao longo do meu peito. Ele circula um, depois o outro, deslizando suavemente a lâmina afiada na minha pele. Me encolho quando ele adiciona um pouco mais de pressão. Contra a minha vontade, mais lágrimas correm mais rápido. Mikhail desenha uma linha no meio do meu peito, uma pequena quantidade de sangue correndo para a superfície, até que finalmente afasta a faca do meu corpo.

Ele olha para mim com puro ódio. Seu rosto está ligeiramente borrado pelas lágrimas, mas sua expressão é claramente visível.

— Isso é tudo culpa do seu marido. Quero que pense nisso enquanto está deitada aqui.

Então ele e os outros dois homens desaparecem porta afora, desligando a luz ao sair e me deixando na escuridão.



CAPÍTULO 29

Jacob

A raiva fria quase me cega. Abro a porta e aponto minha arma para o homem que chamei de tio.

— O que diabos você quer dizer com “cuidou”? — rosno.

Paulie olha para mim com desdém, seus lábios curvados, mas sem medo.

— Fiz o que precisava ser feito.

Eu me viro para o meu pai.

— Você sabia sobre isso? Foi por sua palavra que ele assassinou minha esposa?

Ele balança a cabeça parecendo muito mais velho do que da última vez que estive aqui.

— Não. Juro pela minha honra, não sabia nada sobre isso. Ela era sua esposa?

— Sim — cuspo. — Nós íamos contar a você, mas então tudo aconteceu com Francesca.

— Meu Deus, filho. — Há um fio de simpatia em seu tom.

Me viro para o traidor na minha frente, minha arma apontada diretamente para ele.

— Por quê? — grito.

— Fui leal a este sindicato toda a minha vida. Está no meu

sangue. Está no *seu*. E você... — Paulie zomba. — Você ia jogar tudo fora. Virar as costas por uma mulher. Ela te deixou fraco. Livrar-se dela e fazer parecer que os russos o fizeram deveria ter sido o suficiente para fazer você aceitar seu direito de primogenitura. Você deveria buscar vingança e então tomar seu lugar ao lado de seu pai. Em vez disso, você fugiu como um covarde.

A fúria queima minhas entranhas. Este é um homem em quem confiei toda a minha vida. Um homem que chamo de família.

— Não me fale sobre lealdade, seu maldito traidor. Eu nunca iria virar as costas para o sindicato. Você assassinou uma mulher inocente por nada — cuspo.

— No entanto, seu pai precisou morrer para trazê-lo de volta. Caso contrário, você ainda estaria se escondendo. Você não merece governar o sindicato do Brooklyn. Eu sou aquele que deu toda a minha vida a esta organização. Sangrei por ela. Provei minha lealdade de novo e de novo. — Ele bate com o punho no peito, onde está sua coroa. Uma coroa eu vou queimar dele.

— Você vai sangrar por isso, tudo bem. — Disparo uma bala em seu ombro.

Paulie agarra a ferida que sangra. Pierce passa por mim e acerta a coroa de sua arma em seu rosto. Ele cai, inconsciente, no chão.

— Leve-o para o armazém — ordeno. Meu primo arrasta o traidor para fora da minha vista.

Meu pai desmorona cansado na cadeira. Ele perdeu toda a cor do rosto. Sua cabeça cai para o peito e ele embala o rosto nas mãos. Depois de algumas respirações estabilizadoras, ele se levanta. Tanta fadiga mostra em seu rosto.

— Acredito que ele pode estar trabalhando com os russos para minar nossa aliança.

Eu me endireito.

— O quê?

— Muitas coisas que ele disse que não fazem sentido. Não posso ter certeza.

— Mikhail Popov estava no Divine hoje à noite — digo a ele. — A única pessoa além de Pierce e Giovanni que sabia sobre a reunião era você. Você contou a Paulie?

Meu pai assente.

— Compartilhei com ele, sim. Posso não mais comandar o sindicato, mas ele é... *era*... ainda meu confidente mais próximo.

— Os russos estão com minha esposa.

Seus olhos se movem para encontrar os meus.

— Quando? Como?

— Essa noite. Brenna estava comigo no Divine. Não sei porque, mas ela foi embora com Giovanni. Houve um acidente. Eles atiraram em Gio e a levaram. Se você acha que Paulie está trabalhando com eles, então ele pode saber onde eles a estão mantendo.

— É possível.

— Antes que amanheça, saberei para onde ela foi levada.

Meu pai não reconhece minha promessa. A dor emana dele. Por um breve momento, quase sinto uma lasca de arrependimento pelo que preciso fazer para encontrar minha esposa. O melhor amigo de meu pai por mais de trinta anos nos traiu. O traiu.

Não há nada que eu possa fazer para aliviar sua dor. Em vez disso, eu o deixo sozinho com ela. Tenho coisas mais importantes para cuidar.



— Acorde! — Dou um tapa no rosto do traidor.

Paulie geme. Seus olhos se abrem. Ele olha para mim e começa a se debater em suas amarras. Pierce tirou a camisa e amarrou-o firmemente à cadeira. A ferida em seu ombro parou de sangrar.

— Onde está minha esposa? — pergunto.

— Não sei do que você está falando — resmunga.

Num piscar de olhos, agarro seu ombro e enfio meu polegar diretamente no buraco da bala. Ele grita de dor. Eu giro o dedo para frente e para trás, levando-o, junto com a bala ainda alojada dentro, ainda mais fundo. Os gritos ficam mais altos. Finalmente, sua voz falha e fica rouca. Só então eu removo.

Agarro o rosto de Paulie, apertando, e esfrego seu sangue nele.

— Onde. Está. Minha. Esposa?

Ele me encara, silenciosamente, com os olhos cheios de dor. Eu o afasto e libero meu aperto mortal. Na mesa ao lado dele está o equipamento especial que Pierce usa. Ligo o interruptor. Um zumbido

começa. Pego o implemento de aquecimento. Quase se assemelha a uma escova de dentes elétrica, exceto por sua ponta de metal.

— Você sabe o que é isso? — pergunto, meus olhos nunca deixando o objeto enquanto eu movo entre nós para que ele possa ver. — É usado para cauterizar feridas para impedir que sangrem. Posso usá-lo de duas maneiras. Você me diz onde está minha esposa e eu aplico isso naquele buraco nojento que você tem aí. Ou você pode recusar, e isso vai acontecer.

Eu aplico o implemento diretamente na coroa tatuada em seu peito. O cheiro de carne queimada se espalha pela sala e é acompanhado por mais gritos. Eu rolo para frente e para trás em toda a largura da marca. Quando estou satisfeito, o levanto. Onde antes repousava o brasão dos Reis do Brooklyn, a pele está enegrecida e um vermelho ardente a envolve. A respiração de Paulie fica mais rápida. Seu queixo cai.

— Vou perguntar de novo. Onde está a minha esposa?

Ainda assim, ele não responde. Mais uma vez, enfio meu polegar na ferida em seu ombro. Gritos roucos saem de sua boca. Fluidos o seguem. Paulie sussurra algo. Eu me agacho e me aproximo.

— O que foi?

Ele pigarreia.

— Pare.

— Vou parar quando você me disser o que eu quero saber. — Meu dedo afunda ainda mais em sua carne.

— Eu vou te dizer — as palavras saem sufocadas. — Ela está no complexo de Mikhail em Sheepshead. Perto de Bedford.

Arranco meu polegar do ferimento de Paulie e me endireito. Que patético.

— É melhor esperar que ela ainda esteja viva. — Um tiro ressoa. Guardo minha arma e olho para o traidor de nossa família. — Depois que encontrarmos minha esposa, enterre-o.

Cuspo em seu corpo e saio pela porta.



CAPÍTULO 30

Brenna

Estou com tanto frio. Embora talvez isso seja uma coisa boa. Pode estar ajudando a atenuar a dor em meu corpo. Perdi a sensibilidade dos dedos das mãos e dos pés ontem. Pelo menos acho que foi ontem. *Há quanto tempo estou deitada nesta laje dura?* Sem janelas, é um dia sem fim. O tempo só é interrompido pela chegada ocasional de meus raptos.

Eu choraria, mas minhas lágrimas secaram. Além disso, sou Brenna Ricci, esposa de Jacob Ricci, e me recuso a deixar esses bastardos me quebrarem.

Eles estão tentando, no entanto. Junto com meu rosto, meus seios estão machucados. O sangue formou uma crosta ao redor do meu nariz e lábios.

Meu pescoço ainda arde onde Mikhail me cortou. Assim como a ferida em meu peito. O medo deixou minha boca seca. Não pensei que ele fosse parar por aí. Eu não tinha sido estuprada. Ainda não, pelo menos.

A fechadura da porta chacoalha, e me preparo para outra rodada de tortura. Eu dou conta disso. Só tenho que continuar esperando até que Jacob me encontre. Não há dúvida de que ele o fará. Minha única preocupação é que seja tarde demais. Meu coração dói com

a ideia de deixá-lo. *Não, nem pense nisso.*

Ela faz barulho novamente e então o metal enferrujado geme e range quando a porta desliza ao longo do trilho. Quem quer que seja, se mostrará em um momento. Exceto que não há ninguém. Levanto minha cabeça. A sala está vazia, mas uma sombra se move do lado de fora da porta. Ela cresce até que finalmente um menino aparece. Pisco com meu único olho bom, certa de que estou imaginando ele.

Ele corre pelo chão de concreto em minha direção e tira uma faca de suas costas.

Antes que possa gritar, ele bate a palma da mão sobre a minha boca.

— Sinto muito. Não quero te machucar. Estou aqui para ajudar, juro, mas você precisa ficar quieta — ele sussurra asperamente com sotaque russo. Pisco novamente para tentar clarear minha visão. Ah, meu Deus. *Ele* na verdade é *ela*. O que uma mulher está fazendo aqui? Não tenho certeza se devo confiar nela, mas aceno de qualquer maneira. Ela remove a mão e corta a corda que me prende à mesa.

— Quem é você? — sussurro.

Ela balança a cabeça, seu cabelo loiro curto girando sobre as orelhas.

— Não importa quem sou. Temos que nos apressar.

Assim que estou livre, ela me ajuda a sair da mesa e minhas pernas fraquejam. A mulher mal me pega antes de eu cair no chão.

— Apenas me dê um segundo, por favor — imploro. Alfinetes e agulhas perfuram minha pele e cerro os dentes para conter o gemido.

— Nós devemos ir. Agora. — Antes que eu esteja pronta, ela me arrasta para fora do quarto frio e úmido. Tenho plena consciência da minha nudez. As lágrimas que não pude derramar antes escorrem dos meus olhos. Nunca senti tanta dor. Saímos pela porta e seguimos por um corredor curto. Paramos onde é cortado por outro, e ela inclina a cabeça para fora e olha para os dois lados.

Então ela está me puxando de novo, e caminhamos por um corredor. As janelas alinham o corredor no lado esquerdo. Está anoitecendo lá fora. É o primeiro vislumbre que tenho de algo além das quatro paredes de cimento e do teto em que estou presa desde que fui levada. A vista é de um pátio quadrado guardado em cada um dos outros três lados por uma parede com janelas. Mais lágrimas caem.

— Por aqui — a mulher estranha orienta, e fazemos outra curva, depois outra. Cada corredor parece o mesmo. Há uma porta de metal com uma única janela à nossa frente. Ela me solta e tira algo do bolso. Uma chave.

A mulher destranca a porta, abre uma fresta e espia.

— Fique contra a parede. Siga todos os meus movimentos se quiser sair daqui viva. — Aceno em compreensão. Ela abre a porta apenas o suficiente para ela passar. Deslizo através dele em seguida. Estamos na parede externa do prédio. Do outro lado de um grande pátio, há uma alta barreira de tijolos revestindo o perímetro.

Do nada, tiros rápidos começam. Seguem-se gritos de raiva. Em seguida, uma explosão. Como se essa fosse a deixa que ela estava esperando, ela agarra minha mão e me puxa ao longo da parede de cimento.

— Venha — sussurra asperamente.

Empurro e me abaixo conforme os tiros ficam mais altos; quase certa de que a qualquer segundo uma bala vai perfurar minha pele. A textura áspera nas minhas costas arranha minha pele, e assobio de dor. Ela me ignora. Finalmente chegamos ao fim do edifício. Há outra explosão e, desta vez, a parede atrás de mim treme, assim como o chão sob meus pés.

— Temos que nos mexer — ela late. Me puxa com tanta força que tropeço e mal me recupero. Estamos correndo pelo quintal em direção à parede de tijolos. Não posso ir muito mais longe.

O cheiro de fumaça me atinge. Junto com uma enxurrada contínua de balas sendo disparadas.

— Brenna? — alguém grita meu nome.

Congelo. *Jacob*? A mulher continua me puxando, mas eu resisto. Meu olhar está examinando o prédio do qual acabamos de escapar, procurando.

— Brenna? — Meu nome vem de novo, mais alto desta vez.

— Jacob! — grito a plenos pulmões. — Estou aqui.

— O que você está fazendo? — ela sibila.

Me viro para ela.

— É o meu marido.

Mãos ásperas me agarram e me puxam de volta para um peito duro. Um braço forte envolve minha cintura. A outra envolve minha

garganta em um aperto sufocante. Eu chuto e grito, mas a mão aperta minha traqueia, cortando minha respiração.

A mulher ataca o homem que me segura, batendo em suas costas. Ele solta minha cintura e saca uma arma. Ele se volta contra ela.

— *Nyeuzheli ti dumala shto ti tak lehko spasyoshsya, Mila?*

— Mikhail!

O homem me segurando estremece, e lá está Jacob, sua arma apontada para nós.

— Seus homens estão mortos ou morrendo. Liberte minha esposa e talvez eu lhe mostre misericórdia.

Todo o edifício está em chamas. Chamas vermelhas e alaranjadas alcançam o céu, estendendo-se alto como se quisessem tocar as estrelas. A fumaça desliza como uma cobra acima deles.

— Misericórdia? — Mikhail zomba, enfiando a arma na minha têmpora. — Eu não preciso da sua misericórdia. Sou o único com a vantagem aqui.

— Homens mortos não têm vantagens.

Um tiro ressoa e eu grito. O aperto em torno da minha garganta afrouxa e sou derrubada no chão. Um peso cai sobre minhas pernas. Me viro e me afasto do corpo meio deitado sobre mim. Mãos se estendem para mim. Eu soco cegamente, gritando, até que braços fortes amarram meus pulsos.

— Brenna! — Jacob grita.

Empurro minha cabeça para cima. Começo a chorar quando ele gentilmente me ajuda a ficar de pé. Ele me envolve em seus braços. Eu o agarro com força, soluçando em seu peito. Nunca mais quero soltá-lo. Seu abraço se afrouxa e luto para mantê-lo firme.

— Shhh, querida, está tudo bem. Deixe-me tirar minha jaqueta. Você está congelando. — Ele tira o paletó e o joga sobre mim.

Arrepios começam a percorrer meu corpo. Jacob se curva e desliza a mão sob meus joelhos e atrás das minhas costas, me levantando contra seu peito. Me aninho em seu calor, segurando sua camisa com força em meus punhos. Minha cabeça repousa em seu ombro. Lágrimas molham o tecido. Ele me carrega pelo pátio até chegarmos ao carro. Minha cabeça se ergue.

— Ah, Deus, Gio! — grito.

— Ele está no hospital. Os médicos acham que ele vai

sobreviver.

Me afundo em alívio contra seu peito. Com cuidado, ele se acomoda no banco de trás, nunca me soltando. Fico em seu colo, meus arrepios finalmente diminuindo. A viagem é tranquila. Jacob me sacode gentilmente.

— Brenna, querida, estamos em casa.

Abro meus olhos. De alguma forma dormi enquanto ele me carregava até nossa casa. Estamos sentados na beirada da cama.

— Vou preparar um banho para você e limpá-la. O médico do sindicato está a caminho para dar uma olhada em seus ferimentos. Certificar de que você está bem.

Minha cabeça já está tremendo.

— Não, nenhum médico. Eu só quero ficar limpa, e depois quero que você me abrace. Por favor, Jacob.

Ele olha nos meus olhos.

— Ok. Vou mandá-lo embora quando ele chegar aqui. Você vai ficar bem enquanto preparo o banho?

Tomo uma respiração instável.

— Vou ficar bem.

Um beijo pressiona minha testa. Jacob me senta na cama e vai para o banheiro. Puxo sua jaqueta mais apertada em volta de mim e inalo seu cheiro. Olho em volta e preciso me lembrar de que estou segura com meu marido. Mikhail está morto. Ele não pode me machucar.

Em pouco tempo, Jacob entra no quarto novamente. Me levanto e ele me ajuda a atravessar o quarto. Joga a jaqueta no chão e segura minha mão para me firmar enquanto entro na grande banheira. Me acomodo na água quente com um suspiro. Um respingo atinge meu braço. Seguido por outro. Então, outro. Puxo meus joelhos para meu peito e balanço. *Por que não consigo parar de tremer?*

— Porra, Brenna.

Ruídos ásperos vêm de perto. Uma perna nua entra na água ao meu lado. Então estou sendo empurrada para a frente e Jacob entra na banheira atrás de mim. Ele embala meu corpo com o dele e me puxa com força contra seu peito. Braços fortes me envolvem completamente, me segurando com segurança. Ele sussurra bobagens em meu ouvido enquanto continuo a chorar. Minhas lágrimas escorrem e a água esfria

antes de finalmente sairmos.

Com a delicadeza de um bebê, ele me enxuga com uma toalha e me carrega para a cama. Jacob me abraça e puxa os cobertores sobre nós. Meus olhos logo se fecham. Pouco antes de adormecer, juro que ele sussurra uma última vez em meu ouvido.

— Eu te amo.

Eu também te amo, é meu pensamento final.



CAPÍTULO 31

Jacob

Como todas as manhãs desde o início do meu casamento, acordo para encontrar os membros de minha esposa emaranhados nos meus. Algumas vezes durante a noite tive que tranquilizá-la de que estava segura. Depois de descobrir a traição de Paulie e obter o local onde os russos estavam mantendo Brenna, liguei para seu pai e irmãos. Os italianos e os irlandeses desceram juntos como Hércules e Iolaus.

Quando o sol se pôs totalmente, todo o edifício parecia uma casca enegrecida e queimada. Os corpos dentro reduzidos a nada além de cinzas. Levaria anos para os russos recuperarem qualquer fragmento de poder que pensavam ter. Eu planejava lembrá-los com frequência quem realmente governa esta cidade. Com minha esposa ao meu lado.

Deito na cama segurando Brenna perto, respirando seu doce perfume. Ela se mexe e se sacode acordando.

— Está tudo bem — asseguro a ela apesar da raiva assassina que toma conta de seu rosto machucado pelos golpes. — Você está segura.

— Estava com medo de que você vindo atrás de mim fosse apenas um sonho, e eu ainda estivesse amarrada naquela sala. — Ela estremece e se aconchega mais perto. — Não sei se algum dia vou me sentir quente de novo.

— Você irá. Só vai levar tempo.

Ela acena contra o meu peito. Um silêncio se instala entre nós. Depois de um momento, ela o quebra.

— Eu sabia que você me encontraria. Isso é o que me manteve lutando. Não importava o que eles fizessem comigo ou como me machucassem. Eu só tinha que continuar sendo corajosa até você chegar.

Jesus, as palavras de Brenna me matam. Minha corajosa esposa. Sinto-me humilde por sua fé em mim.

— Eu te disse. Eu mataria qualquer um que tocasse em você.

— Como você me achou? — pergunta.

— Aparentemente, o *consigliere* de meu pai estava trabalhando com os russos. Assim que descobri sua traição, eu... o convenci a me dizer onde eles estavam mantendo você.

Sua cabeça inclina para trás e ela encontra meus olhos.

— Por “convencer”, suponho que quer dizer que o torturou.

Hesito. Jurei ser honesto com ela e mantive esse voto. Mas isso deveria ser um fardo de conhecimento que ela carrega? *Brenna é mais forte do que as pessoas acreditam*. Não quero colocá-la de volta naquela bolha protetora que ela despreza. Ela também não ia querer que eu o fizesse.

— Sim — digo depois de um momento.

— Você queimou a tatuagem dele? — Brenna pergunta.

— Sim — repito.

— Bom — ela diz com veemência.

Debato contar a ela o último, mas é outra verdade que ela merece.

— Foi ele também quem matou Ellie. Não foram os russos.

— Então estou ainda mais feliz por ele estar morto e enterrado. Que apodreça no inferno. — Ela descansa a cabeça no meu peito novamente.

Meu Deus, eu amo essa mulher.

— Por que você foi embora do Divine?

Sua respiração sopra em minha pele.

— Foi estúpido. Eu não deveria ter feito isso. — Inclino seu queixo para cima com um dedo. Seu olhar percorre meu rosto antes de se fixar na metade inferior dele. — Quando fui ao banheiro feminino,

havia uma mulher bonita lá. Ela me disse que em nossa noite de núpcias você a encontrou no clube.

Meus olhos se fecham por um momento. *Porra*. Eu os abro novamente e olho para ela.

— Brenna — digo, esperando até que seus olhos encontrem os meus. — Juro pelo túmulo de minha mãe que ela mentiu para você. Desde o momento em que nos casamos, você foi a única mulher em quem toquei.

— Acredito em você. Ela apenas me pegou de surpresa. Me desculpe por ter saído sem falar com você primeiro. Talvez nada disso tivesse acontecido.

Balanço minha cabeça.

— Se não tivesse acontecido ontem à noite, teria acontecido outra hora. Paulie e os russos estavam tentando quebrar a aliança entre nossas famílias. Você sempre seria um alvo.

— Ah, meu Deus, meus pais — Brenna suspira. — Eles sabem o que aconteceu?

— Sim, mas sabem que você está segura. Seu pai e seus irmãos estavam no complexo conosco ontem à noite. Você pode ligar para eles mais tarde ou, se quiser, podemos ir visitá-los.

Ela cai contra mim em alívio óbvio.

— Se minha família estava lá, isso significa que você destruiu a Hydra?

— Cada cabeça cortada e enterrada — digo.

Ela assente com a cabeça com satisfação.

— Não acho que sobreviveria se alguma coisa acontecesse com você. — Esfrego meu polegar sobre sua bochecha.

Brenna coloca a mão sobre a minha.

— Nada vai acontecer comigo. Você não vai deixar.

— Você nunca deixa de me surpreender. — Meus olhos examinam seu rosto. — Eu te amo.

Ela se inclina e roça os lábios nos meus.

— Eu também te amo. Mais do que jamais pensei ser possível — murmura contra eles.

Eu a puxo para mais perto e aprofundo o beijo. Ela me encontra. Ficando ainda mais aquecida. Então, Brenna me empurra de costas. Antes que eu possa adivinhar sua intenção, joga uma perna sobre mim

e monta na minha cintura. Ela se equilibra com as palmas das mãos no meu peito. Eu olho para ela — minha rainha — e agarro seus quadris com força.

Jogando o cabelo sobre um ombro, Brenna se abaixa e reivindica meus lábios novamente. O beijo dura para sempre até que ela se levanta. Com uma cativante falta de coordenação, ela pega meu pau e se abaixa com um gemido sensual. Cerro os dentes e tento não gozar. Sinto sua necessidade de controle. De poder. Sou impotente contra isso. Neste caso, vou concedê-lo a ela.

Seus quadris rebolam e minhas mãos ajudam a guiá-la. Ela rapidamente pega o ritmo perfeito. Se move sobre mim, rolando sua pélvis, criando sua própria fricção contra seu clitóris. Seu ritmo fica frenético. Encontro seus impulsos para baixo com os meus. Um rosnado ressoa em meu peito. Estendo a mão entre nós, tocando aquele feixe de nervos, e logo ela joga a cabeça para trás. A boca de Brenna se abre em um grito. Sua liberação desencadeia a minha, e estoco para cima, forte, meu gozo explodindo dentro dela.

Brenna cai contra o meu peito, respirando pesadamente, e permanece em cima de mim. Nossos corpos permanecem conectados enquanto sua pele fica gelada. Puxo o cobertor sobre nós e envolvo meus braços em torno dela. Ficamos deitados ali, o cheiro de sexo nos cercando. Seus dedos delicados traçam minha tatuagem.

— Acho que quero uma dessas — ela diz. — Não no meu peito, mas em algum lugar.

Suponho que seja apropriado. Se sou o rei do Brooklyn, então Brenna é a rainha do Brooklyn e merece uma coroa própria.



EPÍLOGO

A porta se abre sem fazer barulho. Fecho-a com força e tranco-a atrás de mim. O corredor estreito é iluminado apenas por duas fileiras de pequenas luzes de espalhadas pelo chão, como o corredor de um avião. Cheira a mofo e a terra. Minhas solas de couro pisam silenciosamente enquanto desço a passagem. Uma rajada fria de ar patina na parte de trás do meu pescoço.

A duzentos passos, chego a uma segunda porta. Tirando a chave do bolso, abro para uma grande sala. Uma enxurrada de russo é cuspidada em mim pela mulher amarrada a uma cadeira no centro dela. Ela é como um maldito gato selvagem. Por trás da raiva que detectei apenas como um truque, sinto o cheiro do medo. Terror puro e não adulterado. Porque eu sou o verdadeiro predador aqui, e ela sabe disso.

Encosto-me no batente da porta, de braços cruzados, enquanto espero que seus insultos acabem. Meus olhos a contemplam por incontáveis minutos. Cabelo loiro curto e bagunçado que parece que ela mesma cortou. Em qualquer outra pessoa sem as feições de elfo que ela possui, poderia passar pelo corte de cabelo de um menino. Se seu rosto não estivesse visível, ela poderia facilmente ser confundida com um. Sem curvas para mencionar. Reta do peito aos quadris com seios quase inexistentes. Apesar disso, ainda quero transar com ela.

Não porque esteja atraído por ela. Mas porque a porra doentia dentro de mim se excita com o medo das pessoas.

Sentir o cheiro dela deixa meu pau duro como pedra. É a primeira vez que um inimigo me excita.

— Já terminou? — pergunto quando ela faz uma pausa para respirar.

Ela estala a boca fechada e olha para mim.

— Me deixe ir. Já te disse, não sei de nada.

Não acredito nela. Ela sabia o suficiente sobre aquele complexo para tirar Brenna de lá. O fato de ela ser russa a torna uma mentirosa. Ela sabe de alguma coisa, e farei o que for preciso para obter as informações que desejo. Até ir para a cama com o inimigo.



AGRADECIMENTOS

Sempre tenho uma enorme lista de pessoas a agradecer e também sempre fico com medo de ter esquecido alguém.

Agradeço às minhas incríveis amigas autoras, Eliza Gayle, Julia Sykes, Autumn Jones Lake e Sybil Bartel. Vocês são as melhores.

À minha revisora, Dayna Hart, da Hart to Heart Editing. Você sempre está ao meu lado!

Um grande obrigada a Valeriy Khachaturyan e Anna Zaires por me ajudarem com minhas frases em russo.

Obrigada a todos os meus leitores. Sejam aqueles que acabaram de me conhecer ou aqueles que me apoiam livro após livro. Você que ficou comigo ao longo dos anos. Aprecio todos vocês mais do que posso colocar em palavras.



SOBRE A AUTORA

LK Shaw é fisioterapeuta assistente durante o dia e escritora/viciada em redes sociais à noite. Ela mora na Carolina do Sul com sua amada beagle, Miss P, que provavelmente deveria ter sua própria conta no Instagram. Leitora ávida desde a infância, tornou-se viciada em romances históricos no ensino médio. Ela agora lê e adora todos os subgêneros de romance, com romance erótico e suspense romântico sendo seus favoritos. LK gosta de viajar e de chocolate. Seus livros apresentam heróis alfa atraentes e as mulheres fortes que eles amam.

REDES SOCIAIS

www.instagram.com/lkshaw_author

www.facebook.com/AuthorLKShaw

www.lkshawauthor.com



<https://www.grupoeditorialfive.com>

<https://www.instagram.com/editorafive>

<https://twitter.com/EditoraFive>

<https://tiktok.com/@editorafive>